

Pâmela Guimarães da Silva

**NÃO FOI APENAS UM BEIJO:  
O acontecimento *beijo gay* na telenovela *Amor à Vida* e a constituição  
de públicos**

Belo Horizonte  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
UFMG  
Março de 2016

Pâmela Guimarães da Silva

**NÃO FOI APENAS UM BEIJO:**  
**O acontecimento *beijo gay* na telenovela *Amor à Vida* e a constituição de públicos**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação Social.

Área de Concentração: Comunicação e Sociabilidade Contemporânea

Linha de pesquisa: Processos Comunicativos e Práticas Sociais

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Paula Guimarães Simões

Belo Horizonte  
Março de 2016

301.16 Silva, Pâmela Guimarães da  
S586n Não foi apenas um beijo [manuscrito] : o acontecimento  
2016 beijo gay na telenovela Amor à vida e a constituição de  
públicos / Pâmela Guimarães da Silva. - 2016.  
163 f.  
Orientador: Paula Guimarães Simões.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas  
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.  
Inclui bibliografia

1.Comunicação - Teses. 2.Telenovelas – Teses 3.  
Homossexualidade - Teses.4. Amor à vida (Telenovela) I.  
Simões, Paula Guimarães. II. Universidade Federal de Minas  
Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.  
III.Título.

“NÃO FOI APENAS UM BEIJO: O acontecimento Beijo Gay na telenovela Amor à Vida e a constituição de públicos”

**Pâmela Guimarães da Silva**

Dissertação defendida e aprovada pela banca examinadora constituída pelos professores:

*Paula Guimarães Simões*  
Profa. Dra. Paula Guimarães Simões  
(Orientadora -UFMG)

*Marcio*  
Prof. Dr. Márcio Simeone Henriques  
(UFMG)

*Ângela C.S. Marques*  
Profa. Dra. Ângela Cristina Salgueiro Marques  
(UFMG)

Programa de Pós-graduação em Comunicação Social  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Universidade Federal de Minas Gerais  
Belo Horizonte, 31 de março de 2016.

A Deus, que é exemplo e fonte amor.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, expresso minha real e sincera gratidão a Deus.

Agradeço à minha família, em especial, à minha mãe, Rosemary que sempre priorizou meus estudos (e os da minha irmã). Agradeço por entender minhas escolhas, respeitá-las e, ao seu modo, me incentivar.

Agradeço à Gabi, por escolher ser família, com seu carinho e incentivo. Agradeço, também, à Márcia, Joice e Michele, por se tornarem irmãs.

Agradeço à minha orientadora Paula, pela orientação atenta e cuidadosa. Por entender que, durante todo percurso, conciliei estudo e trabalho. Além disso, deixo registrada minha admiração por sua metodologia de ensino e trato com os colegas e alunos, os quais presenciei mais de perto durante o período de estágio docente e espero poder aplicar à minha futura vida docente. Sua dedicação despretensiosa é admirável.

Agradeço aos meus queridos amigos, docentes e discentes da Faculdade Estácio Sá, que sempre me incentivaram: Idênio Rodrigues, Jéssica Rocha, Waldiane Fialho, Marina Sepulveda, Flávia Costa, Letícia Lins, Gabriela Duarte e, especialmente, ao Diego Quintão.

Pelo incentivo e compreensão constantes, agradeço à Keyla Rosa, Antônio Cipriano, Flávia, Ludmylla, Ana Paula e Fernanda Zhouri.

Agradeço aos colegas que ingressaram na turma de discentes, em 2014, e me acompanharam nessa jornada. Em especial, aos amigos que o mestrado me concedeu: Ana Cláudia, Vivian Campos, Samuel Andrade, Gabriella Hauber, Polyana, Ana Karina e Tamires. Levo vocês para a vida. Agradeço, ainda, ao Arthur Guedes e à Bárbara Caldeira por tornar essa caminhada mais fácil e repleta de afeto.

Agradeço à Universidade Federal de Minas Gerais pela oportunidade de crescimento. Ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social pela qualidade do curso ofertado, pela busca constante de melhoramentos e por, assim, fazer desse curso destaque na área.

Agradeço ao corpo docente que compõe esse Programa: Luciana, pela acolhida que me permitiu ingressar no PPGCOM e por suas contribuições valiosas para meu projeto de pesquisa. Vera e Simone, pela disponibilidade em participar da minha banca de qualificação. A esta última, por seus apontamentos e contribuições valiosas. À Ângela, por fazer do Programa um espaço mais humanizado, por enviar contribuições bibliográficas, pela primeira oportunidade de apresentação e publicação da minha

pesquisa, por fim, por aceitar gentilmente integrar a banca de avaliação final da minha pesquisa. À Rousiley, pelo ensino cuidadoso. Laura, por trazer leveza ao processo de estruturação do projeto, bem como ao próprio curso. E, por fim, ao Márcio que, de forma carinhosa, atendeu prontamente ao convite para participar da avaliação final da minha pesquisa

Agradeço aos demais integrantes do corpo docente, por tornarem o PPGCOM um programa qualificado e que proporciona uma caminhada enriquecedora: Bruno Leal, Carlos Magno, Elton Antunes, Joana Ziller e Carlos Alberto.

Aos integrantes dos grupos de pesquisa, em especial, Gris e Grispop.

Agradeço, ainda, o apoio das equipes que da Secretaria de Estado de Educação. Primeiro, sob a gestão da então secretária Ana Lúcia Gazzola, deixo meus sinceros agradecimentos ao chefe da Comunicação, Marcílio Lana. Também agradeço a chefe de gabinete Maria Cláudia e à secretária-adjunta Sueli Pires.

Sob a atual gestão da secretária Macaé Evaristo agradeço, primeiramente, à própria secretária. Também agradeço ao chefe de gabinete, Hércules Macedo, por prontamente atender minha demanda, possibilitando, assim, minha continuidade no mestrado. Estendo minha gratidão à superintendente de Temáticas Especiais de Ensino Iara Viana e sua assessora Flávia Santos.

Deixo registrada, ainda, minha gratidão à equipe da assessoria de comunicação, pessoas que fizeram e fazem meus dias mais alegres: Aline, Amanda, Bruno, Cíntia, Carla, Dani, Deise, Joelma, Elian, Guilherme, Hudson, Marta, Luiz, Suéllen, Rose(s) e Zizi. Em especial: Ana, Andréa, Mônica, Lígia e Geanine, pelo constante afeto, que excede o ambiente de trabalho.

*“Você deveria ligar a TV e ver a sua tribo. E sua tribo pode ser qualquer tipo de pessoa, qualquer um que você se identifique, qualquer um que se sente como você, que te faça sentir-se em casa, sentir-se verdadeiro. Você deveria ligar a TV e ver a sua tribo, ver a "sua turma", alguém lá fora que é como você, existindo. Para você saber no seu momento mais obscuro que quando você correr (metaforicamente ou fisicamente correr), existe um lugar, alguém, para correr em direção. Sua tribo está te esperando. Você não está sozinho.*

*O objetivo é que todo mundo ligue a televisão veja alguém com quem se parece, que ame da mesma forma. Mas o mais importante, todo mundo deveria ligar a TV e ver alguém com quem não se parece ou que ame diferente. Porque assim, todo mundo aprenderia com essas pessoas.*

*Talvez, então, eles não vão isolá-los.*

*Marginalizá-los.*

*Apagá-los.*

*Talvez, eles até aprendam a se reconhecer neles.*

*Talvez eles até aprendam a amá-los”.*

*SHONDA RIMES*



## Resumo

A sociedade brasileira contemporânea vive um momento de discussão sobre a conquista e a manutenção de direitos da chamada comunidade LGBT. O espaço midiático reflete, em seus diversos formatos, este momento. Nesse diálogo entre a mídia e a sociedade, nos chama atenção o papel da mídia na construção das representações sociais em torno dessa temática. E, a partir desse interesse, construímos essa pesquisa que tem por objetivo geral analisar um espaço específico onde ocorreu essa experiência de interação: o acontecimento *beijo gay* na telenovela *Amor à Vida*. A partir da categorização da cena como um acontecimento, foi possível entender que a relevância desse fenômeno não estava apenas na sua emergência, mas no fato de *acontecer a alguém*. E, ainda, que os sujeitos agenciados por esse acontecimento se colocaram em um espaço comum, porém heterogêneo, de discussão sobre a temática. De forma específica, procuramos apreender e compreender os públicos constituídos por este *acontecimento* e as diferentes *formas de afetação* deles. De forma complementar, discutiremos, ainda, o *poder hermenêutico* desse acontecimento, evidenciando o que ele nos diz não apenas da telenovela, mas da própria sociedade brasileira contemporânea.

Para tanto, nossa metodologia de análise é embasada em teorias que enfocam o processo interpretativo, de individuação e significação de fenômenos de natureza acontecimental. Sendo composta por dois eixos centrais, que se dividem em duas categorias de análise cada: no primeiro eixo, procuramos apreender a constituição dos públicos, bem como do universo simbólico que atravessa e convoca os sujeitos, a partir da emergência do acontecimento. Para tanto, contamos com duas categorias de análise: *a) Descrição do acontecimento*: que implica a verificação de como esse acontecimento foi nomeado e identificado pelos veículos de comunicação (nas matérias) e pelos sujeitos; *b) Descrição dos públicos*: que consiste na identificação, por meio da autonegação ou de indícios deixados nos textos, do papel social (ativista, eleitor, político, religioso, espectador, outros) que o sujeito está desempenhando ao comentar a cena do *beijo gay*. O segundo eixo consiste na apreensão do *poder hermenêutico desse acontecimento*, no qual, atentamos para duas dimensões: *a) Pública*: que implica a verificação dos *campos problemáticos* em que os sujeitos inscrevem o acontecimento. *b) Privada*: que implica a identificação de como o sujeito aciona o acontecimento para tematizar a própria vida.

Nossa empreitada, então, foi de aproximação dos discursos desses sujeitos que se apresentaram nas arenas de debate sobre o tema. De forma pragmática, nos detivemos aos fragmentos discursivos presentes no campo destinado aos comentários nos maiores portais do Brasil. Identificamos que, por se tratar de um fenômeno inscrito em um campo problemático público, os sujeitos ressignificavam o acontecimento de forma constante, tematizando a própria vida, a vida de sujeitos envolvidos indiretamente e por fim, a própria sociedade. Foi possível identificar, também, de forma clara, que os sujeitos se polarizavam a partir de um repertório simbólico subsidiado pela tríade: instituições, práticas e valores. E que essa tríade sustenta o repertório simbólico da sociedade a tal ponto que podem proporcionar manutenção, estabilização ou desconstrução de valores de uma sociedade. Tornam-se, assim, pontos centrais da produção de (novas) narrativas da sociedade e da possibilidade de afetação dos sujeitos.

**Palavras-chave:** Acontecimento. Públicos. Telenovela. Amor à Vida. Homossexualidade.

## Abstract

The contemporary Brazilian society is experiencing a period of discussion on the achievement and maintenance of the rights of the LGBT community. The mediatic space reflects, in its various formats, this moment. This dialogue between media and society draws our attention to the media's role in the construction of social representations on this theme. And from that interest, we built this research that has the objective of analyzing a specific space where there this interaction experience happened: the gay kiss in the soap opera *Amor à Vida*. As we categorized the scene as an event, it was possible to understand the relevance of this phenomenon not only in its appearance, but the fact that it happened to someone. And yet the subject arranged by this event were placed in a common, however heterogeneous, area of discussion on the topic. Specifically, we seek to grasp and understand the public constituted by this event and the different ways of allocating them. As a complement, we will discuss also the hermeneutic power of this event, showing what he tells us not only about the soap opera, but about the contemporary Brazilian society.

To this end, our methodology of analysis is grounded in theories that focus on the interpretative process of individuation and significance of phenomena of eventual nature. It is composed of two central axis, which are divided into two categories of analysis each: the first axis, we seek to grasp the constitution of the public as well as the symbolic universe that crosses and summons the subject, from the emergence of the event. To this end, we have two categories of analysis: a) Event Description: it includes checking of how this event was named and identified by media outlets (in the articles) and the subject; b) Public Description: it is to identify, through self-nomination or clues left in the texts, the social role (activist, voter, political, religious, spectator etc.) that the subject is playing commenting on the gay kiss scene. The second axis is the apprehension of the hermeneutic power of this event, in which, we look at two dimensions: a) Public: it includes checking of problematic fields in which the subjects inscribe the event. b) Private: which involves the identification as a subject triggers the event to develop the theme of its own life.

Our endeavor, then, was to approach the discourse of these subjects presented in debate arenas on the subject. Pragmatically, we arrived to discursive fragments present in the field intended for comments on major portals in Brazil. We found that, as it is a phenomenon inscribed in a public problematic field, subjects re-framed the event constantly, thematizing their lives, the lives of the people indirectly involved indirectly and ultimately society itself. It was possible, also, to identify in a clear manner, that the subject is polarized from a symbolic repertoire subsidized by the triad of institutions, practices and values. And this triad holds the symbolic repertoire of a society to the point that can provide maintenance, stabilization or deconstruction of values of a society. It becomes, thus, central points of the production of (new) narratives of society and the affectation of the subjects.

**Keywords:** Event. Publics. Soap Opera *Amor à Vida*. Homosexuality.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>1. CONTEXTUALIZAÇÃO: A SOCIEDADE BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE HOMOSSEXUALIDADE</b>	<b>18</b>
1.1 Precisamos falar sobre isso? Precisamos sim. Mas por quê?	19
1.2 Comunicação, mídia e sexualidade	23
1.2.1 <i>As homossexualidades</i>	25
1.2.2 <i>Repercussões midiáticas contemporâneas sobre as famílias homoafetivas</i>	32
1.2.3 <i>A homofobia</i>	37
1.3 (Re)construção de sentidos sobre a homossexualidade: estigmas e representações	40
1.4 Telenovela: a experiência que proporciona um “modo de ver” a homossexualidade	44
<b>2. O BEIJO GAY DE AMOR À VIDA COMO ACONTECIMENTO</b>	<b>57</b>
2.1. <i>Beijo gay, um acontecimento?</i>	58
2.1.1 <i>Da experiência ao acontecimento</i>	61
2.1.2 <i>Beijo gay: da experiência à segunda vida do acontecimento</i>	68
<b>3. PÚBLICOS: DO ‘ACONTECER’ AO ‘ACONTECER A’</b>	<b>76</b>
3.1 Nota ao leitor	77
3.2 Em busca dos públicos	77
3.2.1 <i>Premissas teóricas comunicacionais</i>	78
3.2.1.1 <i>Das audiências às massas: o público no recorte funcionalista</i>	78
3.2.1.2 <i>Recepção: o público dos estudos culturais e das mediações</i>	85
3.3 <i>O público e as contribuições pragmatistas</i>	88
3.4 O que une os sujeitos e como: apropriação e aproximações com o objeto	92
3.4.1 <i>Polarização e enquadramento</i>	95
<b>4. DESENHO METODOLÓGICO</b>	<b>100</b>
4.1 A estratégia metodológica geral	100
4.2 O recorte empírico	102

4.3 Os procedimentos metodológicos	103
4.4 O <i>corpus</i>	105
<b>5. A CONSTITUIÇÃO DOS PÚBLICOS: AFETAÇÃO E REVELAÇÃO</b>	<b>107</b>
5.1 O poder de afetação: descrição do acontecimento e dos públicos	109
5.2 O poder de revelação: o fluxo entre a ressignificação privada e a pública	124
5.3 A tríade que sedimenta o simbólico da sociedade: as práticas, os valores e as instituições	135
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>141</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>148</b>
<b>REFERÊNCIAS DO CORPUS</b>	<b>158</b>

## Introdução

Quando encerrava meu trabalho de conclusão de curso da graduação<sup>1</sup> (que teve como objetivo “analisar a recepção pelo público – *gay* e não *gay* – à representação social da homossexualidade nos vídeos publicitários brasileiros, veiculados em TV aberta”), as inquietações para esta pesquisa começaram a se apresentar. O trabalho respondia às questões propostas, mas deixava diversas outras em aberto. No limite da pesquisa, naquele momento, nosso foco foi pragmático, responder apenas ao problema inicialmente proposto.

A fim de procurar saber mais sobre o assunto, passei a frequentar os encontros e debates do Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT (NUH) da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (FAFICH/UFMG). Em um desses encontros, uma sessão de cinema comentado que contou também com a participação do projeto de extensão *Una-se Contra a Homofobia*, foi exibido o documentário “Meu amigo Cláudia”<sup>2</sup>. O debate que ocorreu após a exibição deveria ter tido como foco o filme, mas a discussão acabou se entrecruzando com uma novela que começava a ser exibida na Rede Globo: *Amor à Vida*<sup>3</sup>. Os participantes do encontro expressavam suas opiniões a respeito da telenovela e falavam sobre a importância de um novo tipo de representação LGBT, como a do protagonista da novela citada: Félix. Esse momento se tornou, para mim, o início de uma nova etapa de pesquisa.

*Amor à Vida* inovou ao apresentar dois núcleos com personagens homossexuais, protagonizados por: no primeiro havia Félix (Mateus Solano), um vilão gay que sofria por não aceitar a própria orientação sexual e temia rejeição da família - tendo um pai abertamente homofóbico; o segundo núcleo contava com o casal formado pelos personagens Niko/Carneirinho (Thiago Fragoso) e Eron (Marcello Antony) que, além

---

<sup>1</sup> Disponível em: < <http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-0487-1.pdf>>. Acesso em: 12 de setembro de 2014.

<sup>2</sup> O documentário *Meu amigo Cláudia*, dirigido por Dácio Pinheiro, apresenta a trajetória de Cláudia Wonder, travesti que, além de ativista da causa dos direitos homoafetivos, era uma conhecida atriz, cantora e performer que agitou a cena underground paulistana principalmente na década de 1980. O documentário, com título baseado em uma crônica escrita por Caio Fernando Abreu, conta a história de Cláudia Wonder e apresenta o perfil de engajamento político de uma das pioneiras responsáveis por quebrar o paradigma marginalizado vivido pelas travestis e transexuais.

<sup>3</sup> Telenovela brasileira produzida pela Rede Globo, que esteve no ar de 20 de maio de 2013 à 31 de Janeiro de 2014. Escrita por Walcyr Carrasco com colaboração de Daisy Chaves, Eliane Garcia, Daniel Berlinsky, Marcio Haiduck. Direção Geral de Mauro Mendonça Filho. Direção de Núcleo de Wolf Maya.

de homossexuais assumidos, iniciaram a trama planejando ter um filho por inseminação artificial ou, na impossibilidade, por adoção.

Inevitavelmente, a telenovela tornou-se assunto das mais diversas conversações cotidianas, como a que presenciei na sessão de cinema comentado. Por diversas vezes alcançou índices altos de audiência e os *trending topics* do site de rede social *Twitter*, durante o período em que esteve no ar. O ponto máximo desta conversação pública aconteceu em seu último episódio, quando foi ao ar, pela primeira vez na Rede Globo de Televisão, o beijo entre pessoas do mesmo sexo<sup>4</sup>.

Nesse momento, eu já havia iniciado minha vida acadêmica e meu olhar foi capturado por essa cena, que passou a figurar como um marco na teledramaturgia, para a sociedade brasileira contemporânea e se tornou nosso recorte de pesquisa.

No dia em que a cena foi ao ar, tive acesso a dois textos sobre o beijo, divulgados no site de rede social *Facebook*, ambos de docentes do campo de comunicação. O primeiro foi do professor Wilson Gomes, no qual ele discorreu por três parágrafos que o *beijo gay* não foi apenas um beijo, mas um ato político, de reconhecimento, de concessão de direitos e de amor<sup>5</sup>. O segundo texto foi um relato do professor Renné França. Nele ele explana sobre como a cena proporcionou que um *beijo gay* entrasse na casa de seus avós pela primeira vez: “se meus avos viram, outros avos também viram (...). E se eles aprovam ou não, a verdade é que este beijo, dentro da casa deles, é um sinal claro de que aquilo que antes ficava oculto, agora pode ser visto”<sup>6</sup>. Ambos os textos deixavam claro que a singularidade da cena não se encerrava em sua exibição, mas tinha um significado maior. Assim, ambos fomentaram nosso interesse pelo fenômeno, sendo que o primeiro inspirou, inclusive, nosso título.

Ao começar a frequentar o GRIS (Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade da UFMG), fui apresentada a uma literatura mais específica e que conseguia amparar esses fenômenos comunicacionais que se destacam das/nas experiências cotidianas, constituindo e afetando seus públicos, como a cena do chamado *beijo gay*. Essa literatura se configura, atualmente, como nossa base teórica. Dentre

---

<sup>4</sup> No último capítulo, com beijo entre Félix (Mateus Solano) e Niko (Thiago Fragoso), "*Amor à vida*" teve seu recorde de audiência em São Paulo: 48 pontos de média e 75% de participação. No Rio, a novela, no ar das 21h12m às 23h16m, obteve 44 de média. Disponível: <<http://kogut.oglobo.globo.com/noticias-da-tv/audiencia/noticia/2014/02/ultimo-capitulo-de-amor-vida-igual-a-recorde-de-audiencia-com-48-pontos.html>>. Acesso em: 12 de setembro de 2014.

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://reflexoesdeumgay.blogspot.com.br/2014/02/beijo-gay-em-telenovelas.html>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2016.

<sup>6</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/renne.franca/posts/705734839449839>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2016.

vários autores e textos, destacamos: Louis Quéré (2005), com o conceito de *acontecimento*; John Dewey (2010), com seus escritos sobre *experiência e públicos*, Vera França (2012) em sua reflexão sobre *o potencial heurístico do acontecimento* e Paula Simões (2012) com pesquisas sobre *a individuação e o poder hermenêutico do acontecimento*. Para um olhar complementar sobre o processo de individuação do acontecimento, agenciamos, ainda, o pensamento sociológico-filosófico de Alfred Schutz (1979), particularmente, os conceitos de *mundo da vida, situação biográfica determinada e zonas de relevância*; Erving Goffman (2012) com sua pesquisa sobre os *quadros da experiência social* e Hans Joas (2012) com suas discussões sobre importância de *valores, instituições e normas* na conquista e manutenção de qualquer face dos Direitos Humanos.

Está base teórica subsidiou a investigação da minha principal inquietação: “como e por que os públicos foram afetados por esse fenômeno? ”. No entanto, ainda foi preciso percorrer um caminho de busca por teóricos que tratassem da homossexualidade. Não apenas com seus fatores históricos ou características comportamentais, mas que dessem conta do emaranhado simbólico e subjetivo ao qual o termo, a orientação, o comportamento e os sujeitos estão submetidos.

Encontrei essa base em diversos pesquisadores da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG): no departamento de Psicologia, os artigos e livros do Professor Marco Aurélio Máximo Prado; no Departamento de Comunicação, as pesquisas dos professores Carlos Alberto de Carvalho, Ângela Marques, Bruno Leal e Carlos Magno Mendonça. Esses dois últimos, também subsidiaram essa pesquisa por meio da disciplina Mídia, Gênero e Sexualidade, ofertada para a graduação, da qual participei. Assim, fui apresentada à base teórica necessária para conseguir abordar as questões da homossexualidade de forma mais global, por meio de: Jeffrey Weeks (1998), em seu repertório sobre *sexualidades e identidades*, Judith Butler (2000), em seu amplo estudo sobre *Corpo e Performance*, e Daniel Borrillo (2001), com seus apontamentos sobre o nebuloso campo da *homofobia*.

Assim, o problema de pesquisa que nos orientou pode ser delineado como: “Como o acontecimento intitulado *beijo gay*, da telenovela *Amor à Vida*, constituiu e afetou os públicos e, de forma complementar, o que ele revelou da sociedade brasileira contemporânea? ”. A fim de responder ao problema proposto, nossos passos construíram o caminho de pesquisa que apresentaremos a seguir.

No primeiro capítulo apresentamos a urgência em se discutir as questões da temática LGBT. Os dados e estatísticas alarmantes apresentados nos remeteram às tensões e disputas que permeiam a construção de sentidos sobre o tema. A fim de elucidar o papel da comunicação nessas tensões e como elas se desenrolam na vida social e no espaço midiático, apresentamos uma contextualização sobre a homossexualidade. Assim, traçamos um percurso que tenta mostrar as (homos)sexualidades como resultado histórico de um entrecruzamento de discursos, práticas e ideias que evidenciam valores compartilhados em diferentes grupos, instituições sociais e épocas.

Acreditamos que, sendo o mundo social construído permanentemente pelos sujeitos, essas representações simbólicas têm um peso de referência no que a sociedade constrói como entendimento do que é a homossexualidade e, portanto, interferirá diretamente em sua interpretação da cena do chamado *beijo gay* e até mesmo nas situações corriqueiras da vida, que envolvam essa temática.

Nessa mesma visada, ainda no primeiro capítulo, com base em diversos estudos, apresentamos um breve panorama sobre as representações e os enquadramentos da homossexualidade nas telenovelas da Rede Globo, que antecederam *Amor à Vida*. Esse panorama possibilitou evidenciar os enquadramentos estigmatizados dos personagens LGBT ao longo dos anos.

Em seguida, no segundo capítulo, apresentamos a cena do beijo entre Félix e Niko como um acontecimento. Mostramos que enquadrar esse fenômeno sob esse conceito é enquadrá-lo como uma experiência que tem poder de afetação e revelação. Isso é, uma experiência que transforma os sujeitos ao mesmo tempo em que é transformada por eles. E, nesse duplo movimento, revela fios da intriga da vida. Para explicar sobre esse processo, convocamos e apresentamos as contribuições pragmatistas, as quais nos filiamos.

Ora, o acontecimento o é por *acontecer a* alguém, por se destacar para alguém nas experiências cotidianas. É esse aspecto do acontecimento que tratamos no terceiro capítulo. O acontecimento como fundante de um público. Não necessariamente um público homogêneo, em que seus membros apresentem as mesmas opiniões sobre o fenômeno, mas um público que foi convocado a um processo de interpretação de um mesmo fenômeno. Para tanto, nesse capítulo, percorremos um caminho de busca por uma definição mais precisa sobre o que vem a ser o público ou os públicos e quais as diferenças desse agrupamento para um agrupamento qualquer de indivíduos. Nesse



capítulo também, buscamos, ainda, explicar sobre as possibilidades de polarização desses sujeitos nos posicionamentos que assumem frente a um acontecimento.

Uma vez definido que o acontecimento acontece a alguém, estabelecemos seu poder constituidor de públicos. Chegamos, então, à empreitada de responder nosso problema de pesquisa por meio da identificação do poder de afetação e do poder hermenêutico desse acontecimento. No quarto capítulo, operacionalizamos os conceitos trabalhados e estabelecemos nossos operadores analíticos, por meio dos quais elucidaremos o problema proposto, a saber: como os sujeitos foram afetados e o que esse acontecimento revelou da sociedade.

Assim, no capítulo que se segue, o quinto, analisamos o *corpus* estabelecido. Em um primeiro momento identificamos os quadros e as disputas de sentido em torno deles. Em seguida tentamos evidenciar quem são os públicos que se manifestam dessa forma e como eles tematizam a própria vida e a sociedade, usando o acontecimento.

E, em nossa última seção, destacamos alguns pontos de contribuição e a conclusão da nossa pesquisa. Assim, finalizamos nossa empreitada apresentando nossos achados de pesquisa a presença marcante da tríade valores, normas e instituições, em nosso *corpus*, bem como os sistemas de relevância que foram identificados em todas as descrições.

## 1. Contextualização: a sociedade brasileira contemporânea e a construção de sentidos sobre homossexualidade

*Power is the ability not just to tell the story of another person,  
but to make it the definitive story of that person*  
Chimamanda Adichie

O presente capítulo busca, inicialmente, situar nosso objeto evidenciando a relevância e a necessidade da reflexão acerca das narrativas midiáticas construídas sobre a população LGBT<sup>7</sup>. Também é nosso objetivo realizar uma contextualização das discussões midiáticas em profusão e que permeiam a construção de sentido sobre a homossexualidade, para além das narrativas ficcionais. Essa reflexão se faz necessária, pois vivenciando esse contexto está o público da telenovela *Amor à Vida*<sup>8</sup> e, como objetivo dessa pesquisa é verificar a afetação desse público em relação à cena do chamado *beijo gay*, não há como entender sua reação sem observar o contexto no qual ele está inserido e que servirá de repertório para suas ações.

Para atingir nossos objetivos, destacaremos três eixos temáticos: a própria homossexualidade, a família homoafetiva e a homofobia. Esses eixos conduziram a própria telenovela e, também, vêm conduzindo as discussões contemporâneas e históricas sobre esses sujeitos. A escolha desses três eixos também se ancora na reflexão de Hans Joas (2012, p.275). Para o qual, existem três dimensões intersubjetivas que compõem o triângulo que garante a estabilidade (ou a falta dela) às conquistas dos Direitos Humanos, a saber: as práticas, os valores e as instituições.<sup>9</sup> São exatamente essas dimensões que tentamos articular com os eixos trabalhados nesse capítulo. A nossa escolha torna possível, ainda, verificar as mutações conceituais culturais da homossexualidade de acordo com o tempo e o local. Permitindo-nos, assim, apresentar como essa conduta, comum em vários tipos de organizações humanas, sofreu mudanças ao ser relacionada às estruturas sociais e instituições. E, ainda, como esses entrelaçamentos corroboraram para uma deterioração da representação social da homossexualidade e a perpetuação de uma história estigmatizada.

---

<sup>7</sup> Sigla que engloba as diversas orientações sexuais: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.

<sup>8</sup> Telenovela brasileira produzida pela Rede Globo, que esteve no ar de 20 de maio de 2013 à 31 de Janeiro de 2014. Escrita por Walcyr Carrasco com colaboração de Daisy Chaves, Eliane Garcia, Daniel Berlinsky, Marcio Haiduck. Direção Geral de Mauro Mendonça Filho. Direção de Núcleo de Wolf Maya

<sup>9</sup> Essa tríade e suas contribuições para a presente pesquisa serão discutidas no capítulo 3.

### 1.1 Precisamos falar sobre isso? Precisamos sim. Mas por quê?

Em um levantamento realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)<sup>10</sup> divulgado no primeiro semestre de 2014, 59% dos entrevistados disseram se sentir desconfortáveis ao ver um beijo entre dois homens ou entre duas mulheres. O Relatório Anual de Assassinatos de Homossexuais no Brasil em 2014, divulgado em janeiro de 2015 pelo Grupo Gay da Bahia,<sup>11</sup> traz a informação de que foram documentadas 326 mortes de gays, travestis e lésbicas no Brasil, incluindo nove suicídios.<sup>12</sup> Segundo o relatório, acontece “um assassinato a cada 27 horas”. Um aumento de 4,1% em relação ao ano anterior (313).<sup>13</sup> Já o relatório de 2012 sobre violência homofóbica<sup>14</sup> no Brasil, produzido pela Secretaria de Direitos Humanos, registrou 27 denúncias por dia no referido ano. 83,2% delas foram relativas a violências psicológicas (humilhação, hostilização e ameaças) e 32,68% à violência física.

Esses dados não trazem toda a complexidade das temáticas da homossexualidade e da homofobia no Brasil, mas exibem a importância do debate e da reflexão sobre o assunto. Em um primeiro momento, falar da temática em uma telenovela pode parecer irrelevante, uma discussão vazia, afinal, o folhetim é um produto cultural destinado ao entretenimento. Um pensar pragmático pode supor que o debate seja mais frutífero em campos de conhecimento que gerem mudanças visíveis, como o Direito ou a Psicologia, por exemplo, mas será?

---

<sup>10</sup> Disponível em:

<[http://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327\\_sips\\_violencia\\_mulheres.pdf](http://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres.pdf)>. Acesso em: 20 de novembro de 2014.

<sup>11</sup> O Grupo Gay da Bahia é a mais antiga associação de defesa dos direitos humanos dos homossexuais no Brasil. Fundado em 1980, registrou-se como sociedade civil sem fins lucrativos em 1983, sendo declarado de utilidade pública municipal em 1987. É membro da ILGA (*International Lesbian Gay Bisexual Trans and Intersex Association*), da LLEGO (*Latino/a Lesbian and Gay Organization*) e da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis (ABGLT). Em 1988, foi nomeado membro da Comissão Nacional de Aids do Ministério da Saúde do Brasil e desde 1995 faz parte do comitê que compõe a Comissão Internacional de Direitos Humanos de Gays e Lésbicas (IGLHRC). Ocupa desde 1995 a Secretaria de Direitos Humanos da ABGLT, e desde 1998 a Secretaria de Saúde da mesma. Disponível em: <<http://www.ggb.org.br/ggb.html>>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2015.

<sup>12</sup> O grupo se baseia em notícias que saem em jornais, entre outras fontes. Disponível em: <<http://www.ggb.org.br/ggb.html>>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2015.

<sup>13</sup> Disponível em: <<http://grupogaydabahia.com.br/2015/01/13/assassinato-de-lgbt-no-brasil-relatorio-2014/>>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2015.

<sup>14</sup> Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-ano-2012>>. Acesso em: 02 de novembro de 2014.

Acreditamos que a concepção da mídia como espaço válido de representação das homossexualidades se aplica tanto a produtos culturais informativos, quanto aos produtos do entretenimento, como a telenovela. Isso porque

A crescente disponibilidade de experiência mediada cria novas oportunidades, novas opções, novas arenas para a experimentação do *self*. Um indivíduo que lê um romance ou assiste a uma novela não está simplesmente consumindo uma fantasia; ele está explorando possibilidades, imaginando alternativas, fazendo experiências com o projeto do *self*. (THOMPSON, 1998, p.202)

A telenovela proporciona um diálogo entre a sociedade e a cultura, que gera um modo (novo) de ver a homossexualidade, assim como qualquer outra representação que ela apresente. A vida social está em constante processo de (re)construção e é a “experiência humana que funda a realidade social, constituindo discursivamente o universo de valores, referências e normas que orientam a vida dos indivíduos” (FRANÇA; SIMÕES 2007, p.48). Essas construções discursivas se dão a ver por meio de narrativas múltiplas, pessoais e coletivas que configuram as práticas sociais e a construção de entendimentos sobre o “eu” e sobre “o outro”; sobre o “nós” e o “eles” (MARQUES, 2009, p.2).

Há frequentemente, e com justiça, a justificativa de que a história de grupos oprimidos resgata uma memória fundamental para se entender o preço da história dos vencedores, mas para além da vitimização ou mitificação de uma história de resistências, a construção de memórias alternativas se constitui em um referencial político central para a construção de uma sociedade multicultural. (LOPES, 2002, p.13)

Sobre a construção de memórias alternativas, em uma das conferências do TEDx<sup>15</sup>, realizada em 2009, uma renomada romancista da atualidade, a nigeriana Chimamanda Adichie, trouxe o conceito da *single story*<sup>16</sup> que convocaremos aqui para ilustrar, inicialmente, a relevância das narrativas *do* sujeito e *sobre* o sujeito, inclusive em um produto cultural. A autora apresenta como esse conceito se constitui no processo comunicacional e o seu perigo, pois se contrapõe à “construção de memórias alternativas” citadas por Lopes (2002) acima.

A palestrante inicia seu discurso dizendo que se tornou uma leitora ávida aos quatro anos e que aos sete anos já escrevia suas próprias histórias. Em sua escrita, no

---

<sup>15</sup> Disponível em: <

[http://www.ted.com/talks/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story?language=pt-br](http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br)>. Acesso em: 10 de agosto de 2015.

<sup>16</sup> Tradução nossa: História única.

entanto, os personagens não se pareciam com ela, com sua família, com sua cidade ou com seu país. Tanto os cenários quanto os personagens possuíam características americanas ou britânicas, como os dos livros que ela havia lido ao longo de sua infância. Adichie narra um pouco da sua história da seguinte forma:

Venho de uma família nigeriana convencional, de classe média. Meu pai era professor. Minha mãe, administradora. Então nós tínhamos como era normal, empregada doméstica, que frequentemente vinha das aldeias rurais próximas. Então, quando eu fiz oito anos, arranjamos um novo menino para a casa. Seu nome era Fide. A única coisa que minha mãe nos disse sobre ele foi que sua família era muito pobre. Minha mãe enviava inhames, arroz e nossas roupas usadas para sua família. E quando eu não comia tudo no jantar, minha mãe dizia: "Termine sua comida! Você não sabe que pessoas como a família de Fide não tem nada?" Então eu sentia uma enorme pena da família de Fide. Então, num sábado, nós fomos visitar a sua aldeia e sua mãe nos mostrou um cesto com um padrão lindo, feito de ráfia seca por seu irmão. Eu fiquei atônita! *Nunca havia pensado que alguém em sua família pudesse realmente criar alguma coisa. Tudo que eu tinha ouvido sobre eles era como eram pobres, assim havia se tornado impossível pra mim vê-los como alguma coisa além de pobres. Sua pobreza era minha história única sobre eles.* (ADICHIE, 2009, 3m03s, tradução TEDX, grifos nossos)

Ela continua seu discurso contando que aos 19 anos se mudou para os Estados Unidos para estudar e que sua colega de quarto quis saber onde ela havia aprendido a falar inglês tão bem. Ela ficou confusa quando soube que o inglês era a língua oficial da Nigéria. Em outro momento, a mesma colega perguntou à Chimamanda se poderia ouvir sua “música tribal” e ficou desapontada quando a autora colocou músicas da cantora Mariah Carey para tocar. A romancista conta, ainda, que o mais impressionante nessa experiência foi que sua colega sentia pena dela, antes mesmo de conhecê-la, algo direcionado aos africanos de forma generalizada, fruto de uma *single story* sobre a África. Ela diz: “Sua posição padrão para comigo, como africana, era um tipo de arrogância bem intencionada: pena” (4m57s). Sua colega não aceitava ou entendia que os africanos pudessem ser iguais a ela. Para a palestrante, as pessoas são expostas a imagens e discursos que produzem e reproduzem apenas uma forma de se pensar a África e seus habitantes, assim como ela mesma foi exposta a apenas uma forma de pensar o que seria Fide e sua família.

Convocamos os exemplos utilizados por Adichie para problematizar a importância da construção simbólica sobre os variados temas da vida social. A *single story* nada mais é do que um sentido único compartilhado por uma sociedade sobre algo. A autora enfoca a *single story* sob um ponto de vista da questão racial, mas sua

fala tangencia diversos temas, principalmente grupos estigmatizados, como os homossexuais, foco do nosso trabalho. A concepção da possibilidade de *sexualidades*, no plural, é recente. Sobre as sexualidades repousou, por muito tempo, o que Chimamanda nomeou como *single story*. E não apenas isso, mas uma *single story* estigmatizada.

A comunicação é parte fundante nessa construção da história do outro e sobre o outro, ela atua neste processo através de diferentes formas de interações, seja a face a face ou por meio de repercussão midiática. Nesse sentido, a comunicação é constituidora de modos de compreender também a sexualidade, o que ocorre a partir de diferentes práticas comunicativas, em diversos gêneros e formatos, fornecendo visibilidade, voz a discussões, refutações e problematizações. Isso pode ser evidenciado em interações que são estabelecidas em campanhas *online*, em cobertura jornalística ou em representações ficcionais dos fatos que envolvam tal questão. Uma vez que a comunicação atua no processo de constituição de sentidos, ela também pode ajudar a desconstruí-los ou ampliá-los, fazendo com que a sociedade mude cenários, como as estatísticas descritas no início dessa seção.

Acreditamos, dessa forma, que a comunicação (incluindo a midiática) pode corroborar para que a *single story* da homossexualidade se perpetue. Como também pode desconstruir essa unicidade, fomentando a “construção de memórias alternativas”, e contribuindo para que sujeitos possuam um repertório mais plural, concedendo visibilidade a outras histórias, a partir das interações que se estabelecem entre os sentidos instaurados pela mídia e os sujeitos que os apreendem. Segundo Marques (2003),

ao interpretar as formas simbólicas presentes na mídia, os receptores de bens culturais tendem a incorporá-las ao sentido que dão às suas práticas individuais e coletivas. Ou seja, os símbolos da mídia estariam contribuindo para que os sujeitos refletissem sobre si mesmos, sobre os outros e sobre suas ações no mundo. (MARQUES 2003, p.15)

Essas interações entre as formas simbólicas disponibilizadas pela mídia e a sociedade se realizam tendo em vista o complexo contexto social em que se inscrevem. E é nesse sentido, que é preciso caracterizar o contexto mais amplo no qual se insere a narrativa de *Amor à Vida*, a fim de compreender a afetação dos públicos dessa telenovela. Assim, na seção seguinte procuraremos construir uma perspectiva

comunicacional das construções de representações sociais das homossexualidades na sociedade brasileira contemporânea.

## 1.2 Comunicação, mídia e sexualidade

De partida, compreendemos que os mais diversos processos comunicacionais são partes integrantes das formas de sociabilidade. E, nos filiamos ao autor Louis Quéré (1991) que, influenciado por uma perspectiva pragmatista, propõe uma nova forma de pensar a comunicação, um esquema *constitutivo* ou *praxiológico*. Em consonância com Quéré, a pesquisadora Vera França aponta para uma ação comunicacional relacional que não se finda em um modelo dual emissor/receptor, mas que se constrói por e na interlocução. De forma conjunta, essas perspectivas nos apresentam um modelo *praxiológico* de comunicação que elabora a prática comunicacional como um processo de interação, por meio do qual os sujeitos atribuem sentidos ao mundo. Ou seja, o ato de comunicar passa, então, a ser um processo que se traduz em uma modelagem mútua do mundo, não se reduzindo a simples transferência de informação de um emissor a um destinatário. (FRANÇA, 1998, 2006; MENDONÇA, 2009, QUÉRÉ, 1991; SIMÕES, 2009).

Dentre as variadas formas de interação, uma que apresenta destaque na contemporaneidade diz respeito às que se realizam via produção midiática.

A produção e circulação das formas simbólicas nas sociedades modernas são inseparáveis das atividades das indústrias da mídia. O papel das instituições da mídia é tão fundamental, e seus produtos se constituem em traços tão onipresentes da vida cotidiana, que é difícil, hoje, imaginar o que seria viver num mundo sem livros e jornais, sem rádio e televisão, e sem os inúmeros outros meios através dos quais as formas simbólicas são rotineira e continuamente apresentadas a nós. Dia a dia, semana a semana, jornais, estações de rádio e televisão nos apresentam um fluxo contínuo de palavras e imagens, informação e ideias, a respeito dos acontecimentos que têm lugar para além de nosso ambiente social imediato. Os personagens que se apresentam nos filmes e nos programas de televisão se tornam pontos de referência comuns para milhões de indivíduos que podem nunca interagir um com o outro, mas que partilham, em virtude de sua participação numa cultura mediada, de uma experiência comum e de uma memória coletiva [...]. (THOMPSON, 2000, p. 219)

Ressalvamos que, ao utilizarmos a citação de Thompson (2000), não temos por objetivo mostrar a comunicação como sendo apenas um produto midiático, que se desenrola em um processo unilateral, onisciente e de manipulação. Longe disso, nosso

objetivo é mostrar que a mídia (um dos produtos e processos comunicacionais) também ocupa o papel de interlocução nesse processo interacional de construção de um “mundo comum”. Um papel importante na constituição das formas simbólicas atribuídas pelos sujeitos da interlocução e também da publicização dessas formas.

Cabe, ainda, uma segunda ressalva em nosso texto: embora a mídia atue como um dos interlocutores, em momento algum podemos afirmar que os outros interlocutores envolvidos nesse processo tenham igualdade de participação na (re)produção de sentido, daí a importância do papel midiático nessa modelagem do mundo.

Assim, entendemos que a mídia “conforma a visão de mundo, a opinião pública, valores e comportamentos” e é um espaço onde se “travam batalhas pelo controle” (KELLNER, 2001, p. 54). Estas disputas estão associadas ao poder histórico exercido por grupos dominantes e resultam em um tensionamento por parte dos grupos marginalizados por maior visibilidade dentro deste espaço de poder. Nesta arena de disputa, a mídia passa a ter um papel paradoxoal, serve tanto para reproduzir interesses e promover a dominação, quanto para dar aos indivíduos força para a resistência (KELLNER, 2001, p. 64).

Em relação à temática da homossexualidade, há, na sociedade brasileira contemporânea, uma disputa simbólica sobre a manutenção da *single story* estigmatizada da sexualidade<sup>17</sup> (no singular) e uma negação à existência das sexualidades (no plural) e, por consequência, da possibilidade de constituição de múltiplas memórias (e entendimentos) sobre o tema.

As representações que levam ao “escárnio, ao riso, a humilhação, a opressão e estigmatizam os indivíduos e grupos, impedindo que eles se entendam e sejam entendidos em sua diferença” (MARQUES, 2003, p.1) são, com frequência, aceitas. A resistência acontece quando a representação tenta não reafirmar a marginalização ou estigmas direcionados à comunidade LGBT, como veremos adiante. No entanto, antes

---

<sup>17</sup> “Refere-se às elaborações culturais sobre os prazeres e os intercâmbios sociais e corporais que compreendem desde o erotismo, o desejo e o afeto, até noções relativas à saúde, à reprodução, ao uso de tecnologias e ao exercício do poder na sociedade. As definições atuais da sexualidade abarcam, nas ciências sociais, significados, ideias, desejos, sensações, emoções, experiências, condutas, proibições, modelos e fantasias que são configurados de modos diversos em diferentes contextos sociais e períodos históricos. Trata-se, portanto, de um conceito dinâmico que vai evoluindo e que está sujeito a diversos usos, múltiplas e contraditórias interpretações e que se encontra sujeito a debates e a disputas políticas”. Definição do Manual de Comunicação LGBT, produzido pela Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), disponível em: < <http://www.observatoriodegenero.gov.br/search?SearchableText=manual+de+comunica%C3%A7%C3%A3o+LGBT> >. Acesso em: 21 de agosto de 2015.



de discutir sobre essas representações, faz-se necessário entendermos as homossexualidades<sup>18</sup>.

### *1.2.1 As homossexualidades*

Para Jeffrey Weeks (1998), sexualidade é um produto de negociações, lutas e ações humanas construído em profunda ligação com o desenvolvimento da sociedade. Isto é, as identidades sexuais são socialmente organizadas. Não se trata de construções fixas, imutáveis e biologicamente determinadas, são espaços de tensões contínuas, que permitem a um indivíduo situar-se a si mesmo.

A pesquisadora Butler (2000) afirma que a reiteração das normas produz alguns desdobramentos na maneira como enxergamos as relações de gêneros e de sexualidades. A ideia de uma hegemonia sexual ao mesmo tempo materializa e é materializada pelas normas regulatórias centradas na heterossexualidade, ou seja, as construções em torno das identidades sexuais hierarquizam as diferentes sexualidades de modo que a hegemonia heterossexual ocupe o topo da pirâmide.

Corroborando com esta visada, Weeks (1998) aponta três eixos fundamentais que estruturam as relações de dominação e subordinação no universo da sexualidade: a classe, o gênero e a raça. A primeira apresenta a ideia de que a sexualidade é, essencialmente, burguesa. Dessa forma, as classes trabalhadoras se adaptaram aos modelos da classe média, nos quais a conduta moral se via fortemente atrelada à vida familiar e doméstica. Já a segunda explicita que os esquemas de sexualidade feminina são resultados de um olhar delimitado a partir da sexualidade masculina, de modo que as necessidades e os desejos das mulheres foram, historicamente, categorizados e definidos por homens. E, por fim, a terceira atribui às pessoas negras um desejo insaciável das necessidades sexuais por serem consideradas portando características mais próximas de uma suposta natureza animal.

Esta lógica hierarquizadora acaba criando sujeitos que não gozam de seus direitos como tal. É o que Butler (2000) chama de “abjeto”. São indivíduos que se constituem como corpos abjetos e cuja identidade é excluída ou negada, designando um espaço de marginalidade no qual o domínio do sujeito se constitui por exclusão. Assim,

---

<sup>18</sup> Utilizamos aqui o termo no plural com a finalidade de abarcar a complexidade e a multiplicidade das relações afetivas e/ou sexuais entre pessoas do mesmo sexo/gênero. No entanto, nessa pesquisa, em alguns momentos, usaremos o plural e o singular do termo como equivalentes. Não sendo nosso intuito descaracterizar a multiplicidade de expressões de orientações sexuais, mas de respeitarmos o padrão da norma culta da língua portuguesa, adequado ao trabalho acadêmico.

toda e qualquer sexualidade diferente da heterossexualidade é tida como menos importante, como desvio, como inacabada. Seria esse o caso das homossexualidades.

A realidade sobre a temática é que não temos uma definição consensual sobre o que seja(m) a(s) homossexualidade(s) ou até mesmo a respeito do termo homossexualidade. As (homos)sexualidades, enquanto conceito, recebem influências de uma vasta gama de campos de conhecimento, sociais, políticos, históricos, psicológicos, jurídicos, econômicos, culturais, médicos, morais, religiosos, entre outros. E, “no amplo escopo de possibilidades dos arranjos sociais, a sexualidade e, especificamente, a homossexualidade, assumiu diversas formas de expressão” (PRADO; MACHADO, 2008, p.2). Conceitos e expressões esses que se modificam com o passar do tempo.

Esta indefinição se dá porque a homossexualidade é [...] mais que o comportamento sexual entre pessoas do mesmo sexo, é mais que a orientação do desejo sexual para pessoas do mesmo sexo, e é mais que nutrir afetos por pessoas do mesmo sexo. A homossexualidade pode abranger todas essas características, parte delas ou ainda ultrapassar essas definições através dos complexos arranjos culturais que o ser humano é capaz de criar. (PRADO; MACHADO, 2008, p.28)

Dessa forma, propomos uma exposição conceitual panorâmica da história da homossexualidade, na tentativa de explicitar alguns caminhos possíveis de entendimento e nosso posicionamento conceitual. Assim, de partida, concordamos com Prado e Machado (2008, p.34) ao convocarem diversos autores (COSTA, 2002; BUTLER, 1990; HARAWAY, 2000; FRY, 1982) para afirmar que a “sexualidade é um construto complexo que relaciona fatores biológicos, psicológicos, socioeconômicos, culturais, étnicos, religiosos, políticos e geográficos”.

Embora as homossexualidades estejam no centro dos mais diversos debates contemporâneos, não se trata de algo que passou a existir por meio de magia na sociedade moderna ocidental. Existem relatos e indícios que datam de séculos atrás. Um dos relatos mais antigos pode ser encontrado nos capítulos dezoito e dezenove do Livro de Gênesis da Bíblia, nos quais é narrada a história de destruição de Sodoma (e Gomorra) em decorrência da promiscuidade de seus cidadãos. Os capítulos trazem como ponto central a vida de Ló, que, em determinado momento, recebe e hospeda em sua casa três anjos enviados por Deus. Ló passa a ser coagido pela população local a entregar-lhes os anjos, para que mantenham relações sexuais com eles.

Esses relatos sofrem questionamentos das mais diversas áreas, em alguns casos sobre sua veracidade e, em algumas correntes da comunidade cristã, sobre um possível

erro de tradução e/ou interpretação. Mas nenhum desses questionamentos descaracteriza a percepção de que as sociedades hebraicas já conviviam com pelo menos a ideia de homossexualidade.

Outra fase extremamente importante e que possibilita a compreensão do nível de mutação conceitual da homossexualidade, de acordo com tempo e espaço, é o apogeu das civilizações gregas, onde se encontrava a prática pederasta como algo normatizado. Segundo Bremmer (1991):

na Grécia antiga ocorria o que se denomina pederastia, que consiste em uma relação entre homens adultos e jovens ou adolescentes, em que o homem mais velho iniciava o homem mais novo na vida sexual. Nessa experiência ele dava armaduras e outros objetos, que os gregos valorizavam, para um homem. Essa iniciação acontecia através de um rapto. Nele, os amigos daquele iniciado auxiliavam o pederasta naquilo que resultaria um ato sexual, com complacências passivas. Na Grécia, os rapazes que não eram raptados e, portanto, não possuíam uma iniciação por um pederasta eram considerados pobres coitados, vítimas dessa desgraça - a de não possuir um amante e assim não passar por um ritual de iniciação. A contrapartida mítica desses rapazes é Ganimedes, filho de um rei troiano, raptado por Zeus para tornar-se seu copeiro e seu amado. (BREMNER, 1991 p.26)

O autor ainda esclarece que

enquanto os homossexuais modernos muitas vezes ocupam uma posição marginal na sociedade e são normalmente considerados como efeminados, na Grécia, era a pederastia que propiciava acesso ao mundo da elite social; era apenas a relação pederasta que transformava o rapaz em um verdadeiro homem. Portanto, os gregos certamente conheciam o “amor grego” e seu interesse em rapazes nunca foi meramente platônico, mas em nenhum sentido eles inventaram a homossexualidade. (BREMNER, 1991, p.26)

É importante elucidar, que a relação de pederastia (entre um jovem e um homem mais velho) era abertamente aceita e tida como natural, porém, as relações entre homens da mesma idade não. Acreditava-se que o homem que assumia postura passiva não era tido como verdadeiro macho, pois esse somente assumiria a postura ativa. Sendo passivos: as mulheres, os jovens e os escravos; pois esses estavam em um plano inferior na sociedade. (MOREIRA FILHO; MADRID, 2008, p.5).

Segundo Moreira Filho e Madrid (2008, p. 6), é no fim do Império Romano, que a aceitação de relações homossexuais mudou completamente de sentido. Justiniano, em 533 a.C., passou a punir a homossexualidade com a fogueira e a castração, alegando que a prática homossexual não era um ato aceito por Deus. Segundo Spencer (1999),

O historiador da corte de Justiniano, Procópio, alegava que a motivação dessa legislação (impopular e que pouco fez para deter o comportamento homossexual) era política e não religiosa, já que prisões sob essa acusação era um método conveniente para afastar pessoas indesejáveis. (SPENCER, 1999, p.74)

Carvalho (2012) propõe-nos “que a partir do século XVII, buscou-se entender o sexo, colocaram-no em um novo patamar” (CARVALHO, 2012, p. 45). Isso porque a partir deste século (XVII), as sociedades vivenciaram mudanças estruturais: políticas, econômicas, sociais e culturais. A burguesia ascendia ao poder e já não dispunha da pureza de sangue, usada pela aristocracia, para legitimar-se. Dessa forma, tiveram que “lançar mão de outros elementos discursivos para legitimar-se no poder, dentre eles o cultivo da ideia de uma única sexualidade sadia” (CARVALHO, 2012, p. 47). Assim, a vigilância foi dimensionada à vida cotidiana e em aspectos até então não contemplados, desenrolou-se no sentido de uma coerção discursiva, fundamentada em práticas normatizadas, que garantia a diferenciação da burguesia para os demais membros da sociedade. Os discursos, no entanto, não se mostravam por meio de censura direta, mas aglutinados, de forma sutil, aos discursos das entidades médicas, religiosas, pedagógicas, econômicas, entre outras.

A distinção regulatória que se estabeleceu entre heterossexuais e homossexuais se erigiu colocando a heterossexualidade burguesa como “natural”, como a única experiência identitária capaz de expressar o desejo sexual humano de forma saudável e correta. O viés científico dessa nova concepção transpôs a homossexualidade, os comportamentos não heterossexualmente orientados e até mesmo comportamentos sexuais menos tradicionais, da categoria de crime ou pecado, para a categoria das doenças e perversões. (PRADO; MACHADO, 2008, p.36 )

Já entre o final do século XVIII e início do século XIX, em que a realidade social era transformada pela revolução burguesa e pelo Iluminismo, a percepção médico-científica da anatomia feminina é modificada. Com o aparecimento de uma nova ordem política, a partir da qual se faz necessário distinguir, em termos de oposição, homens e mulheres, fazendo aparecer, dois modelos de sexo. A distinção entre os sexos passa a justificar e a colocar diferenças morais aos comportamentos femininos e masculinos, de acordo com as exigências da sociedade burguesa. (ALBUQUERQUE, 1987).

No século XIX, as bases políticas se assentam sobre o capitalismo e, portanto, sobre a produção. No limite, recorte e objetivo deste trabalho, não nos aprofundaremos

no movimento econômico histórico. Porém, filiamo-nos a Carvalho (2012), em sua ressalva sobre a importância de entender a noção de produtividade presente nesse momento e seu valor simbólico. Segundo o pesquisador, em concordância com outros autores (FOUCAULT, 2005; 2006; 2007; BUTLER, 2007; LOURO, 2007),

somente pelo trabalho o ser humano é capaz de produzir e acumular riquezas materiais, mas também capital cultural e simbólico. Estes últimos se espalham por todas as esferas da vida e neles não é forçoso incluir modos como a sexualidade convocam os corpos a se produzirem, assim como também produzem corpos. (CARVALHO, 2012, p. 49)

O capitalismo, para o homossexual, teve um papel ambíguo: em primeiro lugar, ele coloca o homossexual como contraproducente; a lógica aqui é a mesma para se falar da história das diferenças de gênero. Supostamente, mulheres são mais frágeis e devem desenvolver atividades que exijam um menor esforço físico e, portanto, são menos úteis e proveitosas no sistema capitalista enquanto produtoras, em contrapartida, tenderiam a ser benéficas para o sistema, por serem consumistas (PRADO;MACHADO, 2008, p.37). Em segundo lugar, é também no desenvolvimento do capitalismo que se abre espaço para noções de democracia, liberdade, opinião pública e outras noções favoráveis às discussões em torno da homossexualidade e do próprio sujeito homossexual.

A terminologia também nos aponta um caminho nessa tentativa de recuo histórico da temática. Segundo Jack Drescher (2008), os termos homossexual e homossexualidade foram cunhados em 1869, pelo médico húngaro Karoly Maria Kertbeny, ao escrever uma carta-protesto diante da iminente criminalização das relações sexuais entre homens na Alemanha. Ele argumentava que “como uma variação normal da sexualidade humana, comportamentos homossexuais não são imorais e, portanto, não deveriam ser criminalizados” (DRESCHER, 2008, p.48). Já em 1886, o neurologista e psiquiatra alemão Richard Von Krafft-Ebing publicou o livro *Psychopathia Sexualis*. A obra, pioneira no estudo da patologia sexual, influenciou gerações de escritores, filósofos e psiquiatras e utilizou o termo homossexual de Benkert, mas considerando-o como desordem neurológica, tara ou degeneração (DRESCHER, 2008, p. 48-49). O historiador medievalista Philippe Áries afirmou que:

A medicina, desde o final do século XVIII, tomou emprestada a concepção clerical da homossexualidade e esta se tornou uma doença, ou melhor, uma enfermidade que um exame clínico podia diagnosticar. [...] No interior do velho mundo marginal das prostitutas, das mulheres fáceis, emergia uma espécie coerente, homogênea, com

suas características físicas originais. Os médicos haviam aprendido a detectar o homossexual, o qual, entretanto, se escondia. O exame do ânus ou do pênis bastava para desmascará-los. Apresentavam deformidades específicas, como os judeus circuncidados. Constituíam uma espécie de etnia, ainda que suas características específicas fossem adquiridas pelo uso, mais do que determinadas pelo nascimento. O diagnóstico médico ficava entre duas evidências: uma física, a dos estigmas do vício; e a outra, moral, que impelia ao vício e apresentava o perigo de poder contaminar elementos sadios. (ARIÈS, 1987, p. 81)

Embora ao olhar para o passado enxerguemos apenas a parte negativa dessa transição do entendimento, existe outro lado que deve ser destacado: uma vez que a homossexualidade passou a ser tratada como doença e não como pecado ou comportamento passível de ser criminalizado, os procedimentos punitivos foram sendo substituídos por outros aparatos sociais, uma vez que doenças devem ser apenas *tratadas e não punidas* (COSTA, 1995; 1995b; TONIETTE, 2003, PRADO; MACHADO, 2008). A homossexualidade deixou de ser considerada doença em 1973, quando os Estados Unidos a retirou da lista dos distúrbios mentais da *American Psychology Association*. Foi nessa transição que o termo deixou de ser homossexualismo para ser homossexualidade, substituindo o sufixo “ismo”, terminologia referente à “doença”, por “dade”, que remete a “modo de ser”. Já no Brasil, em nove de fevereiro de 1985, o Conselho Federal de Medicina aprovou a retirada da homossexualidade do código 302.0, referente aos desvios e transtornos sexuais, da Classificação Internacional de Doenças.

Em 17 de maio de 1990, a Assembleia Mundial da Saúde aprovou a retirada do código 302.0 da Classificação Internacional de Doenças da Organização Mundial da Saúde e a nova classificação entrou em vigor, a partir de 1º de janeiro de 1993, entre os países-membro das Nações Unidas. O Conselho Federal de Psicologia formulou a Resolução 001/99<sup>19</sup>, em 1999, considerando que “a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão”, que “há, na sociedade, uma inquietação em torno das práticas sexuais desviantes da norma estabelecida sócio-culturalmente” (no caso da sociedade brasileira, a heterossexualidade<sup>20</sup>), e, especialmente, que “a

<sup>19</sup> Disponível em: [http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999\\_1.pdf](http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf). Acesso em: 21 de agosto de 2015.

<sup>20</sup> Indivíduo amorosamente, fisicamente e afetivamente atraído por pessoas do sexo/gênero oposto. Heterossexuais não precisam, necessariamente, terem tido experiências sexuais com pessoas do outro sexo/gênero para se identificarem como tal. Definição do Manual de Comunicação LGBT, produzido pela Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT). Disponível em: <http://www.observatoriodegenero.gov.br/search?SearchableText=manual+de+comunica%C3%A7%C3%A3o+LGBT>. Acesso em: 21 de agosto de 2015.

Psicologia pode e deve contribuir com seu conhecimento para o esclarecimento sobre as questões da sexualidade, permitindo a superação de preconceitos e discriminações”. Assim, no Brasil, cientificamente, homossexualidade não é considerada doença. (Manual de Comunicação LGBT, produzido pela Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, 2010, p.11)

Os autores Prado e Machado (2008, p.35), com base em Toniette (2003), Costa (1995) e Giddens (1993), descrevem resumidamente todo esse percurso apresentando até aqui, em três concepções sobre as diferenças sexuais, que contribuem para nossa atual compreensão da sexualidade:

a) o modelo do sexo único: período no qual, por insuficiência de recursos simbólicos, a sexualidade humana não era representada de forma binária, como masculina e feminina. As diferenças entre homens e mulheres eram consideradas como graus de desenvolvimento em uma mesma classe ontológica, na qual o corpo da mulher era considerado defeituoso e imperfeito. Dessa forma, a conduta sexual também não era vinculada com ações que seriam especificamente para homens ou para mulheres, e sim em atividade e passividade: ser ativo é ser másculo, seja qual for o sexo do parceiro, chamado passivo. Os autores destacam a importância desse período para se pensar na heterossexualidade como uma invenção, uma vez que o período demonstra que heterossexual e homossexual são conceitos recentes na história do ocidente e já foram utilizados para descrever fenômenos bem distintos dos de hoje, sendo que atualmente vêm suscitando muitas críticas quanto ao seu poder de descrição. (PRADO; MACHADO, 2008, p.36)

b) o modelo do dimorfismo radical e da diferença biologicamente determinada: nesse período, que compreendeu o final do século XVIII e início do século XIX, o modelo anterior começou a se desfazer e passou a receber contornos políticos, para justificar desigualdades sociais. As mulheres passaram a ser vistas não como um grau diferente – e defeituoso – do mesmo sexo, mas como um sexo diferente, biologicamente determinado. Isso para que fosse possível conjugar os ideais republicanos de igualdade e liberdade. Os revolucionários franceses precisavam justificar a desigualdade entre homens e mulheres de outra forma.

As diferenças então ancorariam as justificativas necessárias para a desigualdade entre os sexos, agora traduzidas em uma “incapacidade” das mulheres para desenvolver as tarefas de maior importância e prestígio social. Isto equivale a afirmar que as hierarquias sexuais não se estabelecem à margem das estruturas sociais, dos sistemas de produção e da cultura, uma vez que estas são causa e sintoma das

hierarquias sociais como um todo. (PRADO; MACHADO, 2008, p.37)

c) a resignificação da sexualidade pela diversidade sexual: a partir do século XX, “fortaleceu-se uma representação da sexualidade como fonte de prazer e expressão da individualidade”. Esta compreensão da sexualidade é ainda um referencial em construção, mas possibilita a sua vinculação “à luta pelo reconhecimento das formações identitárias não hegemônicas — mulheres, jovens e não-heterossexuais — que passaram a contestar ‘as formas tradicionais’ (Igreja, família, comunidade) e ‘modernas’ (o Estado, a medicina e a psiquiatria) de regulação da sexualidade”. (PRADO; MACHADO, 2008, p. 41).

Isso posto, continuemos a entender os demais aspectos que compõe a vida de um sujeito LGBT. Como um desdobramento natural de suas relações, os sujeitos constroem laços afetivos, se agrupam e constituem famílias. Nas relações homoafetivas, assim como em qualquer outra, esses desdobramentos também acontecem. A diferença, no entanto, é que eles são alvos de tensões em diversas esferas sociais. Convocaremos na próxima seção, para elucidar a disputa de sentidos dentro desse eixo temático da unidade familiar, a maior enquete da história do Portal Câmara dos Deputados.

### *1.2.2 Repercussões midiáticas contemporâneas sobre as famílias homoafetivas*

Criada pela Coordenação de Participação Popular da Câmara e lançada pela Câmara dos Deputados, em 11 de fevereiro de 2014,<sup>21</sup> a maior enquete da história do Portal Câmara dos Deputados teve por objetivo verificar se os cidadãos são favoráveis ou contrários ao conceito de família incluído no Projeto de Lei 6583/13<sup>22</sup>, do deputado Anderson Ferreira (PR-PE). Esse PL cria o Estatuto da Família, que apresenta diretrizes de políticas públicas voltadas para a entidade familiar, obrigando o Poder Público a garantir as condições mínimas para a “sobrevivência” desse núcleo, formado “a partir da união entre homem e mulher”. Dentre as várias ações propostas, está a inclusão na grade escolar da disciplina “Educação para a Família” e a celebração, em todas as escolas públicas e privadas, do Dia Nacional de Valorização da Família (21 de outubro).

---

<sup>21</sup> Disponível em: < <http://www2.camara.leg.br/agencia-app/votarEnquete/enquete/101CE64E-8EC3-436C-BB4A-457EBC94DF4E>> . Acesso em: 27 de novembro de 2014.

<sup>22</sup> Íntegra da proposta, disponível em: < <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=597005>> . Acesso em: 27 de novembro de 2014.



A pesquisa, então, incumbiu à sociedade a responder: “sim”, “não” ou “não tenho uma opinião formada”, para a pergunta: “Você concorda com a definição de família como núcleo formado a partir da união entre homem e mulher, prevista no projeto que cria o Estatuto da Família? ”. Após 24 horas no ar, a enquete alcançou o recorde do site atingindo a marca de 20 mil votos e produzindo um efeito viral na internet, principalmente nos sites de redes sociais *Facebook* e *Twitter*.<sup>23</sup> Ressalta-se que o título de “maior campanha” se deve à quantidade de votos e ao tempo de permanência no ar. As enquetes lançadas pelo Portal Câmara dos Deputados são encerradas caso permaneçam mais de sete dias consecutivos sem votação. Essa enquete foi encerrada um ano e meio após seu lançamento e contou com mais de 10 milhões e meio de votos<sup>24</sup>, sendo que o “não” venceu com mais de 300 mil votos de diferença e um total de 51,62% dos votos.

O site alertava para o fato de que os dados gerados pelas enquetes não possuíam valor científico, mas a polarização virtual na blogosfera (e a diversidade de enquadramentos) sobre o tema se formou e pareceu confirmar que o não valor científico dessa enquete não se sobrepõe ao seu valor simbólico. Para além da polarização virtual, a enquete também movimentou um grande número de pessoas públicas que utilizaram desse status, que lhes proporciona visibilidade, para convocar a sociedade a votar. Dentre vários casos, citamos o Deputado Jean Wyllys (PSOL-RJ)<sup>25</sup> e o Pastor Silas Malafaia<sup>26</sup>. Nossa escolha se deve ao notório envolvimento de ambos nas discussões

---

<sup>23</sup> Disponível em: < <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/DIREITOS-HUMANOS/461923-ENQUETE-DA-CAMARA-SOBRE-CONCEITO-DE-FAMILIA-TEM-MAIS-DE-20-MIL-VOTOS-EM-24-HORAS.html>>. Acesso em: 27 de novembro de 2014.

<sup>24</sup>O número de votos se refere ao último acesso em: 23 de agosto de 2015.

<sup>25</sup> Jean Wyllys é deputado federal pelo PSOL-RJ desde 2011. Dentre as várias premiações e sua atuação, destacam-se: título de personalidade LGBT do ano (2014), Troféu Nelson Mandela (2013), por sua atuação em defesa da igualdade e o Prêmio Rio Sem Preconceito. Como deputado federal, Jean Wyllys participa de várias ações parlamentares de enfrentamento às DST e ao HIV/AIDS, em defesa dos Direitos Humanos, da Liberdade de Expressão e da Igualdade Racial. Dessa forma, o deputado se destaca em uma militância política.

<sup>26</sup> Silas Lima Malafaia nasceu em 20 de janeiro de 1958, no Rio de Janeiro. Filho de pais evangélicos, casado com Elizete Malafaia, com quem tem três filhos. Graduiu-se em psicologia, embora não tenha exercido a profissão. Atualmente, é líder da igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo, presidente do Conselho de Ministros do Estado do Rio de Janeiro (Comerj), vice-presidente do Conselho Interdenominacional de Ministros Evangélicos do Brasil (Cimeb) e presidente da Editora Central Gospel e da gravadora Central Gospel Music. O pastor se destaca em suas opiniões polêmicas e críticas em temas relacionados à legalização do aborto e da união homossexual. Com grande influência e uma legião de seguidores, o pastor mantém seu programa televisivo “Vitória em Cristo” há mais de três décadas. Malafaia também é um dos líderes evangélicos que mais vendem CDs, DVDs e livros religiosos para evangélicos e não evangélicos no País. Em janeiro de 2013, uma reportagem da revista *Forbes* classificou-o como o terceiro pastor mais rico do Brasil.

públicas sobre questões relativas à comunidade LGBT, tornando-os figuras icônicas pró e contra a causa.

O pastor Silas Malafaia, que faz parte da igreja Assembléia de Deus Vitória em Cristo, convocava regularmente seus mais de 800 mil seguidores do *Twitter* para votar “sim” – em uma dessas datas, o site da Câmara saiu do ar devido ao volume de acessos. Em outra ponta, o deputado Jean Wyllys seguiu incentivando seus seguidores nos sites de redes sociais a votarem pelo “não”. O ponto máximo de votos contrários ao texto do Estatuto se deu no dia 07 de setembro de 2014, mesma data da parada LGBT de Brasília. Além das figuras citadas, também duelam em torno da enquete: o grupo de Cidadania LGBT e a Associação Nacional Pró-Vida e Pró-Família. O primeiro defendendo os novos arranjos familiares, formados por avós e netos, tios e sobrinhos, famílias homoparentais,<sup>27</sup> entre outros. Já o segundo sugere uma votação que preserve a chamada “família natural”.

Em resposta à proposição desse “Estatuto da Família”, emergiram várias campanhas nos sites de redes sociais. Dentre estas, destacamos a Campanha Nacional de Apoio ao Casamento Igualitário e a de visibilização dos diversos arranjos familiares. Estas campanhas se caracterizaram pelo uso das *hashtags* *#NossaFamíliaExiste* e *#emdefesadetodasasfamílias*, acompanhando fotos de casais homoafetivos<sup>28</sup> e outros arranjos familiares não tradicionais. E, nesses formatos, de apresentação e publicização de imagens que retratam a realidade, reforçaram a necessidade de ampliar o conceito de família, e não de reduzi-lo.

Essa necessidade também se comprova pelos dados apresentados pelo Censo Demográfico de 2010, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2012, no qual são retratadas algumas características novas na constituição das famílias brasileiras, como: aumento de famílias que estão completamente sob a

---

<sup>27</sup> Segundo Rodriguez (2012), a família homoparental é a situação na qual ao menos um indivíduo homossexual assume a responsabilidade por uma criança. O termo homoparentalidade, originalmente francês e criado em 1997 pela APGL - Associação de Pais e Futuros Pais Gays e Lésbicas (ROUDINESCO, 2003), tem sido alvo de questionamentos por colocar o foco na orientação sexual dos pais, ao mesmo tempo em que se refere ao cuidado dos filhos (PASSOS, 2005).

<sup>28</sup> O adjetivo “homoafetivo” é utilizado para descrever a complexidade e a multiplicidade de relações afetivas e/ou sexuais entre pessoas do mesmo sexo/gênero. Este termo não é sinônimo de homoerótico e homossexual, pois conota também os aspectos emocionais e afetivos envolvidos na relação amorosa entre pessoas do mesmo sexo/gênero. É um termo muito utilizado no mundo do Direito. Não é usado para descrever pessoas, mas sim as relações entre as pessoas do mesmo sexo/gênero. Definição do Manual de Comunicação LGBT, produzido pela Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), disponível em: < <http://www.observatoriodegenero.gov.br/search?SearchableText=manual+de+comunica%C3%A7%C3%A3o+LGBT> >. Acesso em: 21 de agosto de 2015.

responsabilidade da mulher (que passou de 22,2%, em 2000, para 37,3% em 2010); aumento na proporção de unidades domésticas com apenas um morador (que passaram de 9,2%, em 2000, para 12,1% em 2010) e o aumento de casais não-heterossexuais no Brasil (60 mil casais homoafetivos, sendo a maioria formada por católicos, 47,4% e mulheres 53%).<sup>29</sup>

A ideia [das campanhas] é mostrar que as famílias homoafetivas já existem, inclusive com uniões registradas em cartório, com filhos biológicos, adotivos. As famílias já estão aí. Como o projeto quer pressupor que a família é só homem e mulher? A aprovação do “Estatuto da família” só vai prejudicar a sociedade. Essas famílias vão deixar de ter os direitos civis garantidos por lei (João Junior, idealizador da ação e um dos coordenadores da Campanha Nacional de Apoio ao Casamento Igualitário).<sup>30</sup>

Essas disputas em torno da definição e do engessamento do conceito de família evidenciam a disparidade que existe entre a realidade das famílias brasileiras e o que se tenta estabelecer como sendo a realidade. No Brasil, essa disparidade se traduz também pela discrepância de entendimento (dos mesmos casos) entre o poder legislativo e o judiciário. O texto do Estatuto, por exemplo, vai contra o reconhecimento da família homoafetiva, que já se deu em 5 de maio de 2011, pelo Supremo Tribunal Federal. A decisão conferiu aos casais formados por pessoas do mesmo sexo o direito à união estável<sup>31</sup>. Na ocasião, o ministro Ayres Britto, então relator da ação, entendeu que

a Constituição Federal não faz a menor diferenciação entre a família formalmente constituída e aquela existente ao rés dos fatos. Como também não distingue entre a família que se forma por sujeitos heteroafetivos e a que se constitui por pessoas de inclinação homoafetiva. (Ministro aposentado Ayres Britto, 2011)

Antes, esse formato de relacionamento era um direito apenas do homem e da mulher, em razão do que dispunha o artigo 1.723 do Código Civil,<sup>32</sup> que usava a expressão “homem e mulher”, apenas. Atualmente, ao lado dessa expressão, é possível ler “casais de mesmo sexo”. O passo seguinte foi requerer a facilitação da conversão da

<sup>29</sup> Disponível em: < <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2012-10-17/ibge-identifica-60-mil-casais-gays-no-pais>> . Acesso em: 16 de maio de 2015

<sup>30</sup> Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/campanha-nossafamiliaexiste-reune-fotos-de-casais-homoafetivos-se-preparando-para-natal-14770714>>. Acesso em: 28 de janeiro de 2015.

<sup>31</sup> Disponível em: < <http://stf.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/20627236/acao-direta-de-inconstitucionalidade-adi-4277-df-stf>>. Acesso em: 18 de maio de 2014

<sup>32</sup> CC - Lei nº 10.406 de 10 de janeiro de 2002- Art. 1.723. É reconhecida como entidade familiar a união estável entre o homem e a mulher, configurada na convivência pública, contínua e duradoura e estabelecida com o objetivo de constituição de família. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110406.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406.htm)>. Acesso em: 18 maio de 2014.

união em casamento<sup>33</sup> e isso foi se tornando realidade, após a decisão do STJ no julgamento do RESP 1.183.378-RS, que reconheceu o direito de um casal homossexual a requerer a habilitação direta para casamento. Nem todos os estados aderiram a tal aceitação de imediato. Em virtude disso, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) editou a Resolução nº 175, de 14 de maio de 2013<sup>34</sup>, publicada em 15 de maio de 2013, autorizando o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Falta, ainda, que o Legislativo aprove os projetos de lei e emenda constitucional, garantindo o direito ao casamento igualitário na Constituição e no Código Civil, os quais vão de encontro com a proposição do Estatuto da Família. Segundo o site *Casamento igualitário civil: mesmos direitos com os mesmos nomes*:

isso é necessário por duas razões. Em primeiro lugar, para garantir que essa conquista seja irreversível. Em segundo lugar, porque as decisões do Congresso, diferentemente das decisões do Judiciário, são antecedidas por um debate público que envolve o conjunto das forças políticas e promove como consequência, um debate social que tem um valor pedagógico muito importante para combater os preconceitos e ajudar a construir uma sociedade mais justa. Uma sociedade que respeite e celebre a diversidade e acabe com a violência e a opressão contra aqueles que, durante séculos, foram maltratados apenas por amar de maneira diferente.<sup>35</sup>

Em 3 de março de 2015, o STJ deu mais um passo à frente no reconhecimento da pluralidade das sexualidades, ao reafirmar a viabilidade jurídica da união estável homoafetiva e a aceitação dessa união como uma unidade familiar, com o entendimento de que o parceiro em dificuldade de subsistência pode pedir pensão alimentícia após o rompimento da união estável<sup>36</sup>. A decisão unânime se deu em função do pedido de um homem<sup>37</sup> que, após o rompimento de uma relação de 15 anos, se viu em dificuldades financeiras ao passar por um tratamento de saúde. A decisão afirmativa do STJ também acabou por abrir precedentes para situações semelhantes nos tribunais do país.

Em relação a homoparentalidade por meio de adoção, em decisão assinada no dia 5 de março 2015 e publicada no dia 17 do mesmo mês, a ministra do Supremo

---

<sup>33</sup>Disponível em: < <http://www.recivil.com.br/preciviladm/modulos/artigos/documentos/Artigo%20-%20Convers%C3%A3o%20de%20uni%C3%A3o%20est%C3%A1vel%20em%20casamento.pdf>> Acesso em 27 agosto 2014.

<sup>34</sup>Disponível em: < <http://priscilaaguair.jusbrasil.com.br/noticias/111681092/resolucao-n-175-de-14-de-maio-de-2013?ref=home>>. Acesso em: 01 de junho de 2014

<sup>35</sup> Disponível em: < <http://casamentociviligualitario.com.br/>>. Acesso em: 02 de novembro de 2014

<sup>36</sup>Disponível em: < [http://www.stj.jus.br/sites/STJ/default/pt\\_BR/noticias/noticias/Destaques/STJ-reconhece-possibilidade-de-parceiro-homossexual-pedir-pens%C3%A3o-aliment%C3%ADcia](http://www.stj.jus.br/sites/STJ/default/pt_BR/noticias/noticias/Destaques/STJ-reconhece-possibilidade-de-parceiro-homossexual-pedir-pens%C3%A3o-aliment%C3%ADcia)>. Acesso em: 4 de março de 2015.

<sup>37</sup>O número deste processo não foi divulgado em razão de segredo judicial.

Tribunal Federal (STF), Cármen Lúcia, reconheceu a adoção de crianças por um casal homoafetivos<sup>38</sup>. Ela negou um recurso do Ministério Público do Paraná e manteve decisão que autorizou a adoção de crianças por um casal homoafetivo. A ministra argumentou que o conceito de família não pode ser restrito por se tratar de casais homoafetivos e que o conceito de família, com regras de visibilidade, continuidade e durabilidade, também deve ser aplicado às pessoas do mesmo sexo.

O conceito contrário implicaria forçar o nosso Magno Texto a incorrer, ele mesmo, em discurso *indisfarçavelmente preconceituoso ou homofóbico* [...] a isonomia entre casais heteroafetivos e *pares homoafetivos somente ganha plenitude de sentido se desembocar no igual direito subjetivo à formação de uma autônoma família*. (Ministra do STF Carmén Lúcia, 2015, grifos nossos)<sup>39</sup>

A determinação foi baseada na decisão do plenário do Supremo que reconheceu em 2011, por unanimidade, a união estável para parceiros do mesmo sexo. Em ambos os casos, os ministros pronunciaram suas decisões acompanhadas de discursos favoráveis ao reconhecimento da pluralidade. As decisões se tornaram ações estratégicas, afirmativas e de empoderamento da família homoafetiva.

A enquete, a decisão do judiciário, as campanhas e a própria existência de uma pesquisa que investiga a opinião pública sobre as nuances da homossexualidade apontam para discussões em voga na sociedade brasileira contemporânea, em diversas esferas. Elas evidenciam a necessidade de dar visibilidade às diversas possibilidades de existência dos sujeitos e de arranjos entre si. Evidenciam também a constante tensão vivenciada pelos sujeitos LGBTs que, em muitos momentos, se transforma em hostilização, intolerância e discurso de ódio, caracterizando-se como homofobia.

### 1.2.3 A homofobia

A homofobia consiste em um problema social e político dos mais graves, mas que varia de intensidade e frequência, de sociedade para sociedade. Esse conceito ganhou o domínio público, no ativismo, na academia e também na mídia. Segundo Borrillo (2010, p.13), a homofobia é a atitude de hostilidade contra as/os homossexuais. Essa hostilidade é mais que um medo de estar com uma pessoa homossexual ou que um

---

<sup>38</sup>Disponível em: < <http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2015-03/ministra-do-stf-reconhece-adocao-de-crianca-por-casal-homoafetivo>>. Acesso em: 1 de abril de 2015.

<sup>39</sup> Disponível em: < <http://s.conjur.com.br/dl/stf-reconhece-adocao-restricao-idade.pdf>>. Acesso em: 6 de março de 2015.

ódio visceral por pessoas homossexuais. Para o autor, trata-se de um dispositivo ideológico que reúne crenças, preconceitos e convicções que se sobrepõem em atos, práticas e condutas.

Dessa forma, a homofobia emerge como um constructo ideológico que consiste na promoção constante de uma forma de sexualidade em detrimento de outra, que organiza a hierarquização das sexualidades, extraindo consequências políticas; como uma hostilidade geral, psicológica e social contra aquelas e aqueles que, supostamente, sentem desejo ou têm práticas sexuais com indivíduos de seu próprio sexo; e, por fim, como uma forma específica de sexismo, que rejeita, igualmente, todos que não se conformam com o papel predeterminado para seu sexo biológico.

Neste universo, ainda que todos aqueles que destoam da norma heterossexista sofram com as violências homofóbicas, é possível identificar homofobias específicas para grupos marginalizados (BORILLO, 2010, p. 25). A *gayfobia* possui mais visibilidade não pelo fato de homens homossexuais terem sido mais perseguidos durante a história, mas pela invisibilidade tanto da sexualidade feminina, quanto da homossexualidade feminina, isto é, a *lesbofobia* apresenta uma violência particular que caracteriza a dupla opressão por gênero e em função da lesbianidade.

Mesmo que o sexismo engendrado em nossa cultura faça parecer que a homossexualidade feminina é mais aceita que a masculina, visto que o sexo entre mulheres pode ser visto como um instrumento do desejo masculino, a violência lesbofóbica emerge na não concepção de que mulheres podem sentir prazer sem a presença de um homem. O machismo ainda não concebe que mulheres possam viver suas vidas sem que haja uma figura masculina para dar rumo a elas. Ao adentrar no terreno da sexualidade, a situação se mostra ainda mais complicada. Olhamos o mundo a partir de uma visão masculina e heterocentrada. Por esse motivo, a sexualidade feminina é tida como inexistente ou, quando surge, como algo que orbita a sexualidade masculina (BORILLO, 2010, p.30-35). E, por fim, a *transfobia* que, embora faça referência a uma transitoriedade de gênero, ainda é afetada pela homofobia. Pessoas trans, constantemente, são obrigadas a viver suas vidas à margem da sociedade. A transexualidade ainda é tida como uma patologia, uma disforia, um distúrbio. Assim, suas existências são contestadas e retiradas de suas próprias autonomias. A estes sujeitos em trânsito, é garantido um não-lugar, um não-pertencimento e, dessa maneira, às suas condições é atribuído um valor menor.

Na arena midiática nacional, se desenrolou, em 28 de setembro de 2014, um debate realizado pela Rede Record, no qual essa temática se tornou protagonista, a partir de uma fala do candidato Levy Fidelix (PRTB). As declarações foram dadas após pergunta da candidata Luciana Genro (PSOL), que citou a violência a que a população LGBT é submetida e indagou Levy sobre os motivos pelos quais os que “defendem a família se recusam a reconhecer como família um casal do mesmo sexo”. Ele disse:

Dois iguais não fazem filho. [...] e aparelho excretor não reproduz. Prefiro não ter esses votos, mas ser um pai, um avô, que tem vergonha na cara, que instrua seu filho, que instrua seu neto. [...] Eu vi agora o padre, o santo padre, o papa, expurgar, fez muito bem, do Vaticano, um pedófilo. Está certo! [...]. Então, gente, vamos ter coragem, nós somos maioria, vamos enfrentar essa minoria. Vamos enfrentá-los. [...] que esses que têm esses problemas realmente sejam atendidos no plano psicológico e afetivo. (Levy Fidelix, 2014, rede Record)<sup>40</sup>

A fala do candidato trouxe à tona a homofobia como um problema público real e ainda não criminalizado no Brasil, mas que necessita sim de uma legislação específica que a criminalize. A repercussão foi imensa e, no dia seguinte, os diversos veículos de comunicação estampavam as declarações do candidato em suas manchetes, relacionando-as à homofobia<sup>41</sup> e a impunidade. Além disso, na ocasião, o procurador-geral da República, Rodrigo Janot, foi a público falar sobre as declarações de Fidelix

ser contra a homossexualidade, ou contra a união entre eles, é uma opinião protegida pelo direito à liberdade de expressão. No entanto, a fala de Levy Fidelix é um convite à intolerância e à discriminação, permitindo, em princípio, sua caracterização como *discurso mobilizador de ódio*. (Grifo nosso)<sup>42</sup>

Nos sites de redes sociais, minutos após as declarações, muitos internautas se manifestaram, condenando-o e cobrando medidas judiciais. Os termos “Levy” e “aparelho excretor” chegaram aos *trending topics* do *Twitter* no Brasil quase que imediatamente. A *hashtag* “#LevyVocêÉNojento” foi compartilhada mais de 7 mil vezes, em duas horas, chegando ao topo dos assuntos mais comentados<sup>43</sup>. Outra parte dos internautas apoiou Levy Fidelix, usando como argumento a “liberdade de

<sup>40</sup> Disponível em: <<http://rederecord.r7.com/video/-aparelho-excretor-nao-reproduz-ponde-levy-fidelix-em-debate-5428e9be0cf2672fb4c57070/>>. Acesso em: 6 de março de 2016.

<sup>41</sup> Como uma matéria da *Globo News*, veiculada no dia posterior ao debate, na qual a emissora destacou que “somente no ano de 2014, a homofobia já teria causado 216 de mortes”.

<sup>42</sup> Disponível em <<http://eleicoes.uol.com.br/2014/noticias/2014/10/01/procurador-da-24-h-para-fidelix-explicar-declaracoes-homofobicas.htm>>. Acesso em: 30 de setembro de 2014.

<sup>43</sup> Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/09/140929\\_salasocial\\_eleicoes2014\\_fidelix\\_gays\\_rs](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/09/140929_salasocial_eleicoes2014_fidelix_gays_rs)>. Acesso em: 2 de março de 2015.

expressão” e o fato dele “ter a coragem de dizer o que pensa”, argumentos recorrentes em debates sobre essa temática.<sup>44</sup>

Com base nas declarações de Levy, em 13 de março de 2015, o Tribunal de Justiça de São Paulo condenou o agora ex-candidato do PRTB à presidência da República, Levy Fidelix, ao pagamento de R\$ 1 milhão de reais em indenização, por danos morais a movimentos ligados à população LGBT. O valor da indenização, corrigido, será destinado às ações de promoção de igualdade da população LGBT. A sentença foi julgada em primeira instância e, por meio de nota à imprensa, o ex-candidato sinalizou que irá recorrer<sup>45</sup>. Passado o período eleitoral e a posse do presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), tem-se atualmente: a proposta da PLC122 em conjunto com a Lei nº 7.716 – que tem por objetivo igualar a conduta homofóbica ao crime de racismo, que é imprescritível e inafiançável – arquivada.

Todo o percurso apresentado até aqui mostra as (homos)sexualidades como um entrecruzamento de discursos, práticas e ideias que evidenciam valores compartilhados em diferentes grupos sociais. Ou seja, uma rede de construção intersubjetiva. É importante ressaltar que são as construções intersubjetivas sobre um tema que fundam um mundo simbólico para os sujeitos e nos próprios sujeitos. Assim, na próxima seção, trataremos de como se constrói e se dá a ver esse simbólico compartilhado, a partir de dois conceitos: estigma e representação social.

### 1.3 (Re)construção de sentidos sobre a homossexualidade: estigmas e representações

Como apresentado anteriormente, a homossexualidade deixou de ser considerada pecado para ser tida como crime. Posteriormente, passou a ser classificada como doença mental<sup>46</sup>, em 1977. E, foi só em 17 de maio de 1990 que a Organização Mundial de

<sup>44</sup>Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/levy-fidelix-e-a-suposta-homofobia-na-democracia-dizer-besteira-e-diferente-de-praticar-crime-ou-uma-oab-covarde-vai-a-justica-contra-fidelix-uma-oab-corajosa-iria-a-justica-contra-dilma-rousseff/>> . Acesso em 28 de fevereiro de 2015.

<sup>45</sup> Disponível em: < <http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2015-03/levy-fidelix-e-condenado-pagar-r-1-milhao-por-declaracoes-homofobicas>> . Acesso em: 1 de abril de 2015

<sup>46</sup> Alguns dos métodos usados ao longo da história para reverter a homossexualidade: **Forca**: nas colônias protestantes dos EUA, no século 17, a sociedade era tão puritana que esse era o destino de quem cometesse “atos indecentes”; **Prisão**: na Inglaterra, em 1895, Oscar Wilde foi condenado a ficar dois anos preso por seus relacionamentos “antinaturais”; **Hipnose**: no fim do século 19, tomou força a teoria de que a homossexualidade era uma doença mental e deveria ser tratada. Em 1899, um certo Dr. John D. *Quackenbos* tratava com hipnose não só a homossexualidade como a ninfomania e a masturbação; **Castração**: em 1898, o Instituto Kansas de Doenças Mentais castrou 48 meninos. Certos pacientes buscavam voluntariamente a cirurgia de extração de testículos, acreditando que isso curaria seu desejo sexual; **Choques**: em 1937, em Atlanta, médicos prometiam que seus pacientes desistiriam do “vício”



Saúde (OMS) retirou a homossexualidade da lista internacional de doenças<sup>47</sup>. Embora, oficialmente não seja mais considerada doença, ela é, permanentemente, reconfigurada e carrega em si esse status do “algo errado”. Ainda que não seja algo claro, esse *status* gera as tensões apresentadas anteriormente. Para falar sobre esse status, ao qual Goffman se refere como “identidade-social” (1988, p.5), e que não reside no comportamento homossexual em si, mas nos significados em torno dele, acionamos o conceito de *estigma*.

Segundo Goffman, estigma “é a situação do indivíduo que está inabilitado para aceitação social plena” (GOFFMAN, 1988, p.7). Ele destaca que existem três tipos de estigmas: 1) deformidade física; 2) as culpas de caráter individual; e 3) os estigmas coletivos. Interessante notar aqui que as homossexualidades e suas nuances abarcam as três formas de estigma. O primeiro tipo pode ser verificado em transitoriedade de gênero. Os estigmas coletivos se evidenciam em situações como o surgimento da AIDS, por exemplo, o qual foi amplamente associado à homossexualidade<sup>48</sup>. Já as culpas de caráter individual podem ser exemplificadas a partir do exemplo do próprio autor, “as paixões não naturais”(1988, p.7): em uma sociedade heteronormativa, o relacionamento afetivo sexual entre pessoas do mesmo sexo não se constitui parte natural dessa estrutura.

Notam-se, ainda, duas dimensões de indivíduos estigmatizados que se aplicam de forma mais nítida aos homossexuais, a saber: os indivíduos desacreditados e desacreditáveis (GOFFMAN, 1988, p.7). O indivíduo desacreditado é aquele cujo estigma é imediatamente evidente ou já é conhecido pelas pessoas à sua volta. Esses seriam os indivíduos cuja (homos)sexualidade é exposta desde o primeiro contato, seja por suas roupas, formas de falar, adereços ou qualquer outro tipo de marcador que está à margem do normatizado. O desacreditável é aquele com um estigma que não está imediatamente aparente e nem se tem dele um conhecimento prévio. Ainda voltando

---

depois de dez sessões de eletrochoques; **Aversão:** nos anos 1950, na Checoslováquia, pacientes tomavam uma droga indutora de vômito e eram obrigados a ver cenas de homens nus. Depois, recebiam uma injeção de testosterona e eram expostos a imagens de mulheres nuas; **Lobotomia:** o tratamento foi usado no começo do século XX, até que, em 1959, um relatório do Hospital Estadual Pilgrim, em Nova York, avaliou 100 casos e concluiu que os pacientes continuavam homossexuais. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/ciencia/homossexualidade-e-doenca>>. Acesso em 28 de janeiro de 2016.

<sup>47</sup> É por este motivo que o dia 17 de maio ficou marcado como Dia Internacional contra a Homofobia.

<sup>48</sup> Veriano Terto Jr. (2002) debate que na década de 1980, com o surgimento da AIDS, as construções sociais simbólicas sobre a homossexualidade se complexificaram e recrudesceram uma série de preconceitos, em especial, em relação à homossexualidade masculina. Segundo o autor, nessa época, ser homossexual se transformou num sinônimo de ter AIDS. No início, a associação chegou a tal ponto que a doença, recém descoberta, chegou a ser chamada de GRID (*Gay Related Immunodeficiency*) nos meios científicos e de *câncer gay*, *peste gay* ou *peste rosa* pela imprensa e pela opinião pública,

nosso olhar para o grupo LGBT, podemos identificá-los como indivíduos que causam surpresa ao revelar sua (homos)sexualidade, pois não possuem qualquer estereótipo, como as lésbicas femininas ou os *gays* masculinos.

Esse conceito é de muita valia à nossa pesquisa, pois, como o autor destaca, essa divisão gera tensões – ações e reações em situações sociais – diferentes, embora seja comum que uma mesma pessoa passe por ambas as situações. No caso do indivíduo desacreditado, o problema que se coloca é a manipulação da tensão gerada durante os contatos sociais; no caso do desacreditável é a manipulação da informação sobre o seu estigma. “Exibi-lo ou ocultá-lo; contá-lo ou não contá-lo; revelá-lo ou escondê-lo; mentir ou não mentir; e, em cada caso, para quem, como, quando e onde. ” (GOFFMAN, 1988, p. 51).

Marcas de estigma sobre qualquer indivíduo alteram sua forma de vida na sociedade, na medida em que

um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode-se impor a atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. (GOFFMAN, 1988, p.7)

Importante pontuar também que o que faz o estigma ser uma marca depreciativa não é inerente ou fixo aos indivíduos e grupos, mas socialmente construído e pode variar com o contexto. Para falar sobre essas construções sociais e como elas variam em relação ao tempo e ao espaço, acionamos o conceito de *representação social*.

O conceito de representação social é abordado pelo psicólogo social francês Serge Moscovici (1961), em sua obra *La psychanalyse, son image et son public*, cuja tradução em português é *A psicanálise, sua imagem e seu público*. No Brasil, a publicação dos estudos do conceito de representação social de Serge Moscovici foi feita em 1978, sob o título de *A representação social da Psicanálise*. Em Moscovici, o conceito nasce da releitura crítica feita sobre as noções de representação coletiva da teoria funcional de Émile Durkheim. Na elaboração de uma teoria da religião, da magia e do pensamento mítico, Durkheim argumentou que os fenômenos coletivos não poderiam ser explicados em termos de indivíduos, pois o indivíduo não pode inventar uma língua ou uma religião. Assim, esses fenômenos seriam produtos de uma comunidade ou de um povo. O sociólogo trabalhou na diferenciação entre as representações individuais e as representações coletivas, uma vez que as regras que orientam a vida individual não são necessariamente as mesmas que regem a vida coletiva.

As representações que partem da individualidade do sujeito ganham uma nova existência na vida social; destacando-se do corpo do indivíduo, passam a ter uma existência independente em relação ao seu substrato. Nessa passagem do individual ao coletivo, elas são vistas como dotadas de relativa autonomia, compondo um agregado simbólico superior. “Se pode dizer, em certos traços, que as representações coletivas são exteriores às consciências individuais, é que elas não derivam dos indivíduos tomados isoladamente, mas de seu concurso” (DURKHEIM, 2007, p. 34)

Na definição de Moscovici, no entanto, a representação social refere-se ao posicionamento e localização da consciência subjetiva nos espaços sociais, com o sentido de constituir percepções por parte dos indivíduos. Nesse contexto, as representações de um objeto social passam por um processo de formação, entendido como um encadeamento de fenômenos interativos, fruto dos processos sociais no cotidiano do mundo moderno. Moscovici (1978) buscou analisar os processos através dos quais os indivíduos elaboraram explicações sobre questões sociais e como isso de alguma forma relaciona-se com a propagação das mensagens, dos comportamentos e da organização social.

Segundo Simões (2010, p.5), as representações podem ser compreendidas como universos de sentidos que emergem a partir da experiência dos seres humanos no mundo. Assim, as representações dizem de sentidos ou significados que emergem do contexto social e histórico da sociedade, aos quais pertencem e onde são produzidas. Para França (2004), as representações são como um processo em movimento reflexivo, “espelhando diferenças e movimentos da sociedade; [...] enquanto sentidos construídos e cristalizados, elas dinamizam e condicionam determinadas práticas sociais” (FRANÇA, 2004, p. 19). Com base nas pesquisadoras, é válido considerar que o papel do social na efetividade das representações é central.

Isso posto, podemos inferir que o estigma também é da ordem do simbólico e é (retro)alimentado (tanto pelos sujeitos estigmatizados quanto pelos sujeitos que impõem o estigma ao outro) a partir das representações sociais que se estabelecem em determinado tempo e local.

Diante desse quadro conceitual, entendemos que, ao falar das homossexualidades, estamos lidando muito mais com o simbólico do que com uma definição pontual, falamos de construções sociais que agem a partir do conjunto de referências que norteiam a vida das pessoas. Referências essas que são construídas a partir das diferentes relações entre os sujeitos e destes com o mundo. Por exemplo, ao pensarmos

na homossexualidade, convocamos todas essas construções anteriores, que realizamos ao longo da vida. E, assim, tanto os estigmas como as representações de modo mais amplo se tornam expressões da realidade social, ou seja, se tornam um terreno comum, a referência a ser convocada em um processo comunicativo. E é justamente essa a importância de se problematizar a visibilidade conferida pelos meios de comunicação à multiplicidade de memórias e representações sobre a temática LGBT. Na próxima seção, nos dedicaremos a uma dessas formas de visibilidade de representações homossexuais, as telenovelas da Rede Globo.

#### **1.4 Telenovela: a experiência que proporciona um “modo de ver” a homossexualidade**

A base teórica das representações sociais, apresentadas na seção anterior, é retomada por Jodelet (2001), principal colaboradora de Moscovici, relacionando-a à influência dos meios de comunicação nas construções sociais dos indivíduos. Segundo a autora (2001, p. 17), “Elas circulam nos discursos, são trazidas pelas palavras e veiculadas em mensagens e imagens midiáticas, cristalizadas em condutas e em organizações materiais e espaciais”. Essa ideia é complementada por Semin (2001), quando descreve que “elas são entidades quase tangíveis, pois circundam, entrecruzam e cristalizam-se sem cessar por meio de uma fala, um gesto, um encontro, em nosso universo cotidiano. Para o autor (2001, p.207), a maioria das relações sociais estabelecidas, dos objetos produzidos ou consumidos e das comunicações trocadas está impregnada de representações”. Segundo Morigi (2004), as representações sociais disseminadas pelos meios de comunicação passam a se constituir em realidades, as quais vêm a integrar o perfil da opinião pública em forma de discurso da atualidade, tornando-se parte do senso comum e da construção de identidades.

Rocha (2009, p.267) afirma que “dentre os discursos sociais disponíveis e que nos oferecem um modo de ver e conhecer aspectos de nossa realidade social, aqueles veiculados pela TV são fundamentais”. Para a autora, é através desses discursos que sujeitos se encontram em uma “arena linguageira, por meio da qual os sentidos e representações ganham grande circulação” (2009, p.267). Enganam-se os que pensam que a TV já está extinta. A relação entre o televisor e o seu usuário passa, na verdade, por mudanças, do mesmo modo que ocorrem alterações no processo de produção de conteúdos. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE),

atualmente, a televisão ainda está presente em mais de 97% dos lares brasileiros, o que a torna um *commodity social*. Em estudo realizado pela Abert (Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão) divulgado em 2013, desde 2001, o percentual de moradias com televisão ultrapassou o de habitações com rádio. De 2008 para 2011, o percentual de moradias com rádio passou de 89,2% para 83,8%, enquanto o de domicílios com televisão subiu de 95,1% para 97,2%. Atualmente, a televisão aberta brasileira é orquestrada por seis redes nacionais, cinco privadas (Globo, SBT, Record, Band, e Rede TV!) e uma pública (a TV Brasil). De acordo com dados do OBITEL 2014<sup>49</sup>, dentre essas emissoras, a Rede Globo é líder de audiência e detém 42% de participação em relação às suas concorrentes.

Os produtos televisuais e a forma de fazê-los é que ganham novos aparatos, formas e proporções à medida que podem ser difundidos em diferentes plataformas midiáticas. Trata-se não apenas de mudanças tecnológicas, mas também, de um movimento de transposição de uma mídia específica sendo utilizada em outras mídias. Ou seja, há algumas mudanças na forma de ver televisão, mas isso não significa que os produtos televisuais, bem como a própria televisão, estejam caindo no desuso.

Dentre os produtos televisuais brasileiros, um gênero que tem uma estreita relação com a nossa cultura e que tem ampla participação na construção e visibilidade das representações sociais é a telenovela. Ela pode ser entendida como uma dessas narrativas que, em concordância com as proposições de Eco (1999), apresenta um universo ficcional, construído a partir de elementos do mundo real, o “mundo de nossa *experiência*” (ECO, 1999, p.83). É um produto que proporciona certa identificação do e com o público. Além disso, esse gênero ficcional é de extrema relevância (tanto no âmbito dessa pesquisa, como no âmbito cultural), pois apresenta discursos que são veiculados diariamente para milhões de pessoas e alimentado por outros meios de comunicação, tais como jornais, revistas, entre outros, constitui-se em um importante lugar de construção de valores e de representações sobre a sociedade brasileira (SIMÕES, 2003). Em relação ao sortimento de programas veiculados, também segundo os dados do OBITEL 2014, o gênero da ficção (que abrange telenovela, minissérie, série, filme e desenho infantil) ocupa o terceiro lugar, com 17,8% da configuração da grade.

---

<sup>49</sup> LOPES, Maria Immacolata. Vassallo de et al. Observatório Ibero Americano da Ficção Televisiva – OBITEL 2014: estratégias de produção transmídia na ficção televisiva. Porto Alegre: Editora Sulina, 2014.

Em seus primeiros anos, a linguagem desse gênero foi sendo criada ao vivo, herdando uma estrutura narrativa de alguns dos seus antecessores, como a radionovela, que percorreu um caminho de grande sucesso no Brasil desde a década de 1930 e o folhetim impresso, que não teve tanta repercussão. Essa estrutura narrativa tem como características diferenciadoras: os padrões de linguagem, os recursos técnicos simbólicos de alta qualidade, o melodrama e o enfoque nas situações cotidianas vividas pela população do país. Segundo Marques (2003, p. 5), o melodrama nas telenovelas brasileiras tem outra função que se distingue do “fazer chorar”. Ele confere visibilidade às experiências e situações de: sofrimento, desentendimentos, reencontros, contingências, alegrias, etc. Proporciona, assim, o encontro entre dramas íntimos e coletivos (MARQUES, 2003, p. 5).

Em concordância com as proposições de Lopes (2003) a respeito da interação desse gênero com os padrões culturais, em uma dada sociedade, acreditamos que essas ficções descortinam um palco para representação e para construção de sentidos sobre a vida pública e a vida privada (2003, p.32). Em outros termos, observamos a telenovela “por seu significado cultural” e por configurar um inventário de produções que permitem “entender a cultura e sociedade de que é expressão” (LOPES, 2004, p.125).

A televisão constitui um âmbito decisivo do reconhecimento sociocultural, do desfazer-se e do refazer-se das identidades coletivas, tanto as dos povos como as dos grupos. A melhor demonstração desses cruzamentos entre memória e formato, entre lógicas da globalização e dinâmicas culturais é constituída, sem dúvida, pela telenovela: essa narrativa televisiva que representa o maior sucesso de audiência, dentro e fora da América Latina, de um gênero que catalisa o desenvolvimento da indústria audiovisual latino-americana, justamente ao mesclar os avanços tecnológicos da mídia com as velharias e anacronismos narrativos, que fazem parte da vida cultural desses povos. (MARTÍN-BARBERO; REY, 2001, p. 115)

Para além disso, esse produto televisual nos possibilita uma análise não apenas do formato estilístico em si e de seus discursos, como também da forma como os públicos que se constituem em torno dela, uma observação para o comportamento da sociedade. Trata-se de uma produção cultural profícua para se refletir de forma global sobre várias temáticas. E, é a partir dessa compreensão que esta pesquisa se propõe a investigar o modo como uma telenovela – especificamente o chamado *beijo gay* – afetou os públicos.

Atualmente, a retratação de personagens da comunidade LGBT na teledramaturgia brasileira segue crescente, à medida que este segmento conquista

visibilidade social na esfera pública. Embora essa seja uma época em que o tema esteja em alta, há de se fazer duas ponderações: a representação da homossexualidade em telenovelas não é muito recente e o aumento delas não implica, necessariamente, um crescimento da aceitação e do respeito aos sujeitos homossexuais.

Aparentemente, a presença *gay* dá altos índices de Ibope. A qualidade de alguns produtos pode até ser questionada, mas a mensagem está nítida: a televisão – e em especial a teledramaturgia – não ignoram os homossexuais. Ao contrário, procuram apresentá-los ao público em uma variedade de formas, talvez para experimentar, como já foi feito com vários outros temas, até achar a fórmula de sucesso. (PERET, 2005, p.182)

Desde a década de 1970 até o ano de 2013, foram aproximadamente 126 personagens LGBTs em 62 novelas (SILVA, 2015, p.12). Esse número é aproximado, pois nem sempre a orientação sexual do personagem aparece bem delineada. Esse número também não garante visibilidade e representações sem estereótipos. Em cada momento, as representações ocorreram de formas distintas, (re)construindo sentidos diferentes sobre a temática, muitas vezes reforçando a *single story* estigmatizada sobre a população LGBT. Por exemplo, as primeiras telenovelas apresentaram personagens homossexuais relacionados à criminalidade ou caricatas e estereotipadas. (MARQUES, 2003, p.2).

Colling (2007) também chegou a conclusões semelhantes, pretendendo tratar como foi realizada a representação de personagens não heterossexuais em telenovelas exibidas pela Rede Globo no período compreendido entre 1974 e os anos 2000. Ele detectou que as representações na emissora se dividiram em três momentos: a) homossexualidade associada à criminalidade; b) personagens estereotipados da “bicha louca” e/ou afetados e afeminados; c) personagens homossexuais dentro de um modelo que considerado heteronormativo<sup>50</sup> (COLLING, 2007, p.2).

---

<sup>50</sup>Expressão utilizada para descrever ou identificar uma suposta norma social relacionada ao comportamento padronizado heterossexual. Esse padrão de comportamento é condizente com a ideia de que o padrão heterossexual de conduta é o único válido socialmente e que não seguir essa postura social e cultural coloca o cidadão em desvantagem perante o restante da sociedade. Segundo Silva (2015, p. 33) a consolidação da identidade é uma questão política e uma fronteira demarcada, de forma que “imagens homofóbicas e personagens estereotipados exibidos na mídia e nos filmes são contrapostos por representações ‘positivas’ de homossexuais” (LOURO, 2001, p. 543). Conforme Richard Miskolci (2009), o discurso de transformação da homossexualidade em algo positivo teve como consequência um efeito de normatização baseado na heterossexualidade: “o pressuposto heterossexista do pensamento sociológico era patente até nas investigações sobre sexualidades não-hegemônicas. A despeito de suas boas intenções, os estudos sobre minorias terminaram por manter e naturalizar a norma heterossexual”. (MISKOLCI, 2009, p. 151)

Essa identificação dos perfis das representações apresentados pelos autores é enriquecedora à nossa pesquisa, pois diz do enquadramento da representação. Ou seja, quando o espectador assiste a essas representações e pergunta “o que está acontecendo aqui?” (GOFFMAN, 2012, p.30), a resposta é, em alguma medida, uma associação das homossexualidades aos desvios comportamentais, como crimes, por exemplo. O excesso de “afetação” (que Colling trata como “bicha louca”), não representa um desvio de comportamento, trata-se apenas de um desvio da normatividade hétero, mas que possui um peso estigmatizado e causa risos aos telespectadores. Isso é, o processo de interpretação da cena tende a ser estigmatizador. Segundo Marques (2003), em determinadas épocas, “a imagem caricata elaborada pela sociedade [e apresentada na telenovela] é reenviada ao homossexual, que, por sua vez, sente os efeitos da exclusão originada pelo preconceito” (MARQUES, 2003, p.1). Isso acaba por reafirmar o poder do narrador e das narrativas sobre os sujeitos, assim descrito por Chimamanda Adichie (2009, 10m11s): “Poder é a capacidade não apenas para contar a história de outra pessoa, mas para torná-la a história definitiva daquela pessoa”<sup>51</sup>.

Considerando que já existe um vasto e rico material empírico problematizando a representação da homossexualidade em telenovelas, tomaremos como base as pesquisas desenvolvidas por Marques (2003), Peret (2005), Colling (2007), Sousa e Grijó (2011) e Silva (2015) para a construção de um breve panorama sobre a representação social da homossexualidade na telenovela. Cabe ressaltar que não se trata de uma sistematização rigorosa, mas apenas panorâmica com o objetivo de apontar que já há algum tempo tem sido recorrente a inclusão de personagens homossexuais no gênero telenovela e como essas representações foram construídas ao longo do tempo.

Na década em que a representação LGBT começou a ser apresentada na Rede Globo, o país vivia o auge da Ditadura Militar e da censura da produção intelectual. Ainda assim, nesse período inicial, mais de cinco telenovelas apresentaram personagens homossexuais em suas narrativas, geralmente produções do antigo horário das 20 horas.

O primeiro personagem homossexual de uma telenovela foi Rodolfo Augusto (Ary Fontoura), da narrativa *Assim na terra como no céu* (1970), que esteve no ar por 202 capítulos, no horário das 22h. Dois anos depois, em 1974, a Rede Globo exibiu, também às 22h, *O Rebu* (1974), de Bráulio Pedroso, na qual, o personagem Conrad

---

<sup>51</sup>Trecho original em inglês: Power is the ability not just to tell the story of another person, but to make it the definitive story of that person (ADICHIE, 2009, 10m11s, tradução TEDX).



Mahler (Ziembonski) mantinha uma relação de afeto com o garoto de programa Cauê (Buza Ferraz) e acabava matando a mulher por quem o amante se apaixonou. Ainda nessa novela havia outros dois personagens homossexuais, Roberta e Glorinha, interpretados pelas atrizes Regina Vianna e Isabel Ribeiro, respectivamente. Em seguida, foi ao ar *O Grito*, com 125 capítulos e escrita por Jorge Andrade. Essa novela trouxe como personagem LGBT Agenor que, na trama das 22h, vivenciou discriminação em relação a sua homossexualidade. A quarta narrativa foi exibida às 20h e teve duração de 186 capítulos: *O Astro* (1978), de Janete Clair, na qual o personagem cabeleireiro e homossexual Henri (José Luis Rode) foi cúmplice no assassinato do personagem Salomão Hayalla (Dionízio Azevedo). No mesmo ano, também foi ao ar *Dancin' Days* (1978) de Gilberto Braga, com 174 capítulos e exibida às 20 horas, a qual trouxe o personagem Everaldo (Renato Pedrosa). O personagem era o mordomo e fiel escudeiro de sua patroa. A narrativa seguinte foi *Marron-glacé* (1979), exibida às 19 horas e com 181 capítulos, que teve a autoria de Cassiano Gabus Mendes e trouxe o personagem cômico e de grande sucesso Pierre Lafond (Nestor de Montemar). Nessa trama, havia também a insinuação de um romance entre os personagens Paloma (Dina Sfat) e Renata (Lídia Brondi). No mesmo ano, *Os Gigantes* (1979), de Lauro César Muniz, encerrou as representações da década.

Já nos anos de 1980, quando o Brasil saía da censura, houve um considerável aumento de personagens *gays*, que promoveram polêmicas e tiveram grande repercussão (PERET, 2005). Assim, tivemos telenovelas com personagens homossexuais que, diferentemente da década anterior, estavam presentes em produções em todos os horários de exibição da emissora. Foram elas: *Ciranda de Pedra* (1981), com 155 capítulos, exibida às 18h, escrita por Teixeira Filho, na qual apareceu a primeira lésbica estereotipada das telenovelas, Letícia (Mônica Torres), que encerrou a trama sem iniciar relacionamentos afetivos; *Brilhante* (1981), de Gilberto Braga, com 155 capítulos exibida às 20h, que teve como personagens: Inácio (Denis Carvalho), Sérgio (João Paulo Adour) e Cláudio (Buza Ferraz). *Partido Alto*, de Aguinaldo Silva, com 174 capítulos, exibida às 20h, sendo o personagem LGBT Palábio (Guilherme Karam). *Um Sonho a Mais* (1985), de Daniel Más e Lauro César, na qual houve uma tentativa de se fazer humor com personagens masculinos travestidos de mulher – Ana Bela (Ney Latorraca) e Pedro Ernesto (Carlos Kroerber) -, o que, segundo Marques (2003, p.181), acabou chocando o público da época.

Na mesma década, algumas das novelas seguintes apresentaram personagens *gays* vilões e assassinos, foram elas: *Roda de Fogo* (1986), de Lauro César Muniz, exibida às 20h30min, que trouxe os personagens Jacinto (Cláudio Curi) e Marcio Liberato (Cecil Thiré); *Mandala* (1987), de Dias Gomes, com 185 capítulos e exibida às 20h30min, seus personagens LGBTs foram: Agemiro, Laio e Cris, interpretados, respectivamente, por Marco Pamio, Taumaturgo Ferreira e Marcelo Piacchi. Já no final da década, estrearam: *Bebê a Bordo* (1988), de Carlos Lombardi, 209 capítulos, exibida às 19 horas, com o personagem bissexual Mendonça (Débora Duarte); *Vale Tudo* (1988), de Gilberto Braga e Aguinaldo Silva, na qual foi mostrada a relação estável entre duas mulheres, os personagens Laís (Cristina Prochaska) e Cecília (Lala Deheinzelin). Seguindo uma lógica heterossexista (mantinham uma relação discreta sem qualquer manifestação explícita de carícia ou traço de estereotipação), a trama teve 204 capítulos e foi exibida às 19 horas. Em seguida foi ao ar, às 18h, *Pacto de Sangue* (1989), de Regina Braga, com 119 capítulos, e o personagem *gay* foi Bombom (Ricardo Petraglia). E, por fim, a narrativa *Tieta* (1989), de Aguinaldo Silva, com 196 capítulos, às 18h, que trouxe o personagem Ninete/Waldemar (Rogéria) que se caracterizou como um sucesso de público e crítica.

A década 1990, já livre do regime militar e, portanto, da censura ao conteúdo da programação televisiva, contou com várias telenovelas na TV Globo que apostaram na inclusão das novas formas de representação dos personagens homossexuais. *Mico Preto* (1990), de Marcílio Moraes, com 179 capítulos, exibida às 19h, trouxe os personagens José Luis (Miguel Falabella) e José Maria (Marcelo Picchi), sendo que esse último interpretou um político que chegou a se casar com uma mulher para esconder sua orientação. Em *Barriga de Aluguel* (1990), de Glória Perez, que foi ao ar no horário das 18h e teve 243 capítulos, o personagem de Lulu (Eri Johnson) fez grande sucesso e emplacou o bordão “fui!”. Já em *Pedra sobre Pedra* (1992), de Aguinaldo Silva, que teve 178 capítulos exibidos às 20h30min, o personagem homossexual foi Adamastor (Pedro Paulo Rangel), um diretor de bordel da cidade. *Renascer* (1993), de Benedito Ruy Barbosa, teve 213 capítulos, exibidos às 20h30min, e apresentou a marcante personagem Buba/Alcebíades (Maria Luisa Mendonça), que abordou a intersexualidade<sup>52</sup>, a transexualidade<sup>53</sup> e a travestilidade<sup>54</sup>. *Explode Coração* (1995), de

---

<sup>52</sup> É o termo geral adotado para se referir a uma variedade de condições (genéticas e/ou somáticas) com que uma pessoa nasce, apresentando uma anatomia reprodutiva e sexual que não se ajusta às definições típicas do feminino ou do masculino. O intersexo ou genitália ambígua são os casos específicos

Glória Perez, teve 185 capítulos e foi exibida às 21h, o personagem que suscitou a discussão de gênero e sexualidade foi Sarita Vitti (Florian Peixoto).

*Salsa e Merengue* (1996), de Miguel Falabella e Maria Carmem Barbosa, teve 177 capítulos, exibidos às 19h e abordou a lesbianidade, por meio dos personagens Dayse (Rosi Campos) e Tereza (Ângela Rebello); *A Indomada* (1997), de Aguinaldo Silva, também teve 203 capítulos e foi exibida às 20h, com um personagem lésbica Sebastiana Vieira (Catarina Abdala) e um personagem bissexual Zenilda (Renata Sorrah). Em *Anjo Mau* (1997), de Maria Adelaide, novela das 20h, com 173 capítulos, o personagem Beny (Luis Salém) protagonizou um cabeleireiro *gay*. Em *Zazá* (1997), de Lauro César Muniz, que teve 214 capítulos, exibidos às 19h, Rô-Rô- Pedalada (Marcos Breda) foi um personagem bissexual. Já em *Por Amor* (1997), de Manoel Carlos, com 190 capítulos e exibida às 20h30min, o personagem bissexual foi Rafael (Odilon Wagner); essa novela apresentou também um personagem *gay*, Alex (Beto Nasci). Em *Suave Veneno* (1999), de Aguinaldo Silva, desenvolvida em 209 capítulos exibidos às 20h, a trama contou com três personagens, dois *gays* e um bissexual, respectivamente: Uálber (Diogo Vilela), Edilberto (Luiz Carlos Tourinho) e Claudionor (Heitor Martinez).

A maior polêmica da década de 1990 envolvendo a presença de personagens homossexuais em telenovelas ocorreu em *Torre de Babel* (1998), de Sílvio de Abreu, com o casal de personagens lésbicas Rafaela (Christiane Torloni) e Leila (Sílvia Pfeiffer). Apesar dos personagens não terem qualquer marca de estereótipos, eles foram eliminados da trama na explosão de um shopping, após a constatação de que o público nutria certo desafeto aos personagens e ao relacionamento que mantinham. Outro

---

diagnosticados como hermafroditismo verdadeiro, pseudo-hermafroditismo masculino e pseudo-hermafroditismo feminino. (Moore; Persaud,1995)

<sup>53</sup> Descrita oficialmente no Manual Estatístico e Diagnóstico de Doenças Mentais (DSM I) , publicado em 1952, a transexualidade transformou-se em um fenômeno acompanhado por atualizações psiquiátricas classificatórias. Mais tarde, retirada do grupo que abrangia os chamados desvios sexuais para ser criada uma categoria específica, identificada por transtorno de Identidade de Gênero (TIG), na versão do DSM IV, publicada em 2002. O diagnóstico psiquiátrico determina rigorosamente, os principais critérios que compõem a transexualidade de adultos e crianças: o sentimento permanente de pertencer ao sexo oposto e a demanda pela cirurgia de transgenitalização. (Russo, 2004)

<sup>54</sup> O termo travestilidade teve origem na língua francesa, como variante de burlesque, gênero artístico, relacionado ao erotismo. Pessoa que nasce do sexo masculino ou feminino, mas que tem sua identidade de gênero oposta ao seu sexo biológico, assumindo papéis de gênero diferentes daquele imposto pela sociedade. Muitas travestis modificam seus corpos por meio de hormônio e terapias, aplicações de silicone e/ou cirurgias plásticas. Porém, vale ressaltar que isso não é regra para todas (definição adotada pela Conferência Nacional LGBT em 2008). Diferentemente das transexuais, as travestis não desejam realizar a cirurgia de redesignação sexual (mudança de órgão genital). Utiliza-se o artigo definido feminino “A” para falar da Travesti (aquela que possui seios, corpo, vestimentas, cabelos e formas femininas).

destaque nessa década foi a novela *A Próxima Vítima*, de Silvio de Abreu, na qual Sandrinho (André Gonçalves) e Jefferson (Lui Mendes) tinham um relacionamento homoafetivo. O capítulo em que Sandrinho conta para a mãe sua orientação sexual foi um dos mais vistos e, ao contrário de Rafaela e Leila, o casal permaneceu unido até o fim da trama (MARQUES, 2003)<sup>55</sup>.

Segundo Colling (2007), na década de 2000, a presença de personagens homossexuais nas telenovelas da TV Globo se fez de forma mais constante se comparada aos anos anteriores. Entretanto, a maior parte das representações foi caricata. A novidade foi que os autores inovaram e adotaram um posicionamento mais militante. À temática da homossexualidade, foram adicionadas nuances das discussões sobre adoção, leis, aceitação e dramas vividos por pessoas LGBTs. O panorama dos anos 2000 nos é fornecido pelos autores Sousa e Grijó (2011). Segundo eles, nessa década, foram exibidas 53 telenovelas na Rede Globo: dessas, 18 tiveram personagens homossexuais, principalmente, nos horários das 19 e 20 horas.

*As Filhas da Mãe* (2001), de Sílvio de Abreu, exibida às 19h, com 125 capítulos, abordou a questão da transexualidade do personagem estilista Ramona/Ramon (Cláudia Raia). No ano seguinte, *Desejos de Mulher* (2002), de Euclides Marinho, com 185 capítulos e exibida às 19h, trazia um casal *gay* formado por Ariel (José Wilker) e Tadeu (Otávio Muller), que iniciou a história de forma discreta e sem caricaturas. Por conta de mudanças realizadas na telenovela, devido aos baixos índices de audiência, a trajetória do casal mudou drasticamente, tornando-o caricato e cômico.

O relacionamento sem estereótipos (COLLING, 2007) entre duas garotas foi abordado às 21h, em *Mulheres Apaixonadas* (2003), de Manoel Carlos, com Clara (Aline Moraes) e Rafaela (Paula Picarelli). Entretanto, como forma de não causar polêmica logo no início da história, o namoro entre as duas adolescentes somente foi evidenciado no decorrer da telenovela. A crítica principal à representação deste relacionamento foi que ele se deu a partir de um modelo heteronormativo. Essa imposição de modelo se confirmou no final da telenovela, quando o “beijo” entre elas ocorreu no momento em que interpretavam o casal heterossexual protagonista da peça teatral de Willian Shakespeare, “*Romeu e Julieta*”. Acreditamos que por esse motivo, a carícia não teve grande repercussão, tampouco alcançou o status de *beijo gay*, nomenclatura que começa a ser usada algum tempo depois (SOUSA; GRIJÓ, 2011).

---

<sup>55</sup> Para uma análise das representações da homossexualidade nessas duas telenovelas, ver Marques (2003)

No mesmo ano, *Kubanacan* (2003), de Carlos Lombardi, insinuou um romance entre o personagem *gay* afetado Manolo (Luis Guilherme) e Jonny (Daniel Boaventura). Em *Celebridade* (2003), de Gilberto Braga, exibida às 20 horas, a vilã Laura (Claudia Abreu) revelou-se, ao longo dos 221 capítulos, bissexual, ao se envolver rapidamente com o personagem Dora (Renata Sorrah). No ano seguinte, 2004, em *Da Cor do Pecado*, exibida às 19h, escrita por João Emanuel Carneiro, o personagem homossexual mais explícito era o umbandista Pai Gaudêncio (Francisco Cuoco), com trejeitos afetados e que constantemente se insinuava para Cezinha (Arlindo Lopes). A novela teve 185 capítulos.

Sousa e Grijó (2001) ainda apontam que o relacionamento sem estereótipos entre duas mulheres voltou a ser tema novamente em *Senhora do Destino* (2004), de Aguinaldo Silva, com a médica Leonora (Mylla Christie) e a estudante Jennifer (Bárbara Borges). A trama, que foi ao ar às 20h, em 220 capítulos, abordou também a questão da adoção de crianças por casais do mesmo sexo, quando a personagem Jennifer achou um bebê no lixo e resolveu adotá-lo, mas enfrentou obstáculos legais e burocráticos, além do preconceito da sociedade.

Em *América* (2005), de Glória Perez, a temática foi abordada através do personagem Júnior (Bruno Gagliasso), que apesar de ter sido criado para cuidar dos negócios da família, tinha o desejo de ser estilista. A polêmica dessa trama de 203 capítulos, exibidos às 21h, ficou por conta da expectativa do chamado *beijo gay* no último capítulo da telenovela. A cena chegou a ser gravada, mas a TV Globo optou por não exibi-la.

No mesmo ano, *A lua me disse* (2005), de Miguel Falabella e Maria Carmem Barbosa, tinha três personagens homossexuais que faziam papéis mais cômicos na trama. Já em *Páginas da Vida* (2006), de Manoel Carlos, a representação LGBT ficou por conta do casal formado pelo dermatologista Rubens (Fernando Eiras) e o músico Marcelo (Thiago Picchi); novamente a questão da adoção foi abordada. A narrativa se desenrolou em 203 capítulos exibidos às 20h.

Outra telenovela que tratou da questão foi *Paraíso Tropical* (2007), de Gilberto Braga e Ricardo Linhares, a qual mostrou o casal Rodrigo (Carlos Casagrande) e Tiago (Sergio Abreu). O casal não era caricato nem trocava carícias entre si. No mesmo ano, em *Duas Caras* (2007), de Aguinaldo Silva, o personagem homossexual de destaque era Bernardinho (Thiago Mendonça). Esse personagem passou do extremo sujeito incompreendido por sua família à chef de cozinha de sucesso e admirado.

Na telenovela *Beleza Pura* (2008), de Andrea Maltarolli, o maquiador Betão (Rodrigo Lopéz) era o personagem *gay*. A novela tinha um tom mais cômico, e Betão passava por situações cômicas, como se passar por marido de uma amiga para que ela conseguisse emprego. No mesmo ano, *A Favorita* (2008), de João Emanuel Carneiro, apresentou dois personagens homossexuais que tiveram marcantes participações. O primeiro foi retratado de forma mais cômica, o jovem mimado Orlandinho (Iran Malfitano), que, no início da trama, escondia sua homossexualidade e chegou a se casar com Maria do Céu (Deborah Secco). Contudo, a convivência e a cumplicidade do casal levaram os dois a se apaixonar e terminaram juntos no fim da telenovela. O segundo núcleo trouxe a história da dona de restaurante Stela (Paula Burlamaqui), mais dramática e sem apelos à caricatura. Após rejeitar as investidas do marido de sua amiga Catarina (Lília Cabral), ela teve sua sexualidade exposta para toda cidade e passou a ser alvo de preconceito das pessoas. A situação aproximou as duas personagens, Estela se apaixonou pela amiga. Aparentemente, não teve seu sentimento correspondido. No entanto, o fim da história das duas amigas não ficou explicitamente definido: elas viajaram sozinhas juntas.

Em *Caras e Bocas* (2009), comédia das 19 horas, escrita por Walcyr Carrasco, três personagens homossexuais estavam presentes. O que teve maior destaque foi Cássio (Marco Pigossi) que se casou por interesse com uma mulher mais velha. Contudo, no fim da trama, a esposa de Cássio o trocou por seu amigo Sid (Kleber Toledo), também homossexual. O fim do personagem foi ao lado de André (Ricardo Duque), em Paris.

A bissexualidade foi retratada em *Viver a Vida* (2009), de Manoel Carlos, a partir do produtor de moda Osmar (Marcelo Valle). Em *Passione* (2010), de Sílvio de Abreu, o personagem homossexual era o mordomo Arthurzinho (Julio Andrade). No mesmo ano, no remake de *Tititi* (2010), de Maria Adelaide Amaral, três personagens homossexuais foram representados sem caricaturas ao público e com uma trama baseada em suas sexualidades. A telenovela inicia com o casal Osmar (Gustavo Leão) e o cabeleireiro Julinho (André Arteché) residindo na cidade de Belo Horizonte. Com a morte de seu cônjuge, Julinho foi morar em São Paulo e se aproximou dos familiares de Osmar. No fim da história, um terceiro personagem, o empresário Thales (Armando Babião) “revelou-se” *gay* e os dois terminaram a história como namorados. *Tititi* contava ainda com outros personagens *gays* voltados com comportamentos caricatos: o

crítico de moda Ed (Dorival Carper), o jornalista Adriano (Rafael Zulu), o estilista Rony Pear (Otávio Reis) e o produtor de moda Vicky (Marcos Tumura)<sup>56</sup>.

Em 2011, havia personagens homossexuais em quase todas as tramas da TV Globo. *Morde & Assopra* trouxe o estereotipado Áureo (André Gonçalves). *Insensato Coração* foi uma das telenovelas com o maior número de personagens gays e que possuíam os mais variados perfis. O remake de *O Astro* trouxe novamente o vilão Felipe (Henri Castelli), mas, dessa vez, sua bissexualidade não foi tão suprimida como ocorreu na década de 1970.

A trajetória percorrida até aqui nos mostrou a inserção de diversos personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo. Utilizando dos diversos estudos já existentes sobre o tema foi possível, ainda, verificar o enquadramento dessas representações (personagens criminosos, afetados e heterossexualizados), da década de 1970 à primeira década dos anos 2000.

A segunda década dos anos 2000, no entanto, acrescenta um novo elemento, um novo enquadramento: o chamado *beijo gay*. Esse nos parece um legitimador da orientação sexual dos personagens, algo como: se houver “casal gay” (nomenclatura utilizada comumente para representar todos os LGBTs), terá *beijo gay*. O acréscimo desse novo elemento não aconteceu como ponto pacífico, foi um verdadeiro fenômeno. E, como dissemos anteriormente, nosso foco é justamente esse fenômeno que, embora se constitua em um desdobramento natural de uma relação afetiva, causa as mais diversas reações e polêmicas quando protagonizado por pessoas do mesmo sexo, o beijo, nesse caso, o chamado: *beijo gay*.

A trama *Amor à Vida* (2013), de autoria de Walcyr Carrasco, trouxe Félix (Mateus Solano), um vilão homossexual que, embora mantivesse relações homoafetivas escondidas, não se assumia inicialmente e mantinha um casamento heterossexual para agradar sua família, em especial seu pai; Niko (Thiago Fragoso) e Eron (Marcello Antony) como um casal que pretendia ter um filho e explorava as opções: adoção e inseminação artificial. Embora todos esses personagens (e seus dramas) tenham sido retratados de maneira aberta e inovadora, creditamos destaque ao último episódio, que foi ao ar em 31 de janeiro de 2014. Nele, a Rede Globo de Televisão exibiu pela primeira vez um beijo entre pessoas do mesmo sexo, os personagens Félix (Mateus Solano) e Niko (Thiago Fragoso).

---

<sup>56</sup> Para uma análise das representações da masculinidade nessa telenovela, ver Vieira (2015).

Os dias que antecederam o último capítulo da narrativa foram marcados pela expectativa em torno de um possível *beijo gay*. Esse assunto pautou inúmeras discussões na sociedade brasileira, alcançando índices altos de audiência e os *trending topics* da rede social *Twitter*, corroborando o que afirma Marques (2008): a “recepção da telenovela pode ultrapassar as satisfações sensoriais e emocionais ao se entrelaçar à vida cotidiana, aos dilemas reais dos homens [seres humanos], suas relações sociais e suas demandas específicas” (MARQUES, 2008, p.7).

A pesquisadora ainda afirma que, quando questões concernentes às deliberações a respeito de grupos de minorias são abordadas por uma telenovela, elas ganham uma dimensão de visibilidade capaz de *instaurar* um debate público que *convoca* indivíduos e grupos a se posicionarem diante dos outros. Acreditamos que quando essas representações acontecem, elas *são fundantes* de novas realidades sociais, pois podem trazer novos sentidos sobre a homossexualidade.

A partir da contextualização e do quadro temático apresentado até aqui e para atingir os objetivos da pesquisa, faz-se necessário discutir, no próximo capítulo, como essa cena pode ser compreendida como um *acontecimento*, que *instaurou uma ruptura*, *constituiu públicos*, *os convocou* a se posicionarem por meio do debate e se tornou fundante de um horizonte de novas representações da homossexualidade. E, assim, representou um marco na teledramaturgia nacional e na própria sociedade brasileira.



## 2. O Beijo gay de Amor à Vida como acontecimento

*“O início não é simplesmente uma metade do todo; ele se prolonga até o final.”*

POLÍBIO

De partida, com base no exposto no capítulo anterior, acreditamos que a cena do beijo entre Félix e Niko evoca as deliberações no mundo sócio-histórico compartilhado sobre a homossexualidade, a família homoafetiva e a homofobia. E, assim, esses eixos ganham visibilidade nas articulações do estilo televisivo, para além do plano e contra plano, revelam a potência da telenovela de interagir com temas do cotidiano social e político, “reconfigurado-se e adquirindo outras dimensões e desdobramentos através das interações que acontecem nesse espaço” (MARQUES, 2012, p.143). Ou seja, se constitui em uma experiência fundante de “um palco, de encontro, interação, confrontação e determinação recíproca” (QUÉRÉ, 2005, p.70), configurando-se como uma produção cujo estilo se assenta numa experiência que é estética, cultural e política. E é essa experiência de interação entre a mídia<sup>57</sup> e a sociedade que enfocaremos nessa seção.

Mas o que seria uma experiência, nessa perspectiva? E quais características fazem com que algumas experiências sejam vistas como acontecimentos? Em nosso cotidiano, o termo acontecimento se apresenta sob os mais diversos sentidos. Predominantemente, utilizamos essa expressão como sinônimo de uma ocorrência, de um fato. Em dizeres entusiasmados como: “aquilo foi um verdadeiro acontecimento!”, destacamos experiências que chamam a nossa atenção, que se distinguem das demais por se apresentarem de forma marcante. Essa dimensão singular do acontecimento também é evidenciada em reflexões acadêmicas do conceito. E é justamente dessas reflexões que nos aproximamos neste capítulo, a fim de evidenciar como o chamado *beijo gay* se constituiu em um *acontecimento*.

Para tanto, a seguir, apresentaremos as bases teóricas dos conceitos de *experiência* e *acontecimento* e os articularemos com a própria telenovela. Nessa articulação, evidenciaremos, também, as principais características desse conceito, a saber, sua dupla dimensão de poder: o *poder de afetação* (como ele tocou e sensibilizou

---

<sup>57</sup> “A expressão mídia [...] engloba os velhos e novos meios: os meios massivos, os meios de acesso individual, enfim, tudo aquilo que serve para comunicar, para transmitir uma informação, criar uma imagem”. (FRANÇA, 2012, p.10-11)

os públicos construídos pelo acontecimento) e o seu *poder hermenêutico* (o que ele revelou da sociedade).

### 2.1. *Beijo gay, um acontecimento?*

Sexta-feira, 31 de janeiro de 2014. Como de costume, é de conhecimento nacional que iria ao ar o último capítulo da telenovela *Amor à Vida*. Horas antes, espalhou-se a informação de que havia sido gravado o beijo entre os personagens Félix (Mateus Solano) e Niko (Tiago Frago). Pouco antes do término do capítulo, inicia-se uma cena de 3m31, na qual a rotina do casal Félix e Niko e seus filhos se desenrola, após o café da manhã da família, quando vão se despedir, o casal se beija. “Galera gritou na Rua Augusta, hahahahaha! S2 [#beijogay](#)” (@flaviadurante. Twitter). “Tem gente gritando na vizinhança [#BeijaFélixENiko](#)” (@flavianavarro. Twitter).<sup>58</sup>



**Figura 1** Os enquadramentos evidenciam a rotina de uma família  
**Fonte:** Rede Globo

A cena alcançou 44 pontos de audiência no *ibope* e no site *Gshow*, mais de um milhão<sup>59</sup> de pessoas assistiram-na novamente. Na mesma página, uma enquete perguntou às pessoas “o que acharam do *beijo gay*”. A pergunta, respondida por pouco mais 193 mil pessoas, teve como resultado a reprovação por cerca de 55% dos

<sup>58</sup> Disponível em: < <http://vejasp.abril.com.br/blogs/pop/2014/01/31/amor-a-vida-mostra-beijo-gay-de-Félix-e-niko-veja-repercussao-na-internet/>>. Acesso em 14 de novembro de 2014.

<sup>59</sup> Disponível em: < <http://globotv.globo.com/rede-globo/amor-a-vida/v/Félix-afirma-que-niko-mudou-a-sua-vida/3117924/>>. Acesso em: 21 de agosto de 2014.

consultados, o que, embora pareça paradoxal, expressou uma considerável aceitação. Em nota, logo após o término do último capítulo a Rede Globo se expressou:

Toda cena de novela é consequência da história, responde a uma necessidade dramática e *reflete o momento da sociedade*. O beijo entre Félix e Niko selou uma relação que foi construída com muito carinho pelos dois personagens. Foi, portanto, o desdobramento dramático natural dessa trama. A pertinência desse desfecho foi construída com muita sensibilidade pelo autor, diretor e atores e assim foi percebida pelo público. É importante lembrar que o relacionamento homossexual sempre esteve presente nas nossas novelas e séries de maneira constante, responsável e natural. A cena esteve de acordo com essa premissa e com a relevância para a história<sup>60</sup>.

A nota da emissora representa o momento atual da sociedade brasileira, como trabalhado no capítulo anterior, um momento de tensões sociais relativas à temática, no qual se é exigido um posicionamento sobre as questões concernentes à homossexualidade. Representa também uma conquista (afinal, a Rede Globo é uma aliada cujo peso simbólico é imensurável) às lutas LGBT, pois nem sempre esse foi o posicionamento da emissora. Como tratamos anteriormente, até a primeira década dos anos 2000, o beijo entre os personagens homossexuais era pouco usual nas tramas da emissora. A polêmica e a nomenclatura *beijo gay* ganharam força no ano de 2005, nas últimas semanas de exibição da novela *América*, quando foi noticiado que havia sido gravado o beijo entre os personagens Junior (Bruno Gagliasso) e Zeca (Eron Cordeiro). No entanto, a cena foi vetada pela emissora.

A nomenclatura permaneceu, e a polêmica entrou em cena para não mais sair. O veto causou reações de revolta e também de aprovação, ou seja, polarização do público, levantando, inclusive, a hipótese de um protesto com o chamado “beijaço” em frente à sede da Rede Globo, no Rio.<sup>61</sup> De forma semelhante, alguns anos depois, outro veto da emissora causou descontentamento. Na minissérie *Clandestinos – O Sonho Começou*, novamente, houve a gravação da cena de um beijo protagonizado pelo ator Hugo (Hugo Leão) e o diretor Fábio (Fábio Henriquez), que deveria ter ido ao ar no episódio de 9 de dezembro de 2010, mas nunca chegou a ser exibido. Na ocasião, Toni Reis, presidente da ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais), enviou carta à Globo questionando o novo veto. Em resposta, igualmente

<sup>60</sup> Disponível em: < <http://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/um-grande-passo-na-sociedade-diz-mateus-solano-sobre-beijo-gay-de-amor-vida-11471659>> . Acesso em: 10 de setembro de 2015.

<sup>61</sup> Disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u54943.shtml>> .Acesso em: 15 de Maio de 2015.

por carta, datada de 3 de fevereiro de 2011<sup>62</sup>, o diretor da emissora alegou que a Rede Globo

entende que a classificação estabelecida pelo Ministério da Justiça para a programação televisiva não se limita a ser indicativa, uma vez que efetivamente proíbe a veiculação de programas que apresentem conteúdos considerados “sensíveis”, fora das faixas horárias determinadas, e que, inclusive, substitui o poder parental, uma vez que não há a possibilidade de que os pais autorizem a exibição para seus filhos, como ocorre no cinema para sessões de filmes classificados. Não cabe [à emissora] promover institucionalmente o *beijo gay*, assim como não cabe promover o beijo hétero, nem dizer ao autor como ele deve contar a sua história.

O tom dessa resposta é bem diferente da nota emitida após o final de *Amor à Vida*. E, inclusive, traz elementos refutáveis, como a insinuação de que um beijo entre pessoas do mesmo sexo possui uma classificação indicativa diferenciada. Quando, na verdade não constitui qualquer inadequação para a classificação indicativa, conforme o Manual do Ministério da Justiça<sup>63</sup>.

Ao verificarmos o histórico dos beijos entre pessoas do mesmo sexo, é possível perceber que os registros são bem anteriores às gravações e aos vetos da Rede Globo. O primeiro beijo entre pessoas do mesmo do sexo em telenovelas ocorreu, de fato, em 1964, no teleteatro *A Calúnia*, na TV Tupi, e foi protagonizado por duas mulheres, as atrizes Vida Alves e Geórgia Gomide. A primeira atriz também protagonizou o primeiro beijo hétero da TV. A segunda expressão explícita de carícia homoafetiva entre mulheres, que se tem registro na TV, demorou 47 anos para acontecer novamente: foi em 2011, entre os personagens Marcela e Marina interpretadas pelas atrizes Luciana Vendramini e Giselle Tigre, na telenovela *Amor e Revolução*, do SBT, e passou a ser considerado o primeiro *beijo lésbico* em telenovelas. Na cena do capítulo exibido em 12 de maio de 2011, a advogada Marcela e a jornalista Mariana se acariciam e trocam elogios, até que se aproximam e trocam um longo beijo. Essa cena, no entanto, não aumentou a audiência dessa telenovela, nem mesmo teve muita repercussão. A reação não causa espanto, tendo-se em conta a invisibilização da sexualidade feminina, bem como a lesbofobia, descritas no primeiro capítulo.

<sup>62</sup>Disponível em:< <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/01/31/beijo-de-Félix-e-niko-e-asunto-mais-comentado-no-ultimo-capitulo.htm> >. Acesso em: 15 de Maio de 2015.

<sup>63</sup> Disponível em:

<<http://portal.mj.gov.br/data/Pages/MJ6BC270E8ITEMID66914BCA346A4350800CB04EBF2D6BD7PTBRNN.htm>>. Acesso em: 15 de Maio de 2015.

Já o beijo protagonizado por homens, ocorreu em 1985, na novela *Um Sonho a Mais*, da TV Globo, entre os atores Ney Latorraca e Carlos Kroeber. No entanto, Ney estava vestido de forma feminina e assumindo a identidade de Anabela. Fato semelhante ocorreu em *Mulheres Apaixonadas* (2003), com as atrizes Alinne Moraes e Paula Picarelli que interpretaram o par romântico, Clara e Rafaela. Como destacado anteriormente, nessa telenovela, houve uma cena que as personagens participavam de uma peça de teatro na escola, uma como Romeu e a outra no papel de Julieta e, no ato final, elas se beijaram. Talvez pela utilização do recurso ficção dentro da ficção, em ambos os casos, a manifestação pública foi pouca. Em 1990, a minissérie *Mãe de Santo*, da TV Manchete, exibiu o beijo entre os personagens de Daniel Barcelos e Rai Alves. Dessa vez, nenhum dos personagens estava caracterizado como o gênero oposto, mas a cena consistiu em uma sequência contra a luz, ou seja, só se via as sombras dos intérpretes.

As questões que se colocam então são: a partir desse breve histórico apresentado até aqui, como pensar o marco constituído por *Amor à Vida*, uma vez que já aconteceram outros beijos? E se já havia expectativas em torno de um *beijo gay*, como a cena pode ser pensada como um *acontecimento*? Antes de responder a tal indagação, cabe a explanação sobre o conceito de *acontecimento*, que faremos no próximo tópico.

### 2.1.1 Da experiência ao acontecimento

O primeiro conceito que apresentamos é o de *experiência*, pois é por meio dele que entendemos a relação entre mídia e sociedade, na qual se insere a relação da telenovela com seus espectadores e com o próprio mundo – foco da nossa pesquisa. Além disso, a experiência é um alicerce teórico central do conceito de acontecimento adotado nesta pesquisa.

Em uma perspectiva pragmatista<sup>64</sup>, filiamo-nos às discussões acerca da *experiência* desenvolvidas na obra de John Dewey (2010). Para ele, a experiência se

---

<sup>64</sup> O Pragmatismo teve sua origem no final do século XIX, em reuniões de um grupo denominado *The metaphysical club* (O clube metafísico), que tinha como objetivo contestar a abordagem metafísica que então vigorava na filosofia. Em termos etimológicos, a palavra *pragmatismo* compartilha a mesma origem do vocábulo *práxis*, enquanto “ato”, “ação” e também “fato”. Nesse sentido, o pragmatismo é uma abordagem filosófica que se baseia no valor da ação, sendo a ação constituidora do mundo das ideias. Segundo Thamy Pogrebinski (2005,p.26-62), os três pilares do pragmatismo são:1) anti-fundacionalismo: rejeição a qualquer princípio permanente ou dogma, entre outros tipos de fundações possíveis ao pensamento; 2) consequencialismo: ênfase dada às consequências do ato, ou seja, às ações

refere a uma dimensão relacional e não diz respeito apenas ao estar no mundo, mas diz de como interagimos com ele e com os outros indivíduos na vida cotidiana, portanto, de uma *transação*. Não se tratando de um movimento único, a ação aqui é acompanhada de uma reflexão.

Para o filósofo, a *experiência* é constituída em um duplo movimento, de um agir e um sofrer. Louis Quéré, em entrevista concedida à Lage e Salgado (2011), retoma o conceito de experiência, tal como trabalhado por Dewey (2010), e esclarece que

É preciso ter alguma coisa que resista à apreensão, e que nos atinja pela sua resistência. É daí que vem a experiência. Então nós podemos pensar, efetivamente, porque ele, em seu conceito geral de experiência, tem uma ideia de que a experiência é composta por um sofrer e um agir. Não é possível ter experiência sem esse aspecto de sofrê-la, ser tocado por ela. Se ninguém resiste, se não somos afetados... nada acontece. Então há essa ideia, como uma moeda de duas faces. A face do sofrer ou da passividade e a face da reação, da atividade. Uma não é o contrário da outra. Elas vão juntas como as duas faces da mesma moeda. (QUÉRÉ, 2011, p. 183)<sup>65</sup>

Essa noção é discutida por Dewey em diferentes textos. Destacamos, *A arte como experiência* (2010), no qual ele elucida que esta resulta da interação entre uma criatura viva e algum aspecto do ambiente no qual o organismo está inserido. Nesse sentido, “a experiência ocorre continuamente, porque a interação do ser vivo com as condições ambientais está envolvida no próprio processo de viver.” (DEWEY, 2010, p.109). Nessa linha, o autor está reforçando que a experiência é *behavioral*, ou seja, “ela é uma questão de ação, comportando elementos motores, nas interações de um organismo com o ambiente que o circunda” (QUÉRÉ, 2010, p. 31). Assim, ela vai além de uma resposta imediata e única a determinado estímulo.

O autor nos apresenta assim sua definição:

Talvez possamos ter uma ilustração geral, se imaginarmos que uma pedra que rola morro abaixo tem uma experiência. Com certeza, trata-se de uma atividade suficientemente “prática”. A pedra parte de algum lugar e se move, com a consciência permitida pelas circunstâncias, para um lugar e um estado em que ficará em repouso em direção a um fim. Acrescentemos a esses dados externos, à guisa de imaginação, a ideia de que a pedra anseia pelo resultado final; de que se interessa pelas coisas que encontra no caminho, pelas condições que aceleram e retardam seu avanço, com respeito à influência delas no final; de que age e sente em relação a elas conforme a função de obstáculo ou auxílio que lhes atribui; e de que a

---

futuras, aos efeitos práticos trazidos; 3) contextualismo: destaque para o valor do contexto no desenvolvimento de qualquer conceito.

<sup>65</sup> LAGE, Leandro Rodrigues; SALGADO, Tiago Barcelos Pereira. 2011. Por uma abordagem pragmatista dos acontecimentos. Entrevista com Louis Quéré. Revista Eco Pós, 176- 183.

chegada final ao repouso se relaciona com tudo o que veio antes, como a culminação de um movimento contínuo. Nesse caso, a pedra teria uma experiência, e uma experiência com qualidade estética. (DEWEY, 2010, p.115)

Nesse sentido, para Dewey, a experiência é contínua. Ele evidencia o papel transformador do sujeito e do mundo através da vivência de uma experiência, pois seria desse processo de dupla afetação que emergiria uma “adaptação mútua do eu e do objeto” (DEWEY, 1980, p. 96). Essa adaptação se efetiva como um processo por meio do qual se interpretam as coisas do mundo, um contexto. Ou seja, nesse processo de um agir e um sofrer, ao interpretar as coisas do mundo, o sujeito convoca seu repertório existente e se apropria dos sentidos negociados, atualizando-o. Assim, a experiência se torna própria ao sujeito, que pode, então, descrevê-la como “pertencente a ele”, configurando um processo interativo entre o indivíduo e a sociedade.

Dessa maneira, falamos de uma afetação em que “não podemos controlar o que se passa e o que acontece; entretanto, não somos indiferentes àquilo que nos atravessa e se coloca à nossa frente” (SALGADO, 2012, p.85). Assim como os sujeitos em comunicação, apresentado anteriormente, “é em interação que os indivíduos tornam-se sujeitos, ou seja, partilham de uma experiência comum ao não apenas demonstrarem uma ação, mas também ao realizam-na por meio de afetações mútuas” (SALGADO, 2012, p.86).

Outro apontamento de Dewey (2010) é a distinção entre as noções de “experiência” e “*uma* experiência”, para evidenciar que a experiência possui um ritmo, aquilo que ele chama de “uma iniciação e uma consumação”. A primeira pode ser entendida como experiência incipiente, em que há dispersão. A segunda, por sua vez, diz respeito a *uma* experiência que nos marca por sua singularidade, seu caráter individualizador:

em *uma* experiência, o fluxo vai de algo para algo. À medida que uma parte leva a outra e que uma parte dá continuidade ao que veio antes, cada uma ganha distinção entre si. O todo duradouro se diversifica em fases sucessivas que são ênfases de suas cores variadas. [...] [Ela] tem uma unidade que lhe confere seu nome: aquela refeição, aquela tempestade, aquele rompimento de amizade. (DEWEY, 2010, p. 111-112)

Assim, essa diferenciação nos leva a perceber um aspecto da experiência que também é destacado por Louis Quéré (2005). Segundo o autor, as experiências são um sucessivo devir de acontecimentos, que podem ser planejados ou inesperados; alguns

são mais marcantes do que outros na trajetória da qual fazem parte (QUÉRÉ, 2005, p. 59). *Uma experiência* “assume uma dimensão singular ao promover o arrebatamento da criatura viva da experiência ordinária, sendo uma experiência que se desenvolve de maneira organizada até a sua completude” (SALGADO, 2012, p.87). E é essa visão acerca da *uma* experiência que se destaca, que orientará nossa compreensão sobre os acontecimentos.

Para Dewey,

Um acontecimento é estritamente o que sobressai, o que é saliente, a consequência mais notável, o ponto culminante. Ele implica um conceito teleológico; descrevê-lo e narrá-lo só é possível mediante sua delimitação por um começo e por um ponto final, como um intervalo entre esses dois pontos [ou seja, no fundo, mediante sua formulação como intriga]. (DEWEY, 1993 *apud* QUÉRÉ, 2012, p.23, tradução nossa)

Para além da ruptura e da afetação do sujeito, segundo Quéré

Só há experiência quando há transação entre duas coisas que são exteriores uma à outra, por exemplo, entre um organismo e um meio que o rodeia, em que cada um é afetado pelo outro e reage segundo a sua constituição. [...]Uma pessoa não se limita a suportar o acontecimento, responde-lhe. (QUÉRÉ, 2005,p.68-69).

Em sua conferência *The philosophy of the presente*, Mead expõe que o acontecimento é o “que vem a ser”. Ele argumenta que o mundo seria, então, “um mundo de acontecimentos” (MEAD, 1932, p. 51). Essa argumentação aponta para as temporalidades na emergência de um acontecimento. Este advém à existência como algo novo na realidade e inscreve-se no presente – o tempo que está sendo vivido - e, dessa forma, instaura imediatamente um passado e um futuro (QUÉRÉ 2005, p. 63), realizando um corte na cotidianidade da vida. É uma ideia discutida também por Arendt (1980, p.75). Para ela, o “sentido real de todo acontecimento transcende sempre as ‘causas’ passadas [...] mas, além disso, esse mesmo passado apenas emerge graças ao acontecimento” (2005, p.64). Ainda com base nas idéias de Hannah Arendt, o autor ressalta que o acontecimento possui “poder de abertura e fecho, de iniciação e de esclarecimento, de revelação e de interpelação” (2005, p. 60). Para ele, o acontecimento introduz uma descontinuidade.

No entanto, tão logo ele surge, os sujeitos buscam restabelecer a continuidade do mundo, procurando, no passado, anúncios de sua ocorrência, para assim localizarem-se, restabelecendo certo equilíbrio e ordem, buscam então uma causa. Todavia, esse passado não existia antes do acontecimento, ele é revelado pelo próprio acontecimento



(MENDONÇA, 2007, p 121). É “produzindo-se que ele manifesta a sua possibilidade e que revela diferentes potencialidades (porque as atualizou) e eventualidades (porque é possível inferi-las do que se passou) preexistentes” (QUÉRÉ, 2005, p. 7). Assim, da mesma forma que cria as condições para a sua própria compreensão, o acontecimento também instaura possíveis futuros.

Dessa forma, as contribuições de Dewey e Mead, bases teóricas da discussão no presente trabalho, podem ser articuladas para trabalhar o conceito de *acontecimento* como uma ocorrência que advém à existência, irrompendo em: a) um contexto (social e biológico), por meio do qual e no qual, ele afeta e é afetado. b) uma dimensão temporal, o presente, inaugurando um passado e um futuro para si.

Louis Quéré constrói uma perspectiva herdeira dos pragmatistas. Em entrevista concedida pelo autor, ele explica que essa aproximação de uma abordagem pragmática, se deu ao mesmo tempo em que ele se afastou da abordagem de P. Ricoeur. Para ele, essas aproximações e afastamentos se desenrolaram “porque o sentido de acontecimento em Ricoeur permanece ligado à tripla mimese e fica restrito ao universo discursivo. Pelo viés pragmatista, entendemos que os acontecimentos são coisas concretas, coisas reais, antes de colocadas no discurso” (QUÉRÉ, 2011, p.178-179)<sup>66</sup>.

Em seu percurso, o autor também se afasta, de forma clara, de diversas outras abordagens das ciências sociais sobre o conceito acontecimento. Em um dos seus textos (QUÉRÉ, 1997), ele explicita e critica outras abordagens do acontecimento: a construtivista e a ritualística. A primeira delas, a construtivista, aborda o acontecimento como uma construção midiática, podendo assumir duas formas, segundo o autor: uma abordagem radical e uma moderada.

Nessa abordagem, uma ocorrência só se tornaria acontecimento *por e quando* perpassasse um discurso midiático. Encerrando o acontecimento apenas na linguagem, na qual “para que o acontecimento exista é necessário nomeá-lo” (CHARAUDEAU, 2009, p. 131-132). Essa é uma perspectiva reducionista e descaracteriza a capacidade de interação do sujeito social, a força agenciadora intrínseca de algumas ocorrências e também sua capacidade de afetação. Ela credita aos sujeitos apenas a capacidade passiva, de reagir à mídia. Essa, por sua vez, aparece de forma central e como a única ferramenta capaz de traduzir as potencialidades das ocorrências ao cidadão (FRANÇA, 2012, p.43).

---

<sup>66</sup> LAGE, Leandro Rodrigues; SALGADO, Tiago Barcelos Pereira. 2011. Por uma abordagem pragmatista dos acontecimentos. Entrevista com Louis Quéré. Revista Eco Pós, 14 : 176- 183.

A segunda abordagem, a ritualística, se aproxima da primeira, na medida em que substitui o acontecimento pela forma como ele é tratado. A diferença é a suspensão da temporalidade nesse caso. Por essa abordagem, o acontecimento se dá como uma repetição de seu ato fundador. Isso implica também pensar que o acontecimento só se desenrola por que há referências simbólicas compartilhadas pelos sujeitos. De forma ilustrativa, seriam as comemorações das diversas bodas, aniversários de locais históricos, de batalhas, de guerras, entre outros. Essa abordagem negligencia todo o processo de individualização e capacidade de afetação do acontecimento, como aponta Vera França (2012, p. 44).

Filiando-nos a Quéré, acreditamos que um caminho mais seguro seria o do afastamento de ambas as perspectivas deterministas. Assim, para autor,

O verdadeiro acontecimento não é unicamente da ordem do que ocorre, do que se passa ou se produz, mas também do que acontece a alguém. Se ele acontece a alguém, isso quer dizer que é suportado por alguém. Feliz ou infelizmente. Quer dizer que ele afecta alguém, de uma maneira ou de outra, e que suscita reacções e respostas mais ou menos apropriadas. É por que ele acontece a alguém que ele “se torna”, para retomar a definição de Mead. (QUÉRÉ, 2005, p. 61)

Partindo dessa mesma base pragmatista de Louis Quéré, França (2012) destaca outros eixos na compreensão do acontecimento. Segundo ela, o acontecimento

[...] o é porque interrompe uma rotina, atravessa o já esperado e conhecido, se faz notar por aqueles a quem ele acontece. Uma ocorrência que não nos afeta não se torna um acontecimento no domínio da nossa vida. É simples fato, do qual até podemos tomar conhecimento, mas pelo qual não somos tocados. Este primeiro aspecto nos permite uma conclusão importante: os acontecimentos se inserem em nossa experiência, na experiência humana, no âmbito de nossa vivência. Como segundo ponto, é importante destacar que o acontecimento é portador de uma diferença e de uma ruptura. Ele rompe o esperado, a normalidade; ele quebra uma sequência e, num primeiro momento, desorganiza o nosso presente. Ele penetra sem aviso prévio, e gera um impasse. O desdobramento se vê comprometido. O acontecimento gera uma interrogação. Em decorrência – e este seria seu terceiro aspecto – o acontecimento suscita sentidos, faz pensar, incita à busca de respostas e alternativas. Ele alarga o leque do possível – e descortina (ainda que por pequenas brechas) o horizonte do que não havia ainda sido pensado. (FRANÇA, 2012, p.13)

Para além dessas características, a autora ainda destaca que *o acontecimento faz falar*. Ela convoca as considerações de Quéré (2012) para explicar sobre o assunto, mostrando que o “fazer falar” concede uma *segunda vida* ao acontecimento: “a primeira

vida é da ordem do existencial [...]. A segunda vida é o acontecimento tornado narrativa, tornado um objeto simbólico” (FRANÇA, 2012, p.14). A dimensão da existência, ou primeira vida do acontecimento, fica evidente ao olharmos para a multiplicidade de ocorrências que emergem em sua concretude na experiência dos sujeitos. Elas perpassam, dialogam e se entrecruzam com nossas vidas cotidianas. Já ao tornar-se um objeto simbólico, em sua segunda vida, o acontecimento pode ser apreendido por sua dupla dimensão de poder, seu poder de afetação e seu poder hermenêutico (SIMÕES, 2012).

Uma das formas de afetação é a capacidade que o acontecimento apresenta sobre os atores sociais. Louis Quéré nomeia essa força como a *capacidade que o acontecimento tem de dar “o tempo a ver”*, para além de se produzir somente no tempo. Os sujeitos, ao serem *surpreendidos e afetados* por um acontecimento, se vêm obrigados a repensarem suas ações futuras. “Não só o nosso conhecimento do que é possível, mas também as nossas retrospectões e as nossas projeções se modificaram à luz do acontecimento” (2005, p. 63). Ou seja, o acontecimento, de fato, rompe, mas a sua potencialidade para romper só existe frente a um sujeito.

Essa é a *passibilidade* do acontecimento, discutida por Quéré (2005), que evidencia justamente o poder de afetação apontado acima. A ocorrência só se torna acontecimento em função da presença desse sujeito que será afetado direta ou indiretamente. “O acontecimento se mede pela sua capacidade objetiva de afetar, por aquilo que de fato ele traz como potencial de mudança, e pela maneira como se insere no domínio da vida e das práticas sociais”. (FRANÇA; ALMEIDA, 2009). E, nesse processo, a própria ocorrência é atualizada pelos sujeitos atravessados, que se apropriam dela, em um processo de mútua afetação.

Como caracteriza Simões (2012, p.91), a afetação, ou a passibilidade, que caracteriza todo e qualquer acontecimento, pode ser entendida como um processo, no qual os “sentidos desencadeados pelo acontecimento afetam os sujeitos e, ao mesmo tempo, são afetados por estes. O acontecimento instaura uma descontinuidade na experiência dos sujeitos”.

É a partir desse universo de sentidos desencadeados que se torna possível apreender a segunda potencialidade do acontecimento, seu poder hermenêutico. Para Quéré:

os acontecimentos se tornam, eles próprios, fonte de sentido, fonte de compreensão e fonte de redefinição da identidade daqueles que

afetam. Nessa perspectiva, em que o acontecimento vem antes dos sujeitos e das situações, é o que ele se torna através de seu percurso, e os efeitos de sentido que produz, que contribuem para individualizá-lo. É nesse sentido que se pode falar de um poder hermenêutico do acontecimento. (QUÉRÉ, 2010, p. 35)

O poder hermenêutico do acontecimento também pode ser evidenciado na medida em que esse acontecimento – mesmo ficcional – é capaz de “desvelar o não visto, iluminar o opaco, estabelecer distinções que não haviam sido percebidas. [...] ele rompe uma sequência e quebra as expectativas, uma interrogação e um vazio se colocam” (FRANÇA, 2012, p. 13). Configura-se como fenômeno revelador que emerge criando múltiplas possibilidades de interpretação da realidade e do campo problemático no qual ele se inscreve. Ele estimula o acionamento de novos quadros de sentido, proporcionando um alargamento do horizonte dos possíveis. É neste sentido que se pode dizer que ele é dotado de um poder hermenêutico.

Partindo dessa compreensão do acontecimento, procuramos discutir a cena do chamado *beijo gay* em *Amor à Vida*, evidenciando como ela se configurou como um acontecimento.

### 2.1.2 *Beijo gay: da experiência à segunda vida do acontecimento*

A telenovela *Amor à Vida* se destacou ao representar/apresentar núcleos com personagens homoafetivos, famílias homoparentais e várias das tensões vivenciadas por esses sujeitos cotidianamente, e assim, a novela conseguiu se inscrever em um campo problemático já existente: a causa LGBT com todas as suas nuances e reivindicações. Um exemplo dessa (bem-sucedida) tentativa de refletir as nuances problemáticas da temática foi uma *websérie* de nove capítulos, produzida pela Rede Globo de Televisão,<sup>67</sup> exibida de forma concomitante com a *Amor à Vida*. Na *websérie*, pessoas contavam suas histórias (reais) semelhantes às vividas pelos personagens, uma espécie de testemunhal.

No dia 24 de janeiro de 2014, aproximadamente uma semana antes da cena do beijo ir ao ar, mas com os espectadores ainda sob efeito do episódio onde Félix tem sua orientação sexual revelada à sua família, entrou no ar um novo capítulo da *websérie*: “histórias de Amor à Vida: Fábio e Marcos”. Ambos os personagens, que são pastores

---

<sup>67</sup> Disponível em: < <http://gshow.globo.com/programas/webseries/historias-de-amor-a-vida/episodio/24-01-2014/> > Acesso em 23 de agosto de 2015.

evangélicos, narram em um vídeo de aproximadamente três minutos, como se conheceram, se assumiram, se casaram e adotaram dois filhos. A narração é acompanhada por um fundo musical emocionante e enquadramentos de câmeras evidenciando as mãos, que em determinado momento se unem, e há um *close* nas alianças. A todo o momento, o depoimento é entrecortado pela sequência em que Pilar, mãe de Félix, diz para o filho que já sabia da sua orientação sexual desde sua infância. Assim como os pastores contam que também sabiam das próprias orientações desde que eram crianças. Para além de mostrar como a telenovela refletiu (parte) da realidade social dos sujeitos LGBT, o depoimento de Fábio e Marcos deu indícios do que estava programado para os personagens da telenovela, Félix e Niko.

A nosso ver, no entanto, a grande e diferenciada contribuição à discussão da temática foi a exibição, pela primeira vez em sua programação, de um beijo entre pessoas do mesmo sexo – que veio a ser o (tão esperado) *beijo gay*. Como mostramos anteriormente, já existiram telenovelas em horário nobre que se propuseram a abordar a temática de forma mais “militante”. A novidade, no entanto, está no fato de que a cena do beijo deixa de ser apenas uma abordagem militante subjetiva e se torna uma abordagem factual, direta e explícita. A cena teve grande repercussão e destaque ao apresentar sentidos diferentes dos tradicionais, tornou-se *uma experiência que se destacou das experiências rotineiras ou cotidianas*. Embora tenha sido produzida e houvesse uma expectativa quanto a sua ocorrência, o *potencial de afetação* desencadeado por ela não tinha como ser controlado ou previsto.

A expectativa do público em torno da exibição ou não do beijo fomentou um espaço de debate<sup>68</sup>. Poucas horas antes, era sabido que o beijo havia sido gravado, mas a expectativa ainda se sustentava, uma vez que, como dissemos anteriormente, em outros momentos, cenas similares foram gravadas e não foram ao ar. O fato em si durou poucos segundos, mas sua repercussão foi gigantesca e imediata, *fez a sociedade falar* sobre o assunto, criou-se um “espaço comum” de debate. Minutos após sua exibição, os portais de notícias e as redes sociais foram tomados pelas manifestações (contrárias e favoráveis) em relação ao beijo, as quais duraram algumas semanas.

Destacaremos inicialmente alguns dados e pesquisas publicadas na mídia, que nos mostram a exata “transição do ‘acontecer’ ao ‘acontecer a’ que coloca o sentido do

---

<sup>68</sup> No último capítulo, com beijo entre Félix (Mateus Solano) e Niko (Thiago Fragoso), *Amor à vida* teve seu recorde de audiência em São Paulo com 48 pontos de média e 44 pontos no Rio. Disponível: <<http://kogut.oglobo.globo.com/noticias-da-tv/audiencia/noticia/2014/02/ultimo-capitulo-de-amor-vida-igual-a-recorde-de-audiencia-com-48-pontos.html>>. Acesso em: 12 de setembro 14.

acontecimento na experiência, na recepção deste por parte *daquele a quem o que acontece*” (BABO-LANÇA, 2006, p. 86). Que lança luz a campos problemáticos. Que inaugura um passado e um futuro para si. Características essas que justificam a apropriação desse conceito, inscrito no campo da experiência, em nossa pesquisa.

Nesse sentido, inicialmente, nos voltamos para alguns dados divulgados por empresas de monitoramentos de mídias sociais. Segundo a *Sysomos (Social Media Monitoring Tools for Business)*<sup>69</sup>, empresa de análise certificada pelo *Twitter*, a novela *Amor à Vida*, da Rede Globo, gerou mais de 2,5 milhões de *tweets* no Brasil durante a sua exibição, que ocorreu entre os meses de maio de 2013 e janeiro de 2014. No entanto, a empresa relata que o grande destaque foi o último capítulo, quando a trama alcançou mais de 600 mil compartilhamentos de mensagens utilizando os principais termos e *hashtags* ligados à telenovela. Outra empresa especializada em monitoramento, ações de intervenção e articulação de redes, a *InterAgentes*, também divulgou alguns dados, sobre a repercussão da cena do beijo entre Félix e Niko<sup>70</sup>. Segundo essa, somente no *Facebook*, entre as 23h de sexta (31/01) e às 14h de sábado (01/02), havia um total de 41.230 postagens públicas, não incluindo, assim, as postagens em que os usuários restringem a visibilidade do *post* aos seus amigos ou a um grupo específico.

A análise destas mensagens permitiu que a empresa conhecesse as maiores autoridades da rede de compartilhamentos em relação à cena do *beijo gay*. Ou seja, os perfis ou páginas que apresentaram alto número de compartilhamento de suas postagens sobre o tema. Assim, foram identificados grupos bastante sensíveis aos direitos das minorias, entre as quais se destacam diversas páginas LGBT. A *InterAgentes* informou, ainda, que esperava encontrar “grande presença de redes de opinião evangélicas pautadas pela homofobia”, mas, na verdade, uma das maiores redes temáticas detectadas estava ligada às torcidas de futebol. A empresa levanta a hipótese de que “futebol e a novela definem muito do que muitas pessoas entendem como ‘Brasil’”. Ainda segundo a *InterAgentes*, o grafo da rede de compartilhamentos do *Facebook* apresentou 32.877 vértices (usuários únicos) e 29.491 arestas (postagens compartilhadas).

Os resultados apresentados por essas empresas são profícuos em nos apontar para a individualidade do acontecimento como também para as sugestões de Quéré (2005, p. 68) de que, se pensarmos o processo experiencial dos sujeitos no mundo como uma

---

<sup>69</sup> A *Sysomos (Social Media Monitoring Tools for Business)* é um site de ferramentas para monitoramento de mídias sociais

<sup>70</sup> Disponível em: <<http://interagentes.net/>>. Acesso em: 23 de julho de 2015

intriga que não é inteiramente controlada por eles, será possível perceber como campos problemáticos, repletos de tensões, emergem nos cruzamentos de muitos dos fios do viver. Assim, o monitoramento ressalta o potencial de revelação desse acontecimento e propiciando, inclusive, alterações em nossos quadros de compreensão, bem como o surgimento de novos sujeitos na intriga da vida: “a tão esperada manifestação religiosa não se sobressai tanto quanto as manifestações das torcidas de futebol”<sup>71</sup>.

novos campos problemáticos se constituem com a emergência de acontecimentos, nomeadamente a partir do trabalho realizado em torno deles, explicitando o que está em causa, no âmbito da regulação política das condições de viver-conjuntamente numa coletividade. (Quéré, 2005, p. 72)

É interessante notar que as torcidas organizadas pré-existiam a esse acontecimento, bem como a hostilização aos indivíduos homossexuais por parte delas. Citamos como exemplo o episódio ocorrido em 2013 quando Emerson Sheik, atacante do Corinthians, postou uma foto em redes sociais dando um selinho em um amigo. No treino seguinte, no Centro de Treinamento do Parque Ecológico, cinco torcedores levantaram faixas com frases ameaçadoras e agressivas, em tom homofóbico. Além dessa manifestação dos torcedores, um diretor da empresa Camisa 12 exigiu pedido de desculpas do atacante e o ameaçou.<sup>72</sup> Embora o caso tenha sido amplamente repercutido, as expectativas de reações contrárias à cena da novela se concentravam, prioritariamente, na esfera religiosa, talvez pelo intenso debate, figuração de pessoas públicas e o constante enquadramento midiático dispensados para essa esfera, como exploramos no primeiro capítulo. Só nos atentamos (ou fomos despertados) para o quanto as torcidas se caracterizam como agentes hostilizadores, que podem ser tão ou mais intensos em relação às ações de grupos religiosos, por meio da divulgação da *InteAgentes*. São esses os fios do viver que emergem e iluminam campos problemáticos, aos quais se refere Quéré, nesse caso, a latente homofobia das torcidas organizadas.

A expectativa da cena e sua efetivação também chamaram atenção da pesquisadora em Comunicação e Mediações por Computadores (CMC), Raquel Recuero<sup>73</sup>, que coletou *tweets* sobre o assunto e os analisou. Conforme ela explica, em

<sup>71</sup> Disponível em: <<http://interagentes.net/>>. Acesso em: 23 de julho de 2015.

<sup>72</sup> Disponível em <<http://extra.globo.com/esporte/torcida-organizada-do-corinthians-condenada-por-homofobia-diz-jornal-16081940.html>> . Acesso em: 23 de julho de 2015.

<sup>73</sup> Raquel Recuero: jornalista, professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Curso de Comunicação Social, da Universidade Católica de Pelotas.

seu texto “Final de #AMORAVIDA e #BEIJAFÉLIXENIKO”<sup>74</sup>, a expectativa gerou especulação, e a especulação rapidamente se tornou campanha no *Twitter*. Ela conta ainda que, para além de quantificar toda essa agitação nas redes sociais, ela quis qualificar, ou seja, entender o conteúdo das mensagens que foram compartilhadas. Assim, coletou as *hashtags* #BeijaFélixNiko, com 37686 *tweets* e #AmorAVida com pouco mais de 6000 *tweets*. Utilizando um *software* (*Topsy*), ela conseguiu gerar grafos<sup>75</sup> que mostraram o crescimento significativo no volume do uso das *hashtags* no último mês de exibição da trama, mas principalmente nos dias 30 e 31 de janeiro.

A pesquisadora passou, então, para a segunda etapa, que continha o foco de sua análise de dados: descobrir quais foram os termos que co-ocorreram com o uso das *hashtags*. As co-ocorrências mostraram que os termos que mais apareceram continham discursos de apoio. Também foram co-ocorrências regulares: a) apoio e torcida pelo beijo; b) desafio aos críticos do beijo e c) descrições do final como algo que emocionou. Recuero notou, ainda, que, nas co-ocorrências, as menções a Félix e Niko vieram associadas à “romance” e as menções ao “final da trama” vieram associadas a elementos contextuais históricos e emocionantes da novela. Ela destacou também que não apareceram nas co-ocorrências – significativas – elementos que caracterizassem discursos contrários. No entanto, isso não quer dizer que esses comentários não existiram; pode indicar, apenas, a falta de homogeneidade em relação aos *tweets* de apoio.

Mas se existiu tanta movimentação e sabia-se que o beijo havia sido gravado, onde se localiza o “fator surpresa”, a ruptura inesperada dessa experiência? Todo conteúdo exposto nessa seção diz de uma mobilização bem próxima de grandes torcidas de torneios esportivos. A surpresa ou expectativa não está no jogo em si, mas em como ele vai terminar. A cena gravada era, até então, como um time bem treinado poderia vencer ou não. Nesse caso, poderia ou não ir ao ar. Inclusive, as descrições do conteúdo levantadas por Recuero – apoio e torcida pelo beijo; desafio aos críticos do beijo; descrições do final como algo que emocionou – são as mesmas que podemos observar nas grandes torcidas esportivas.

---

<sup>74</sup> Disponível em < <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/2014/02/final-de-amoravida-e-beijaFélixeniko.html>>. Acesso em: 23 de julho de 2015.

<sup>75</sup> Termo da área de conhecimento de mineração de dados. Trata-se de dados estruturais que permitem apresentar e representar de forma detalhada conceitos estruturais nos dados coletados. Permite a visualização de clusters ou agrupamentos.



A investigação conduzida pela pesquisadora evidencia, ainda, a importância da campanha que idealizava o beijo entre os personagens e que foi traduzida por um vocabulário próprio das redes sociais, a *hashtag* #BEIJAFÉLIXENIKO. Esse vocabulário foi a marca simbólica que mobilizou uma *ação pública da experiência da expectativa*. A campanha, bem como a marca, foi criada pelo deputado Jean Wyllys, figura pública atuante na defesa dos direitos LGBT, cuja personalidade altamente mobilizadora angariou adesões e fixou atenção pública, antes, durante e após o acontecimento. Mais que isso, conferiu visibilidade à campanha e, como afirma Babo-Lança (2007), “para a fixação e manutenção da atenção pública (e sua persistência no tempo), a categoria de visibilidade é central” (BABO-LANÇA, 2007, p. 57).

Pensar esse acontecimento é olhar a sociedade como um lago, no qual é lançado uma pedra e o impacto dessa pedra resulta em uma teia na sua superfície, um reticulado de vários círculos, que se desdobram em outros e que se conectam. Os círculos que se formam alcançam espaços que vão muito além do diâmetro da pedra em si, ultrapassando fronteiras e não aceitando direcionamento. Um exemplo literal dessa impossibilidade de prever a reverberação ocorreu em 7 de maio de 2014, quando a cantora internacional *Beyoncé* publicou um vídeo em sua conta da rede social *Instagram*, para divulgar sua música *Pretty Hurts* e em certo momento do vídeo, aparece a foto do beijo entre Félix e Niko, com o título: *What is pretty to you? (O que é bonito para você?)*<sup>76</sup>.

Voltando ao ambiente nacional, a cena também repercutiu em outros produtos midiáticos como jornais, telejornais, revistas e programas de entretenimento. Em sua maioria, fez-se um recuo histórico mostrando personagens LGBT da TV brasileira e o caminho percorrido até que uma cena como a do beijo fosse mostrada. Baseando-se nas idéias de Hannah Arendt, Quéré (2005) lembra que o acontecimento tem um caráter inaugural: ao emergir, ele tem o “poder de abertura e fecho, de iniciação e de esclarecimento, de revelação e de interpelação” (2005, p. 60). As publicações diversas de recuos históricos tratam da busca pelo restabelecimento da continuidade do mundo, a procura no passado de anúncios dessa ocorrência, uma tentativa de preencher uma lacuna, conforme Mendonça (2007, p.121).

Embora tenha se *desdobrado para o passado*, indubitavelmente, essa cena *inaugurou um futuro* na teledramaturgia e na sociedade. Ela mudou a representação da

---

<sup>76</sup> O vídeo trouxe imagens de paisagens, famílias, casais homoafetivos e héteros, que os próprios fãs enviaram para a cantora por meio da *hashtag* #whatispretty.

homoafetividade nas novelas seguintes veiculadas pela mesma emissora. De *Amor à Vida* em diante, houve o chamado *beijo gay* entre Marina (Tainá Muller) e Clara (Giovanna Antoneli) na novela *Em família*; entre Cláudio (José Mayer) e Leonardo (Klebber Toledo), na novela *Império*; entre Teresa (Fernanda Montenegro) e Estela (Nathalia Timberg), o casal de idosas da novela *Babilônia*; e por fim, entre as personagens de Yasmin Brunet e Rhaisa Batista, em *Verdades Secretas*.

Para além de estabelecer um marco na teledramaturgia, ela também assumiu um papel diferente, ou vários papéis diferentes, nas histórias (pessoais) dos públicos que lidam diariamente com questões relativas à homossexualidade. O autor Walcyr Carrasco, em entrevista ao programa *Altas Horas*,<sup>77</sup> afirmou que a intenção da novela era discutir as nuances das relações familiares e não apenas a homofobia e que o retorno foi imediato e contínuo ao longo da novela. O novelista afirmou ter recebido diversas cartas de telespectadores homossexuais ou com parentes homossexuais, que passaram a assumir ou aceitar a homossexualidade de maneira mais natural. Os sujeitos usaram da cena, e da própria telenovela, para problematizar a própria vida. Em nossa análise, nos deteremos na forma como essa afetação aconteceu.

De um ponto de vista hermenêutico, a visibilidade à existência da intimidade/afeto entre pessoas do mesmo sexo foi reveladora, não somente por inserir o debate na trama social, mas por iluminar os problemas enfrentados por esses públicos, da auto aceitação, passando pela aceitação familiar à luta por direitos civis. O *acontecimento* publicizou na esfera cultural ficcional conflitos que embora digam da intimidade, passaram à esfera pública, na medida em que *afetou* e *afeta* diversos indivíduos. E, dessa maneira, amparados pelo destaque, pela afetação proporcionada por essa ocorrência, por essa ruptura com a continuidade e seus inúmeros desdobramentos, que o transformaram em um objeto simbólico, tratados brevemente nesse tópico, é que justificamos o agenciamos do conceito de *acontecimento* para refletir sobre a cena.

Entendemos ainda que, como destaca Quéré, “o verdadeiro acontecimento não é unicamente da ordem do que ocorre, do que se passa ou se produz, mas também do que acontece alguém” (2005, p.61). Isto é, acreditamos que o ponto central dessa pesquisa e o sentido mais relevante do acontecimento está na transição do *acontecer* ao *acontecer a*, pois é nessa dimensão que encontramos a relação desse conceito com a constituição e

---

<sup>77</sup> Altas Horas. Rio de Janeiro: Rede Globo, 17 de agosto de de 2013. Programa de TV. Disponível em: < <http://globotv.globo.com/rede-globo/altas-horas/v/walcyr-carrasco-comenta-a-relacao-de-Félix-e-cesar-em-amor-a-vida/2766174/> >. Acesso em 25 de janeiro de 2016.

afetação dos públicos. Assim, a seguir, articularemos essa experiência de agenciamento dos sujeitos pelo acontecimento.

### 3. PÚBLICOS: DO ‘ACONTECER’ AO ‘ACONTECER A’

*Não nos esqueçamos que basta inventar novos nomes, novas  
apreciações e novas probabilidades para criar pouco a pouco  
novas coisas.  
NIETZSCHE*

Como explorado até aqui, a experiência do acontecimento emerge como uma “travessia” que afeta os sujeitos e os constitui, conformando sentidos, referências e pontos de vista. Ele assume dimensão de teste, emergindo como uma prova da qual não saem intactos aqueles que a ela se submetem, colocando em causa a própria identidade dos sujeitos, as percepções de si, tensionado e atualizando juízos e pontos de vista (ALMEIDA; FRANÇA, 2009, p.6). Acreditamos que essa seja a relevância do acontecimento, o momento em que o *acontecer* passa a ser o *acontecer a*, ou seja, seu atravessamento na vida social, o qual provoca transformações e convoca os sujeitos que sofreram a experiência a uma tomada de posicionamento.

Sob uma perspectiva pragmatista, é nesse momento que o vínculo entre os sujeitos em relação ao acontecimento os transforma em públicos. Não por se transformarem em grupo que compartilha de opiniões homogêneas, mas porque é enquanto *público* que os sujeitos sofrem uma experimentação coletiva e agem (mesmo que de formas diversas) em relação a um mesmo fenômeno (QUERÉ, 2001, 2003, 2005; ALMEIDA; FRANÇA, 2009). Mas essa definição de públicos nem sempre foi unânime. A reflexão sobre um agrupamento de pessoas, na condição de recepção de um acontecimento, especialmente os midiáticos ou midiaticizados, já suscitou diferentes perspectivas. Aliás, ainda suscita.

Dessa forma, nos ocuparemos no presente capítulo em uma visita a algumas dessas teorias focadas no processo de recepção e afetação dos sujeitos atravessados pelos produtos midiáticos, por acontecimentos, pela emergência de vínculos e a (re)ação desses sujeitos. Nossa tentativa será de compreender a constituição dos públicos, em outras palavras, o que os une, suas atividades, situações que estão em sua origem e, por consequência, sua aproximação e distanciamento de conceitos como audiência, massa e recepção. Para, então, nos apropriarmos do conceito em relação ao nosso objeto.

### 3.1 Nota ao leitor

De partida, cabe, aqui, uma ressalva: ao falarmos dos públicos constituídos por esse acontecimento, não temos a pretensão de apontar nesse capítulo a cena da telenovela como sendo o inaugural do movimento social LGBT. Todavia, conforme tratamos no capítulo anterior, a cena traz em si singularidades e características que transformam essa ocorrência em um fenômeno, capaz, inclusive, de mobilizar referências que servem de suporte para o desencadeamento de ações públicas e movimentos sociais. Em outras palavras, esse acontecimento não deslegitima uma luta anterior, pelo contrário, como veremos, é nesse devir experiencial que o sujeito aciona um conjunto de referências, de crenças, de valores, inclusive, suas lutas, inserções em movimentos sociais, para então agir e se posicionar.

### 3.2 Em busca dos públicos

Etimologicamente, a palavra *públicos* tem sua origem no latim e deriva dos termos *publicare*, que significa “tornar público”, de *publicus*, “relativo ao povo” e de *populus*, “povo”. Também adquiriu o significado de “aberto a toda a comunidade”, em oposição a “privado”. Embora o apontamento etimológico seja norteador, a busca por desvendar tal conceito vai muito além do recuo a sua origem. Apropriamo-nos de uma citação de Cefaï e Pasquier (2003), que fazem um apanhado de como as modalidades de percepção acerca do que vem a ser os públicos são variadas e complementares.

Eles [os públicos] fazem a experiência mais ou menos explícita de formar um público: experiência acompanhada do sentido vago e difuso de serem testemunhas de um acontecimento histórico (Quéré) ou que se realiza como comunhão ritual perante uma cerimônia televisiva (Dayan e Katz), que se reflete na “consciência mais ou menos clara da semelhança de juízos”, na leitura solitária do jornal (Tarde) ou que se exalta na paixão, ao mesmo tempo muito pessoal e muito coletiva dos fãs das séries televisivas (Le Guern), que toma a forma mínima do respeito pelas pequenas obrigações e pela troca de civilidades habituais na rua (Joseph) ou que se realiza plenamente na plataforma da rede associativa, visando a gestão autônoma dos assuntos públicos, atribuindo-se objetivos e batizando-se com um nome (Dewey). (CEFAÏ; PASQUIER, 2003, p. 62 *apud* ALMEIDA, 2009, p.16)

Os autores demonstram como esse caminho de busca pelos públicos exige que se conduza uma reflexão mais global, abordando o surgimento dos vínculos entre os sujeitos, uma revisitação aos estudos que se focavam em agrupamentos de pessoas em

relação aos meios de comunicação, bem como aos estudiosos que se debruçaram sobre o tema até os dias atuais. Assim, inicialmente retomaremos os primeiros estudos comunicacionais que se dedicaram à relação dos meios de comunicação com os públicos.

### 3.2.1 *Premissas teóricas comunicacionais*

#### 3.2.1.1 *Das audiências às massas: o público no recorte funcionalista*

O termo *audiência* é usado de forma recorrente para designar a atenção que certo grupo dispensa a determinados produtos dos meios de comunicação. Em estudos comunicacionais, ele também aparece como característica de um grupo de receptores, com elevado grau de passividade em certas teorias, em relação a esses meios e seus conteúdos. Embora tenha esses usos atuais, a origem do fenômeno é bem antiga, inclusive, anterior aos próprios meios de comunicação em grande escala. Em seu artigo *O lugar da audiência nos estudos da comunicação*, Fonseca (2003, p. 94-108) retoma a origem desse fenômeno, em uma tentativa de aplacar as várias diferenças de significado e conflitos teóricos sobre o tema.

Segundo o historiador, a origem da audiência repousa na Antiguidade, nas sociedades gregas e romanas, por meio de suas performances teatrais, musicais, ritualísticas, de jogos e espetáculos. Tendo, portanto, inicialmente, uma noção de *reunião física*, num *lugar determinado*, local no qual se desenrolava tanto a performance, quanto a recepção dessa. Caracterizando-se, assim, como uma experiência de potência de vida coletiva e partilhada, a audiência via e ouvia o que estava ocorrendo e respondia diretamente e imediatamente ao contexto (peças, ritos, apresentações, entre outros).

Assim,

a audiência greco-romana incluía em suas características a organização e o planejamento da recepção e da performance, a especialização de papéis dos autores, além de inserir costumes, regras, expectativas acerca do tempo, do lugar, do conteúdo e das condições de admissão etc. A antiga audiência era um dos elementos seminais numa extensa instituição que já incluía escritores profissionais, atores, músicos, técnicos, produtores, intermediários etc. (FONSECA, 2003, p. 96)

A audiência, portanto, surge em eventos com participações de um agrupamento de pessoas, com conteúdos diversos e pressupõe atos voluntários de atenção e de escolha. O autor afirma ainda que “a realidade da audiência era tipicamente urbana, geralmente com uma base comercial, com seu conteúdo variável de acordo com a classe social e *status*” (FONSECA, 2003, p. 97).

Com o advento das invenções tecnológicas mediáticas, a audiência passa a adquirir alguns dos contornos de como a entendemos atualmente, pois se torna mais expansiva, dispersa, individualizada e privada. Essas novas características podem ser melhor exemplificadas a partir do surgimento da imprensa, que possibilita a comunicação à distância, no espaço e no tempo, bem como o fenômeno do público leitor (com a chegada dos livros), esparso e recluso, mas tomado como um conjunto de indivíduos escolhendo um mesmo texto.

Já no século XIX, o mundo se viu transformado por produções periódicas e livros, em larga escala industrial. A escala aumentada do alcance dos *media* foi impulsionada pelo crescimento da indústria da propaganda, que ajudava a financiar jornais diários, revistas populares e livros. A partir daí, começou a surgir uma diferenciação e uma dispersão ainda maior da atividade da audiência.

É nessa mesma época que os estudos das audiências começam a se desenvolver, sendo “motivados pelo retorno financeiro, investigava-se o alcance e o impacto dos jornais impressos (1910), principalmente aqueles de conteúdos mais populares” (TONDATO, 2014, p.305). Os estudos passam a focar o princípio estímulo-resposta, exigia-se um investimento em pesquisas para melhor conhecer os efeitos no público, que naquele contexto era visto como *massa*. (FONSECA, 2003; TONDATO, 2014).

Usualmente, empregamos o termo *massa* como sinônimo de multidão ou um grande agrupamento de pessoas. O termo também aparece em expressões como ‘comportamento de massas’, ‘opinião de massas’, ‘cultura de massas’, ou ‘sociedade de massas’. Na procura por uma definição, também é possível identificar um sentido semelhante no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, no qual o termo *massa* está relacionado a 24 significados, destacamos quatro deles: 11. Conjunto das camadas mais numerosas da população; povo. 12. Totalidade ou grande maioria. 13. Multidão ou conjunto numeroso de pessoas. 14. Grande número de pessoas, relativamente coesas, vistas do ponto de vista social, cultural e econômico (HOUAISS, 2009, p.1253-1254).

Já em dicionários de teoria da comunicação temos:

Massa: grande grupo de indivíduos compreendido sempre pela base do menor coeficiente de organização, interação, produção enunciativa consciente e coesão possível, ou seja, pela menor quantidade de pontos comuns identificáveis entre os indivíduos do grupo, o que confere ao “objeto” representado pelo termo um caráter indistinto, uma falta de clareza que acaba sendo sua principal característica. (VILALBA, 2006, p. 119)

Massa. O termo descreve um vasto, mas amorfo conjunto de indivíduos com comportamentos semelhantes, sob influência externa, e que são vistos pelos seus possíveis manipuladores como desprovidos de identidade própria, formas de organização ou de poder, autonomia, integridade ou determinação pessoal. Representa uma visão da audiência dos media [sic]. (MCQUAIL, 2003, p.506)

Esse grau de similaridade entre as definições do conceito remonta aos primeiros estudos comunicacionais desenvolvidos nos EUA, a Escola Americana ou Mass Communication Research, que se desenvolveu no início do século XX (ACSELRAD; MOTA, 2011). Essa escola pensava a comunicação sob o paradigma informacional ou transmissivo, por meio do qual os sujeitos que participavam do ato comunicacional se enquadravam em uma das duas posições: emissor ou receptor. A Escola Americana teve vários teóricos, não nos cabe aqui distinguir as nuances entre eles, mas destacaremos a contribuição de Lasswell, cuja questão-programa (Quem? Diz o quê? A quem? Através de qual canal? Com qual efeito?) Teve forte influência na forma de se estudar a recepção. A partir dessa visão do processo comunicativo, emissor e receptor passaram a ser vistos e posteriormente estudados de formas separadas. Os estudos voltados para o emissor se apresentavam em menor número e destacavam a

centralidade e papel determinante dos emissores no processo comunicativo, quando não um papel dominante frente a um receptor indefeso. Mas é importante lembrar que o tratamento do emissor oscila desde uma autonomia absoluta (uma quase onipotência) até um quase servilismo à instância da recepção (aos desejos e demandas da esfera do consumo). (FRANÇA, 2006, p.63)

Já os estudos sobre a recepção foram mais preponderantes, pois havia uma maior preocupação com a eficácia e o êxito da mensagem transmitida. Essa preocupação se deve ao contexto histórico, no qual a industrialização e a modernização eram crescentes e ainda se estava sob o impacto das grandes guerras mundiais e crises econômicas. Os meios de comunicação em grande escala precisavam, assim, se destacar e encaixar de forma utilitária, seja produzindo informações, seja gerando engajamento em campanhas



publicitárias e políticas. “Na maioria desses estudos, ao receptor é relegado um papel passivo (apenas o emissor exerce função de sujeito)” (FRANÇA, 2006, p.63).

Esse papel fica claro na Teoria da Agulha Hipodérmica, também conhecida como Teoria da Bala Mágica. Nessa perspectiva, o processo de recebimento do conteúdo midiático era visto como um fenômeno de base comportamental, ou *behaviorista*, por meio do qual a mensagem midiática era pensada como um estímulo que gerava uma resposta dos indivíduos. Considerava-se que essa mensagem (ou estímulo) penetrava o indivíduo sem qualquer resistência (daí a analogia com a agulha de uma seringa). Esses indivíduos, então, constituiriam as *massas*, “uma audiência dispersa e indistinguível que sofre a influência passiva de poderosos meios de transmissão de informação em larga escala” (ACSELRAD; MOTA, 2011, p. 8). Nesse sentido, a *massa* aqui aparece como aquilo que a comunicação pode e deve controlar.

Posteriormente, o avanço das pesquisas apontou que, devido às estruturas psicológicas complexas, os sujeitos reagem de diferentes maneiras ao mesmo estímulo,

à medida que se tornaram disponíveis novas concepções referentes à natureza do ser humano individual e da sociedade, elas foram empregadas para modificar a teoria básica da comunicação – Bala Mágica – pela introdução de variáveis intervenientes entre o lado do estímulo da equação estímulo-resposta e o lado da resposta. (DeFLEUR; BALL-ROKEACH. 1993, p. 181-182)

As variáveis indicadas pelos autores, além das psicológicas, eram as sócio-econômicas e as culturais e atuavam nos indivíduos de modo que reagissem de acordo com os padrões estabelecidos pelo contexto e pelos grupos nos quais estavam inseridos. Nessa fase, começa-se a ser delineado um receptor menos suscetível ou frágil em relação ao meio. É apontada por Lazarsfeld (1969), inclusive, a presença de líderes de opinião, que filtram e/ou direcionam a influência dos meios (fluxo em dois níveis). O líder de opinião aqui é um indivíduo que possuía uma liderança de caráter informal, alguém de dentro do próprio grupo que era reconhecido como sendo mais bem informado, e cada camada da sociedade parecia ter próprio grupo de líderes de opinião. (TONDATO, 2014, p. 306).

Assim, naquele momento, diminui-se a

potência do estímulo, identifica-se a presença de filtros mediadores, as respostas já não são tão mecânicas e homogêneas, mas o receptor permanece atado à função de receber e reagir. Ele não é ainda tomado como *sujeito de ação*. (FRANÇA, 2006, p.65, grifo nosso).

A Escola Americana não foi a única linha de estudos que se voltou para observação da chamada sociedade de massa. Em outra ponta, surgia um grupo de intelectuais de várias procedências e especialidades que se aglutinava em uma Teoria Crítica da Sociedade, “um esforço por desenvolver o conhecimento da sociedade com base numa proposta teórica multidisciplinar” (COHN, 2014, p. 147): a Escola de Frankfurt. Esses teóricos concentravam seus estudos e sua atenção nas formas pelas quais os sujeitos, “em sua interação entre si e com a natureza, formam simultaneamente sua sociedade e sua racionalidade” (MAAR, 2014, p.12). Racionalidade essa que, inclusive, era questionada, na medida em que

nas teorias da cultura de massa de cunho conservador (conforme herança do século XIX), ou sob a égide crítica do marxismo (Adorno e Horkheimer), o receptor, relegado à natureza de massa – disforme, alienado – encontra seu mais baixo ponto: já não é mais um ser de vontade e de desejo, e apenas obedece “a voz de seu senhor”: a massa é a ideologia da indústria cultural, nos diz Adorno; é a realização mais acabada do projeto de dominação da sociedade industrial. (FRANÇA, 2006, p.64).

Ou seja, segundo o núcleo desse programa de pesquisa, a sociedade estava “marcada pela decadência da individualidade burguesa, pela subordinação da dinâmica capitalista à conjunção entre os grandes aglomerados empresariais e o Estado autoritário, e pela mescla de repressão e captura ideológica dos trabalhadores” (COHN, 2014, p. 150). Os estudos, então, convergiram para a indicação de que, nesta nova sociedade, os conteúdos alternativos à ideologia hegemônica tenderiam a possuir poucas possibilidades de publicização. E, portanto, os conteúdos publicados de fato eram esvaziados da real cultura, arte e de conteúdo político.

Com essa perspectiva sobre a cultura que era produzida e consumida, em 1947, Adorno e Horkheimer cunharam o termo *indústria cultural* em oposição ao termo *cultura de massa*, utilizado até então. Essa mudança é importante, pois está permeada pela visão da sociedade moderna como impossibilitada de qualquer forma de produção ou recepção culturais críticas. Assim, para os frankfurtianos, “o traço característico desta época é que nenhum ser humano, sem exceção, é capaz de determinar sua vida num sentido (...). Em princípio, todos são objetos, mesmo os mais poderosos. (ADORNO, 1992, p. 31.), Segundo Adorno, na *indústria cultural*, tudo se torna negócio, impedindo “a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente” (ADORNO, 1995, p.80). Dessa forma, os meios de

comunicação estariam ocupando o lugar de ação dos sujeitos, do espaço público, do encontro político, do espaço da discussão, proporcionando apenas entretenimento e transformando a cultura e a política numa encenação esvaziada de sentidos.

Habermas, que descende da mesma escola que Adorno e Horkheimer, não fugiu à regra desta. Pode-se dizer que a teoria de Habermas se divide em duas fases. Na primeira fase, o autor defende a tese de que a esfera pública no mundo burguês assume funções de propaganda, esvaziando-se de seus conteúdos políticos. Trabalha com a ideia de fragmentação do mundo moderno e com a decadência da esfera pública burguesa cujo resultado foi a passagem do público que pensava a cultura para um público que consumia a cultura. Assim, segundo ele, o público passou a ser fragmentado em minorias de especialistas que não pensavam mais nos interesses gerais e em uma grande massa de consumidores dos meios de comunicação de massa.

[...] está rebentado o campo de ressonância de uma camada culta criada para usar publicamente a razão; o público fragmentado em minorias de especialistas que não pensam publicamente e uma grande massa de consumidores por meio de comunicação pública de massa. Com isso, perdeu-se sobretudo a forma de comunicação específica de um público. (1984, p. 207)

Pensamento semelhante ao de Adorno e Horkheimer. Assim, para Habermas (1987), esses meios passaram a conduzir um público desintegrado, que era chamado a legitimar acordos políticos, ou a participar da vida política de maneira mais geral, sem ao mesmo tempo ser capaz de participar de decisões políticas efetivas ou até mesmo de simplesmente participar de decisões mais cotidianas (FERNANDES, 2001, p.3).

O que na imprensa diária apenas assim se esboça, já está bem mais avançado nos novos mídias: a integração dos setores outrora separados da publicidade e da literatura, ou seja, informação e raciocínio de um lado, beletrística do outro, acarreta uma peculiar distorção da realidade, claramente uma imbricação de diferentes níveis de realidade. À base do denominar-comum do assim chamado human interest surge o mixtum compositum de um entretenimento ao mesmo tempo agradável e facilmente digerível, que tende a substituir a captação totalizadora do real por aquilo que está pronto para o consumo e que mais desvia para o consumo impessoal de estímulos destinados a distrair mais do que leva para o uso público da razão. (1984, p. 201-202)

Já na segunda fase de seu trabalho, Habermas revisa sua teoria e passa a descrever o conceito de esfera pública não mais como uma esfera de representação burguesa. A nova perspectiva é da esfera pública como uma teia para a comunicação de conteúdos e tomadas de posição, de opiniões, que passam por um sistema de filtros,

levando à cristalização em torno de alguns temas de uma opinião pública. Ou seja, reconhece que o público é um sujeito coletivo de opinião pública, que se apresenta como uma instância superior de juízo.

Em relação ao espaço ocupado por esse público, as bases do autor são semelhantes aos conceitos de Arendt<sup>78</sup>, porém, com foco diferente. Ambos, no entanto, nos apresentam as características dominantes do espaço público: o lugar da visibilidade (intimamente ligado à existência) e da formação do juízo. Portanto, os sujeitos que ali atuam, os públicos, mostram-se e têm um desempenho. Assim, na perspectiva desses autores, o sujeito é visto como dotado de (re)ação e atuação.

Nesse sentido de mudanças na forma de enxergar o sujeito, atualmente a preocupação com a dinâmica dos meios de comunicação de massa e sua relação com a diversidade cultural vem tomando peso tanto na discussão internacional como nacional. Nos últimos anos, uma nova perspectiva, conhecida como *estudos da recepção*, estabeleceu uma crítica ao paradigma anterior, informacional:

Ancorada em outras matrizes teóricas (estudos culturais, enfoque das mediações culturais), os estudos de recepção buscam a inserção dos sujeitos em redes sociais, e identificam um sujeito que resiste, negocia, dribla os propósitos do emissor e promove usos particulares e diferenciados dos produtos consumidos. (FRANÇA, 2006, p. 65)

Esses estudos surgem a partir do entendimento de que observar a resposta dos sujeitos a partir da exposição a um produto dos media é sim importante, mas não apenas de forma dicotômica (emissor-receptor), e sim como um processo. Olhar para esse processo passou a significar olhar para a afetação e a interpretação dos sujeitos,

---

<sup>78</sup> Em *A Condição Humana* (2000), Hannah Arendt reflete sobre a relação entre público e privado, partindo da concepção da *pólis* grega, na qual essas esferas possuíam uma definição extremamente demarcada e inviabilizava a existência do conceito de opinião pública. Para a autora, o espaço privado era o espaço da família (ARENDR, 2000, p. 39-40). Ou seja, nesse contexto, a esfera familiar ou privada era regida por necessidade e à necessidade pressupõe a não liberdade, uma vez que se vive para garantir a sobrevivência. Assim, a ação – conceito utilizado pela autora para indicar a realização da efetiva capacidade humana – não se daria por livre pensar, mas antes, pela busca de continuar vivendo. Dessa forma, só sujeitos em condições de liberdade teriam capacidade de ação (política) e seriam iguais. Já a concepção da esfera pública, para a autora, comporta dois pensamentos importantes, correlatos, mas distintos. O primeiro é que essa esfera é o local no qual podemos ver e sermos vistos, No segundo sentido, o termo ‘público’ significa o próprio mundo, na medida em que é comum a todos nós e diferente do lugar que nos cabe dentro dele. Embora distintos, o resultado das duas concepções é que o espaço público possibilita concretizar a própria realidade. Isso porque é na relação com o outro que o sujeito concebe a realidade e o seu lugar no mundo. Portanto, “na Grécia antiga, a existência era permitida para alguns, àqueles que pudessem ascender à esfera pública, condenando os outros à privação de sua visibilidade e, então, da existência” (GOMES, 2013, p.48). Demarcando assim o *público* como representando o espaço da aparência, ao mesmo tempo em que se constitui na esfera de iguais (por serem livres), aptos para a ação; e o *privado*, espaço representado pela premência da necessidade, da submissão, portanto, da privação. (GOMES, 2013, p. 44-56)

contextualizando-o no tempo e no espaço, cultural e socialmente. Assim, é importante destacar algumas contribuições desses estudos de recepção e das mediações, conforme veremos a seguir.

### 3.2.1.2 *Recepção: o público dos estudos culturais e das mediações*

A abordagem dos *Estudos Culturais Ingleses* tem como eixo condutor as relações entre a cultura contemporânea e a sociedade – suas instituições e suas práticas.

Tais estudos

permitem uma problematização mais elaborada da recepção, em que as características socioculturais dos usuários são integradas na análise não mais de uma difusão, mas sim, de uma circulação de mensagens no seio de uma dinâmica cultural; o pólo de reflexão é deslocado dos próprios meios para os grupos sociais que estão integrados em práticas sociais e culturais mais amplas. (LOPES; BORELLI E RESENDE, 2002, p. 15)

Sob essa perspectiva, o sujeito passa a ser visto como um sujeito social, não mais como um ser isolado, passivo ao recebimento de toda e qualquer mensagem, como prevê o paradigma legitimado pela Escola Americana. A cultura, nessa vertente, é tomada como um suporte para compreender e analisar o processo de mediação da recepção, enfocando as práticas sociais e culturais presentes no cotidiano do receptor. Assim, a recepção passa a ser concebida não mais como um momento, mas como um processo que acontece antes, durante e depois da exposição do sujeito ao conteúdo simbólico transmitido a ele pelos meios de comunicação de massa.

Esses estudos estão originalmente vinculados ao coletivo de pesquisadores reunidos no Centro de Estudos Culturais Contemporâneos (CCCS). Inicialmente, três obras abrigaram a fundamentação teórica desses estudos: *The uses of literacy* (1957), de Richard Hoggart, *Culture and Society* (1958), de Raymond Williams e *The making of the English working-class* (1963) de E.P. Thompson. Na década 1960, constitui-se a Escola de Birmingham, em 1964, seu ápice inicia-se em 1969, quando a direção do Centro Contemporâneo de Estudos Culturais (CCCS) é passada a Stuart Hall. A relevância do momento se deve a uma série de estudos etnográficos, de análises dos meios massivos e de investigações de práticas de resistências dentro de subculturas, desenvolvidos pelo pesquisador que contribuíram bastante para o desenvolvimento e consolidação das pesquisas dos Estudos Culturais. A partir dos anos 1980 até os dias atuais, há uma internacionalização dessas pesquisas com foco na compreensão do papel

dos meios de comunicação de massa na constituição de identidades. Escosteguy (2014) define a proposta dos *Estudos Culturais* como

diz respeito ao tratamento das estruturas constituindo os sujeitos, sem perder de vista a experiência desses mesmos sujeitos, mantendo na análise tanto o peso objeto das instituições revelado nos seus artefatos simbólicos, quanto a capacidade subjetiva dos atores sociais. (ESCOSTEGUY, 2014, p.249)

Destacamos as contribuições de Hall (2003), na fase de institucionalização, sobre o processo de recepção dos telespectadores diante da televisão, por meio da teoria da “codificação – decodificação”. Ele defende que em um processo de comunicação existem pelo menos três estratégias de leitura e recepção: a) Hegemônica-dominante – quando o receptor decodifica o texto midiático a partir de seu sentido preferencial, compreendendo o sentido total da mensagem. b) Negociada: o sentido é construído a partir de elementos que se adaptam ao discurso hegemônico e, ao mesmo tempo, se opõem a ele; c) Oposição: onde resiste totalmente ao sentido preferencial e produz um sentido contrário ao da ordem social dominante.

A primeira posição hipotética refere-se à posição hegemônica-dominante. Quando o telespectador se apropria do sentido conotado de, digamos, um telejornal, ou um programa de atualidade, de forma direta e integral, e decodifica a mensagem nos termos do código referencial no qual ela foi codificada, podemos dizer que (...) está operando dentro do código dominante. (...) A segunda posição que identificaríamos é a do código negociado. (...) Decodificar, dentro da versão negociada, contém uma mistura de elementos, de adaptação e de oposição: reconhece a legitimidade das definições hegemônicas para produzir as grandes significações (abstratas), ao passo que, em um nível mais restrito, situacional (localizado) faz suas próprias regras. (...) Finalmente, é possível (...) decodificar a mensagem de uma maneira globalmente contrária. Ele ou ela destotaliza a mensagem no código preferencial para retotalizá-la dentro de algum referencial alternativo. (HALL, 2003, p. 399-401)

Outra importante contribuição para nosso trabalho é a última fase (que dura até os dias atuais) dos estudos culturais, a internacionalização. É nessa fase que os estudos chegam à América Latina. Nilda Jacks (2005) nos esclarece que na esfera comercial, o aparecimento das pesquisas de audiência deve-se aos institutos IBOPE<sup>79</sup> e MARPLAN, fundados em 1942 e 1958, respectivamente. Esse surgimento foi fomentado e refletiu a

---

<sup>79</sup> Segundo Barros (1990, p. 130), o IBOPE desde o início fornecia pesquisa regular de audiência de rádio utilizando a técnica de flagrante por telefone. Em 1948, passou a fornecer informações sobre hábito de leitura de jornais; e, em 1950, pesquisa de audiência de televisão.

crescente industrialização e expansão de um mercado interno, consolidado pelo uso do rádio como meio massivo e posteriormente com o surgimento das primeiras emissoras de televisão. Já na perspectiva teórico-metodológica a partir dos anos 1980, essa linha apresenta-se como uma nova tendência nos estudos de comunicação, articulando os sujeitos-receptores com o âmbito mais amplo da cultura (ESCOSTEGUY, 2003). Essa perspectiva vai se modificando até a incorporação do que se tornou conhecido como estudos culturais latino-americanos, cujo foco é o espaço cultural do receptor, sendo os nomes de referência Jesús Martín-Barbero, Nestor García Canclini e Guillermo Orozco Gómez.

Segundo a autora, na década de 1980, no plano teórico, as premissas sobre o processo de comunicação passam a concebê-lo como dialógico – embora essa forma de concepção não tenha sido suficientemente problematizada – e a produção de sentido vem de ambos os lados. Foram apontadas como as principais mediações que constroem esse processo: identidade cultural, valores, vivência cotidiana, contextos sóciohistóricos, classe, idade, escolaridade, gênero, família e instituições em geral, além de critérios individuais, como caráter e personalidade, entre outros. O gênero mais estudado foi a telenovela, sob a perspectiva da recepção, cujas premissas vão, segundo ela, “de sua tentativa de fazer ‘ficção sem fantasia’, promovendo identificação com o cotidiano do telespectador, até o fato de os aspectos econômicos determinarem sua temática” (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005, p.66).

O breve panorama de diferentes teorias descrito até aqui buscou delinear algumas abordagens *dos públicos*: vistos como audiência, como massa, como sujeito social negociador de sentidos. Podemos perceber inúmeras mudanças (e avanços) no modo de compreender esse *sujeito receptor* dos discursos midiáticos ao longo do tempo – da Escola Americana aos Estudos Culturais Ingleses e Latino-americanos. Mas ainda há limites na compreensão proposta por tais perspectivas mais contemporâneas, como aponta Vera França:

Tais abordagens sofrem de duas limitações: estreitam o tratamento dos sujeitos comunicativos (o enfoque, com frequência descritivo, fica centrado no emitir e receber) e mantêm a dicotomia e separação entre um e outro pólo ou função; emissores e receptores tanto permanecem distantes como são analisados separadamente. (FRANÇA, 2006, p.76)

Assim, a seguir, iniciamos uma aproximação das contribuições pragmatistas, no intuito de expor uma visão na qual os sujeitos em comunicação não se dão a ver em um sistema funcional ou dicotômico (emissor, receptor). Eles se mostram no processo

comunicacional como sujeitos em relação, que não apenas sofrem uma exposição ao conteúdo simbólico, mas que fazem escolhas, são autônomos e submetem o conteúdo apresentado à processos de interpretação. Sendo possível, nessa vertente pragmatista, falar em públicos como modalidade de experiência. É dessa concepção que nossa pesquisa se apropria, pois ela permite pensar o público como uma formação que se desenrola, a partir dos vínculos de sociabilidade.

O sujeito, nessa perspectiva, é tomado como alguém “que é afetado e elabora o que recebe a partir da recepção desse efeito e, do ponto de vista da hermenêutica filosófica, [assume um processo de] interpretação, compreensão, apropriação e aplicação no ato da recepção” (BABO-LANÇA, 2013, p.223), ou seja, uma “recepção elaborante”, na qual aquilo que é experimentado também se produz, por meio da (re)ação.

### **3.3 O público e as contribuições pragmatistas**

Ao assumir um viés pragmatista, sob o qual esse trabalho tem sido construído, retomamos alguns dos pensadores da Escola de Chicago, inicialmente, Robert Ezra Park e John Dewey. Para esses autores, a interação e a comunicação são indispensáveis à existência de um público, uma sociedade ou de um grupo social, sendo a comunicação o processo básico da interação social.

Park vê na imprensa, por meio das notícias, uma base para a formação da opinião pública e dos públicos. No entanto, para ele, opinião pública não quer dizer uma unanimidade de pontos de vistas, pelo contrário, o autor propõe que “não existe opinião pública onde não haja um acordo substancial e não existe opinião pública onde não haja desacordo. Opinião pública pressupõe, então, discussão pública” (1921, p.832). Opinião pública seria, então, o acordo em debater os pontos convergentes e divergentes das notícias da imprensa.

O poder da imprensa é a influência que o jornal exerce na formação da opinião pública e em mobilizar a comunidade para a ação política. É óbvio que a imprensa tem sido em todos os lugares um importante instrumento na formulação da agenda política e em vários modos e estágios tem jogado um importante papel no processo político. (PARK, 1955, p. 115)

Na perspectiva de Park, os públicos são considerados por e na sua pluralidade e diversidade de pensamento, o que os une é o debate ou o acordo tácito de um debate sobre o tema apresentado pela imprensa, ou seja, a base está na comunicação.



Corroborando esses apontamentos, nota-se que os estudos do autor são influenciados por um dos seus contemporâneos, o filósofo John Dewey. Inclusive, na introdução de uma das suas obras mais importantes, *A introdução da ciência da sociologia* (1921), escrita em parceria com Burgess, Park inicia com uma citação de Dewey (1916) sobre a importância da comunicação:

A sociedade humana, então, se difere da sociedade animal, principalmente por sua herança social, criada e transmitida pela comunicação. A continuidade da vida de uma sociedade depende de seu êxito em transmitir de uma geração às outras, seus costumes, tradições, técnicas e ideais. Desde o ponto de vista do comportamento coletivo aos traços culturais, todos podem ser resumidos em um termo: ‘consenso’ A sociedade, vista de forma abstrata é uma organização de indivíduos; considerada de forma concreta é um complexo de hábitos, de sentimento, de atitudes sociais, em resumo, um ‘consenso’. (PARK; BURGUESS *apud* BERGAZA CONDE, 1999, p. 62 tradução nossa<sup>80</sup>)

Dewey, assim como Park, coloca a comunicação como ponto central da constituição de *públicos*, pois em sua base é que se encontram as significações comuns compartilhadas. E são exatamente esses sentidos compartilhados que estabelecem laços sociais que podem converter uma ação conjunta numa comunidade de interesses (DEWEY, 2010, p. 248).

Em *The Public and its Problems* (1927) Dewey trabalha as diferenças entre ações públicas, privadas, individuais e sociais. Para ele, o termo *público* se refere às ações que possuem consequências mais amplas, que afetam a vida de sujeitos que não estão diretamente envolvidos na situação. Já o *privado* se caracteriza por ações que não perpassam nenhum outro indivíduo, além dos diretamente engajados na ação. Assim, “caso se observe que as consequências de uma conversação se estendem para além daqueles diretamente concernidos, ou que elas afetam o bem-estar de muitos outros, o ato adquire uma natureza pública” (DEWEY, 1954, p. 13). Há, ainda, para o autor, o termo *individual*, conceito que pressupõe uma ação realizada por um sujeito. E, por fim, o termo *social*, que diz de ações feitas em conjunto por duas ou mais pessoas. Essas definições nos remetem e nos previnem de diversos erros comumente cometidos na

---

<sup>80</sup> Trecho original em espanhol: La sociedad humana, entonces, a diferencia de la animal es principalmente una herencia social, creada y transmitida por la comunicación. La continuidad y la vida de una sociedad depende de su éxito en transmitir de una generación a otra sus costumbres, tradición, técnica e ideales. Desde el punto de vista del comportamiento colectivo estos rasgos culturales puedan todos reducirse a un término: ‘consensus’. La sociedad, vista abstractamente, es una organización de individuos; considerada de forma concreta es un complejo de hábitos organizados, sentimientos, y actitudes sociales, en resumen, ‘consenso’ (PARK; BURGUESS *apud* BERGAZA CONDE, 1999, p. 62).

utilização de equivalências entre eles, no entanto, são fluidas e não encarceram as percepções.

As percepções dos autores se complementam, uma vez que pode ser feito um uso intencional *dos media* com vista a, por um lado, orientar a função mediática de tematização do problema, por outro, constituir um público a partir do público interessado na ação que está sendo tematizada, conforme a pesquisadora Babo-Lança (2007, p.60). Em sua reflexão, embasada nos apontamentos de Dewey, Isabel Babo-Lança (2007) afirma, ainda, que os públicos são diversos e se instituem a partir de diferentes processos:

podem organizar-se em torno de ações e experiências variadas, desde conversas e debates no espaço público, à contemplação estética, à vivência de um destino comum perante uma catástrofe ou um acontecimento dramático, ao comprometimento num juízo comum, num processo de inquérito ou deliberação coletiva, numa causa pública'. (BABO-LANÇA, 2007, p. 60)

Para a autora, os sujeitos se tornam público em um processo de *recepção elaborante*, quando, ao sofrerem uma experiência pública e afetados por essa experiência, apóiam, se indignam ou criticam uma performance ou acontecimento específico. A autora acredita que, nesse processo, há uma atualização de sentidos, da identidade dos sujeitos, de suas perspectivas e pontos de vista no curso da interação. Assim, os processos de recepção “elaboram um público ativo, ou seja, receptores que tomam parte na reelaboração da experiência” (BABO-LANÇA, 2007, p. 61).

Para Quéré (2001, 2003, 2005), a quem Babo-lança também se filia, é no devir à existência que o acontecimento projeta um horizonte de sentidos, instaurando uma desordem e convocando os sujeitos a assumirem um posicionamento diante do novo que esse apresenta (FRANÇA, 2008, p.6). Com base nessa necessidade de ação é que entendemos que *o público* não pode ser visto como um conjunto de espectadores passivos de um acontecimento ou uma multidão que passou por determinada situação. É limitador, portanto, pensa-lo como simples audiência, como massa ou receptores. O público é mais do que isso e se inscreve na esfera da ação.

É, portanto, na experiência que o público se constitui ao: a) *sentir em comum*, e b) *ao ver como*, em um c) *modo de associação*. Em um movimento de mútua afetação, de um agir e um sofrer (QUÉRÉ, 2003, p.120). De forma detalhada, a experiência do *sentir em comum* (QUÉRÉ, 2003, p.121) não é apenas ser atravessada pela mesma experiência que os outros sujeitos, mas aqui fala-se do sentimento em comum em

relação à experiência. É o surgimento de um “nós”, um sujeito coletivo dotado de reflexividade e deliberação. Essa ênfase na ação mútua (que implica sofrer e agir), na experiência e na discussão que sinaliza as contribuições da perspectiva pragmatista na compreensão dos públicos, evidenciando alguns dos limites de outras abordagens, tais como as brevemente discutidas anteriormente.

França (2008, p.6), que tem por base esses estudos pragmatistas e também o sociólogo Quéré (2001,2003), aponta que

públicos se constituem na experimentação coletiva de um fenômeno, no contexto da publicização de uma obra ou representação: é relativo, portanto, a um perceber em conjunto; a um “ato comum de focalização”. Público é forma que se traduz numa regra de agenciamento de um todo, princípio de ordem e ação, estrutura que orienta e anima atitudes e comportamentos. (FRANÇA 2008, p.6)

Destacamos o termo *focalização* utilizado pela autora, que diz do ato de olhar. O espectador aqui, não é apenas um receptor passivo, ele age intencionalmente, essa ação se inicia no ato *de olhar para*, uma escolha de algo definido. Nesse sentido, *ato comum de focalização* pode ser tido como uma (re)ação intencional em consequência de um acontecimento. É possível, assim, inferir que ser espectador não é, necessariamente, sinônimo de passividade.

O espectador não recebe passivamente aquilo que aquele que criou pretende que ele receba, justamente porque toda a recepção é produção de sentido. Na recepção há interpretação e ação. Ver, ouvir, pensar, sentir são ações; falar, informar-se, explorar o meio, agir são “atividades situadas”; a percepção é situada e, como esclarece Dewey (1929), está em relação à atividade de um indivíduo num meio ambiente. O nosso ponto de partida é, precisamente, que os públicos implicam uma atividade de recepção, atos perceptivos, cognitivos, emotivos, comissivos, de significação e, em maior ou menor grau, um comprometimento e uma resposta. (BABO-LANÇA, 2013, p.221)

Nesse sentido, define-se também que o público não é apenas uma soma de espectadores, pois ele opera na ordem da intencionalidade, “ao estar ligado a um contexto institucional específico, uma situação que faz sentido e propicia às pessoas envolvidas sofrer conjuntamente a mesma experiência” (FRANÇA; ALMEIDA, 2009, p.7). Ou seja, o público não apenas escolhe de que será espectador como também se compromete, engaja-se e institui uma dimensão de compromisso, de ação intencional. Assim,

o público emerge na experiência ligada a um contexto e ao estabelecimento de uma estrutura de agenciamento que convoca e

interpela os sujeitos, posicionando-os e ordenando sua ação. Diz respeito, portanto, tanto a uma dada perspectiva quanto à conformação de modalidades particulares de engajamento na interação. (FRANÇA; ALMEIDA, 2009, p.7)

Essa perspectivação é o *ver como* (QUÉRÉ, 2003, p.119) que diz também de um laço social, de uma contextualização que convoca os sujeitos, ao mesmo tempo em que lhes oferece as possibilidades de conformação para se posicionarem. É justamente nessa atitude que reside o entendimento do público como *forma*. Ele passa a ser regido por regras e princípios que controlam sua conduta e orientam atitudes e comportamentos. Aqui, no entanto, vale uma ressalva: o *ver como* não diz de intenções individuais, mas de um processo de contextualização implícito, uma conexão com o contexto que ocorre por meio de crenças, convicções, pensamentos, valores, desejos, conformações culturais, proposições que sofrem enquadramentos. Um *modo de associação* (QUÉRÉ, 2003, p.122) que, retomando a perspectiva de Dewey, aponta para um público político e associativo, que não é dado antecipadamente, antes emerge através das interações e se constitui em resposta a um problema ou uma experiência. “Para que um público se estabeleça, é necessário que se constitua um ponto de vista ou uma perspectiva comum que forja uma modalidade compartilhada de engajamento na interação” (ALMEIDA, 2009,18-19).

Assim, são os pontos elencados nessa seção que tornam as contribuições pragmatistas de extrema relevância para nossa pesquisa. Isso porque a questão que apresentamos como problema vai além da descrição do processo de recepção, portanto não pode ser respondido com as definições apresentadas pelo paradigma informacional. Nosso questionamento se fixa em: como os públicos são afetados e se constituem a partir *dos media*. Assim, filiamo-nos a essas contribuições (DEWEY, 1927, 1956; FRANÇA, 2008, 2006; QUÉRÉ, 2001, 2003, 2005; BABO-LANÇA, 2007, 2013) nesse alargamento da concepção de recepção, para englobar os sujeitos receptores do acontecimento (público acontecimental), como apresentaremos na próxima seção.

### **3.4 O que une os sujeitos e como: apropriação e aproximações com o objeto**

Até aqui, apresentamos um breve panorama das bases teóricas comunicacionais que se propuseram na empreitada de verificar *os públicos* dos diversos produtos comunicacionais, evidenciando nossa filiação a um viés pragmatista para apreender a constituição e a afetação dos públicos do *beijo gay*. Como destacamos anteriormente,

quando questões concernentes às deliberações a respeito de grupos de minorias são abordadas por uma telenovela, elas adquirem complexidade e ganham uma dimensão de visibilidade, contemporizando memórias, imaginários, tradições e mesclas culturais, promovendo reconhecimento e criando identidades com as audiências e também é capaz de *instaurar* uma esfera de debate público, se tornam um processo – que procuramos compreender nessa pesquisa.

Segundo a autora Babo-Lança (2013, p. 223)

Na sociologia dos media e dos públicos, reconhece-se que o conhecimento que um público possui acerca de um género literário, cinematográfico ou televisivo – drama, ficção científica, comédia, policial, documentário, musical, informação, reportagem, programa literário, etc. –, influencia a recepção do mesmo. A obra de género cria uma relação entre produtores e destinatários de acordo com convenções e características reconhecidas que guiam o público. Os leitores e espetadores adquirem competências para ler, ouvir e ver e os processos de formação dos públicos são, em grande parte, devedores dessas mesmas disposições. (BABO-LANÇA, 2013, p.223)

Nosso objeto, a cena do beijo, desencadeou um processo de afetação e um desvelamento de um campo problemático maior, que convocou sujeitos e grupos a se posicionarem diante dos outros em relação à cena, mas também em relação ao campo problemático social iluminado. Ao se posicionarem, os sujeitos inscrevem o acontecimento em quadros de sentidos em relação ao contexto, ou seja, para que fosse tomada uma posição, os sujeitos respondem, primeiramente, à pergunta: “o que está acontecendo aqui?”.

Esses quadros de sentidos são importantes, pois dizem da complexidade da comunicação. Eles foram teorizados primeiramente pelo biólogo e antropólogo inglês Gregory Bateson (2002) e aprimorados por Goffman. Para Bateson, as palavras não correspondem à parte mais preponderante sobre o sentido da mensagem. Tratando-se, portanto, não do sentido que as mensagens podem ter, mas do caráter pragmático da comunicação, ou seja, os gestos e as nuances da linguagem correspondem a maior parte do sentido de qualquer mensagem. A partir da observação de mamíferos em um zoológico, Bateson pôde identificar níveis de abstração da comunicação desenvolvida por eles. Ao acompanhar alguns animais brincando de lutar, o autor percebeu que seus gestos simulavam um combate, mas não havia luta de fato. Os animais envolvidos entendiam que aquilo era apenas uma brincadeira, na interação parecia haver instruções que os deixava cientes disso sem, contudo, fazê-los.

Investigando a comunicação humana, como base em suas descobertas no zoológico, Bateson (2002) evidencia o nível metacomunicacional presente nas diferentes situações interativas. Para o autor, esse nível é a ordem da relação que se estabelece entre os sujeitos, podendo nos dizer dos lugares sociais que cada sujeito ocupa na interação. Esse seria o nível que permitiu aos animais observados por Bateson entenderem que a dinâmica em que estavam envolvidos era uma brincadeira de luta e não uma luta de fato. A esse conjunto de instruções que permitem ao indivíduo identificar em que sentido está acontecendo a interação, Bateson conferiu o nome de quadro ou enquadre. Como o próprio nome sugere, trata-se de uma espécie de moldura que provê subsídios, instruções implícitas ou explícitas que são estabelecidas no momento da comunicação e *que vão nortear o sujeito a entender o que se passa e como agir*.

Posteriormente, Goffman se apropria deste conceito para demonstrar como os sujeitos estruturam seus posicionamentos em uma interação comunicacional com base nesses quadros ou *frames*. Nos termos do autor, os frames possibilitam formas de classificar um evento particular, por meio de enquadramentos, ao se responder a pergunta: “o que esta acontecendo aqui?”.

Essa noção de enquadre e negociação das relações interpessoais pode ser aplicada ao sujeito e suas relações interpessoais, bem como aos produtos midiáticos e sua forma de apresentar conteúdo e convocar os sujeitos. A título de exemplo, podemos retomar as duas notas que a Globo soltou, uma após o cancelamento do *beijo gay* de *América*, a outra, após a exibição do *beijo gay* de *Amor à Vida*, citadas no capítulo dois dessa pesquisa. Há uma mudança na forma como a emissora se posiciona, porque há um contexto diferente, há também um significado diferente para a exibição da cena. Isto é, o quadro de sentido é diferente, bem como o que está em jogo na decisão de exibição ou não da cena.

Babo-Lança (2013, p.223), tendo como enfoque os públicos de um acontecimento, nomeia esses quadros como “quadro de percepção”:

também podemos considerar que existem competências e quadros de percepção adquiridos pelos públicos mediáticos em relação à recepção dos acontecimentos transmitidos pelos media. Se o acontecimento cria os seus públicos também é verdade que estes detêm modelos ou formas de percepção e de recepção dos acontecimentos mediáticos. O acontecimento moderno encontrou nos media o seu lugar preferencial de publicização e de existência para públicos alargados – como anunciou Nora, “é próprio do acontecimento moderno desenrolar-se sobre uma cena imediatamente pública” (1974: 218) –, tal como há

disponibilidade dos leitores da imprensa escrita e dos espetadores da informação audiovisual para pertencerem ao público de um acontecimento. (BABO-LANÇA, 2013, p.223)

Trata-se dos mesmos quadros de sentidos de Goffman, que posicionam o sujeito (midiático ou não) como agente do enquadramento e se configuram no ato de constituir as formas socialmente aceitas e partilhadas de categorizar os fatos, acontecimentos, experiências e situações que compõem a vida social. Assim, a televisão surge como um canal que proporciona esses processos interpretativos, ora propondo-os, ora visibilizando os enquadramentos existentes. Uma vez convocados pela televisão e os enquadramentos que ela propõe, os sujeitos fazem escolhas e agem de acordo com essas escolhas, nisso consiste o posicionar-se.

Dessa forma, filiamo-nos a essa perspectiva de Babo-Lança em sua afirmação de que estudar públicos requer atenção a um conjunto de questões, variantes que devem ser levadas em consideração na abordagem de um caso empírico. Existem, na verdade, “graus variados de engajamento, de emoção, de atividade, de passividade, diferentes destinatários e públicos e diversas modalidades de composição de um público midiática, urbano, cultural ou político, por exemplo” (2013, p.221). Gostaríamos de nos deter em um dos pontos destacados pela autora, a polarização: “Há públicos polarizados em torno de um problema ou de uma causa, públicos que se comprometem, defendem convicções e valores e têm um desempenho” (2013, p. 221).

#### 3.4.1 Polarização e enquadramento

Até o momento, caminhamos sobre a noção de público e a caracterização da sua emergência e de seu agenciamento. Isso porque acreditamos que tenha sido essa dinâmica que ocorreu com a exibição da cena do acontecimento *beijo gay*. Nesse tópico, no entanto, pretendemos ir além do agenciamento. O agenciamento estabeleceu um terreno comum de debate, no entanto, a heterogeneidade dos posicionamentos indica a existência de uma segunda ação que faz com que o público agenciado se polarize.

Assim, as questões que se colocam e que compõem as nuances do problema de pesquisa proposto e norteiam o presente trabalho são: se os públicos têm um sentimento em comum em relação à experiência vivenciada, por que nem sempre se comportam de forma similar acionando o mesmo enquadramento? Por que e em torno de quais

sentidos há polarizações dentro dos públicos agenciados pelo mesmo acontecimento e pertencente ao mesmo contexto?

Acreditamos que essas polarizações que se percebem na apreensão dos públicos de um acontecimento são construídas a partir de valores compartilhados e evidenciados nos posicionamentos dos sujeitos, que exibem uma hierarquia em seus sistemas de relevância. Para explanarmos sobre esse ponto, acionamos contribuições do pensamento sociológico-filosófico de Alfred Schutz, particularmente, os conceitos de *mundo da vida*, *situação biográfica determinada* e *zonas de relevância* e; de forma complementar, do sociólogo Hans Joas em sua discussão sobre a articulação entre *valores*, *práticas* e *instituições*.

Schutz buscou estabelecer em seus estudos uma sistematização para chegar às principais motivações que orientam os atores sociais no que diz respeito às relações que se desenrolam no cotidiano – ou no mundo da vida –, ou seja, em suas relações intersubjetivas. A fenomenologia, campo de conhecimento ao qual Schutz se filia, “localiza a compreensão da realidade dentro da experiência das pessoas” (SCHRÖDER, 2006, p.203)

Schütz segue esta idéia, e define o termo *Lebenswelt* como o conjunto de todas as realidades que o homem experimenta. Ela representa uma realidade dada de forma indiscutível, e, sendo assim, é o centro enquanto objetivo das nossas ações, pelo fato de a encararmos por meio de uma atitude natural (*natürliche Einstellung*), como Husserl a chamou. (SCHRÖDER, 2006, p.203. Grifo nosso)

Vale a ressalva de que as noções e conceitos de Schutz não se opõem aos conceitos apresentados até aqui, sobre a constituição de público, uma vez que,

para Schütz, não se trata de um mundo privado ou solipsista, mas sim, intersubjetivo e, com isto, social. Ele necessita de uma interpretação permanente dos indivíduos que atuam nele e para ele. Pois somente através de uma interpretação e de um aproveitamento dos meus acontecimentos passados e dos acontecimentos dos outros é que posso orientar-me no *Lebenswelt* e experimentar sentidos [...] Schütz afirma que a constituição do mundo começa com o ato da interpretação: não existem percepções sensitivas puras de um mundo externo, somente construções em que o objeto percebido se constitui. (SCHRÖDER, 2006, p.203-204)

De partida, o autor apresenta um ponto de vista interpretativo, no qual propõe um “multi-verso, ao invés de um uni-verso: como a existência depende basicamente da interpretação de sujeitos singulares, por conseqüência, também haverá tantas áreas de existência como haverá mundos de sentido gerados de forma interpretativa”



(SCHRÖDER, 2006, p.203-204). A proposição de um multi-verso, no entanto, não elimina um espaço comum entre os sujeitos. Para Schutz, as pessoas nascem em um mundo que não é apenas físico, mas sócio-cultural, que é diferente em cada sociedade. Todos, no entanto, enraízam-se de forma comum sobre a condição humana. Assim, nas diferentes sociedades, é possível encontrar comportamentos semelhantes, como estilos de vida aceitos ou um modo de vida tido como natural. Esses estilos de vida, ou de se viver, “são vistos como pressupostos porque se provaram eficientes até então e, sendo socialmente aprovados, são vistos como fatos que dispensam explicações ou justificativas” (SCHUTZ, 1979, p.80). Essa forma de pensar, segundo o autor, passa por uma compreensão enraizada no senso comum de

que até segunda ordem o mundo vai continuar sendo, essencialmente, da mesma maneira como foi até aqui [...]. A receita funciona de um lado, como preceitos para as ações, e assim, serve como um código de expressão; quem quiser obter um certo resultado tem de proceder conforme indicado pela receita dada para tal propósito. De outro lado a receita serve como um código de interpretação: supõe-se que quem procede de acordo com as indicações de uma determinada receita pretende obter um resultado correspondente. (SCHUTZ, 1979, p.80-81)

Nesse sentido, o sujeito é condicionado ao que o autor chama de “situação biográfica determinada” (SCHUTZ, 1979, p.73), que corresponde à sedimentação de todas as experiências anteriores do sujeito, organizadas de acordo com o seu “estoque de conhecimento à mão”. É a situação biográfica de cada sujeito que resultará na eminente influência dos motivos, na direção, enfim, no modo como cada ator pensa e age no espaço social.

Todo momento da vida de um homem é a situação biográfica determinada em que ele se encontra, isto é, o ambiente físico e sócio-cultural conforme definido por ele, dentro do qual ele tem a sua posição, não apenas posição em termos de espaço físico e tempo exterior, ou de seu status e papel dentro do sistema social, mas também a sua posição moral e ideológica. Dizer que essa definição da situação é determinada em termos biográficos significa dizer que ela tem a sua história. (SCHUTZ, 1979, p.73).

O sistema de motivações correlaciona-se às “zonas de relevância”, que dizem respeito ao “nosso interesse à mão, que motiva todo o nosso pensar, projetar, agir e que, portanto, estabelece os problemas a serem solucionados pelo nosso pensamento e os objetos a serem atingidos pelas nossas ações” (SCHUTZ, 1979, p.100). Nesse sentido, as zonas de relevância podem ser compreendidas como um conjunto de objetos, temas,

valores e contextos importantes para os sujeitos, definidos a partir de seus interesses. É esse sistema de relevância que vai dar ênfase maior à situação pré-vivenciada que interessa no momento presente.

É nesse ponto que situamos as considerações de Hans Joas (2012, p. 275) em nossa discussão. Acreditamos que as zonas de relevância, convocadas no processo de afetação dos públicos pela cena, têm profunda relação com três diferentes dimensões de um triângulo que garantiria as conquistas de direitos e estabilização dessas conquistas: as práticas, os valores, as instituições. O primeiro ângulo se refere às práticas da vida cotidiana que tornam possível a experiência vivencial de um valor na vida cotidiana de cidadãs e cidadãos. O segundo ângulo diz respeito à fundamentação argumentativa e das narrativas que fazem referência a determinado valor. Já o terceiro ângulo, o trabalho das instituições e a elaboração de normas.

O autor define essas dimensões como um triângulo que permite o processo de *sacralização da pessoa* e seus direitos, os direitos humanos.

nos termos do triângulo composto de práticas, valores e instituições, a estabilização das conquistas alcançadas no processo de sacralização da pessoa só poderá ser bem-sucedida se acontecerem três coisas. No campo das práticas, trata-se da sensibilização para as experiências de injustiça e violência e de sua articulação. No âmbito dos valores, trata-se da fundamentação argumentativa da pretensão da validade universal, que, no entanto – como se pretendeu mostrar aqui –, não será possível sem que seja permeado com narração. E, no plano das instituições, trata-se de codificações nacionais bem como globais permitindo que pessoas de culturas bem diferentes se reportem aos mesmos direitos. (JOAS, 2012, p. 275)

Ora, é da ordem dos sujeitos em foco em nosso objeto, os LGBT, a luta pela conquista e manutenção dos seus direitos. Sendo que, como abordamos no primeiro capítulo - de forma mais pontual e ao longo da pesquisa de forma diluída -, são exatamente esses três ângulos que constituem pontos de tensão em relação à cena em um primeiro momento, e em segundo momento, no campo problemático como um todo que engloba: a homossexualidade, a família homoafetiva e a homofobia. Como afirma o autor, a

longo prazo, os direitos humanos, a sacralização da pessoa, só terão alguma chance se todos os três atuarem em conjunto [...] se os direitos humanos tiverem suporte das instituições, e da sociedade civil, forem defendidos argumentativamente e se encarnarem nas práticas da vida cotidiana. (JOAS, 2012, p. 275)

Também é da ordem da sociedade convocar exatamente essas dimensões e suas nuances em seus discursos de legitimação ou deslegitimação, de concordância ou negativa tanto dos direitos quanto da visibilidade às lutas LGBT. E é justamente esse posicionamento dos sujeitos e essa bagagem simbólica, um dos pontos que buscaremos elucidar em nossa análise da afetação dos públicos pela cena do *beijo gay*.

Com base no exposto até aqui, o capítulo seguinte traçará o desenho metodológico da pesquisa, a partir do referencial teórico delineado: representação social, experiência, acontecimento, processos de enquadramento e polarizações de públicos, que comporão nossa grade analítica, para responder ao problema de pesquisa proposto.

## 4. DESENHO METODOLÓGICO

A construção metodológica de uma pesquisa ultrapassa qualquer receita ou fórmula. Ela se realiza ao longo do percurso, a partir das inúmeras escolhas do pesquisador, de seu olhar, das particularidades de seu objeto e das suas indagações. As escolhas que orientam o caminho percorrido nesta pesquisa serão apresentadas a seguir. Antes, contudo, gostaríamos de ressaltar que nos capítulos anteriores apresentamos um conjunto de conceitos e teorias que não apenas embasam nosso trabalho, mas que julgamos torná-lo relevante. Para esclarecer os objetivos da pesquisa e para que os conceitos elencados ao longo desse trabalho façam sentido, nesta seção, apresentaremos nosso percurso metodológico.

### 4.1 A estratégia metodológica geral

Nos capítulos anteriores, apresentamos o momento atual da sociedade brasileira contemporânea, no qual vigora uma discussão em diversas esferas sobre a conquista e a manutenção de direitos da chamada comunidade LGBT. Acreditamos que o espaço midiático, em seus diversos formatos, traz as marcas desse contexto e, ao mesmo tempo, ajuda a construí-lo. Chama-nos atenção, em especial, nessa interlocução entre a mídia e a sociedade, o papel da mídia na construção das representações sociais em torno dessa temática e a afetação que essas representações têm nos sujeitos. Assim, o objetivo da pesquisa aqui construída é analisar um momento específico no qual ocorreu essa interação: a exibição da cena do *beijo gay*, na telenovela *Amor à Vida*. Para tanto, procuraremos apreender e compreender os públicos constituídos por este *acontecimento* e as diferentes *formas de afetação* deles. E, de forma complementar, discutiremos o *poder hermenêutico* desse acontecimento (em sua relação com os públicos), evidenciando o que ele nos diz não apenas da telenovela, mas da própria sociedade brasileira contemporânea.

Dessa maneira, a nossa estratégia metodológica geral procura dar conta, sob uma perspectiva comunicacional *relacional*, do processo interacional entre a mídia e a sociedade. Isto é, nossa abordagem adota uma perspectiva pragmatista que propõe pensar a comunicação sob um modelo *constitutivo* ou *praxiológico*. (FRANÇA, 1998, 2006; MENDONÇA, 2009, QUÉRÉ, 1991; SIMÕES, 2009).

Por esse viés, a prática comunicacional se dá em um processo de interação, por meio do qual os sujeitos atribuem sentidos ao mundo e a vida social se torna um constante processo experiencial de construção. É dessa forma que acreditamos que a relação mídia e sociedade, na qual se insere a relação da telenovela com seus espectadores e com o próprio mundo, pode ser entendida como uma *experiência*. Para o pragmatista Dewey (2010), a experiência é um processo de dupla afetação, que envolve um agir e um sofrer, ocorrendo continuamente (DEWEY, 2010, p.109). Sendo a ficção um dos materiais simbólicos que subsidiam o processo de construção da vida social e sendo os telespectadores sujeitos que completam e (re)configuram os sentidos dos símbolos apresentados por esse gênero, é possível dizer que os telespectadores sofrem a afetação dos discursos das telenovelas, ao mesmo tempo em que são convocados a agir e se posicionar em relação a esses discursos. Desse processo interacional, resultam sentidos e as (re)construções simbólicas.

Louis Quéré (2005) nos chama atenção para outro aspecto da experiência, o *acontecimento*. Segundo o autor, *o acontecimento possui uma dupla vida*: “a primeira vida é da ordem do existencial [...]. A segunda vida é o acontecimento tornado narrativa, tornado um objeto simbólico.” Ao tornar-se um objeto simbólico, o acontecimento pode ser apreendido por sua dupla dimensão de poder, seu *poder de afetação* e seu *poder hermenêutico*. Como caracteriza Simões (2012, p.91), a afetação, ou a passibilidade, que caracteriza todo e qualquer acontecimento, pode ser entendida como um processo de mútua afetação, onde os “sentidos desencadeados pelo acontecimento afetam os sujeitos e, ao mesmo tempo, são afetados por estes”. É a partir desse universo de sentidos desencadeados que se torna possível apreender o poder hermenêutico do acontecimento, ou seja, seu poder de desvelar o não visto.

Dessa forma, ressaltar a dupla vida e a dupla dimensão do acontecimento faz-se importante, pois acreditamos que certas representações sociais trazidas nos diversos gêneros midiáticos – inclusive nos ficcionais – podem, em um dado momento, constituir-se em um *acontecimento*, na plenitude desse conceito, como em nosso objeto e, a partir de então, ser capaz de “desvelar o não-visto, iluminar o opaco, estabelecer distinções que não haviam sido percebidas” (FRANÇA, 2012, p. 13). Acreditamos que é nesse ponto que se encontra o sentido mais relevante do acontecimento, para nossa pesquisa: a transição do “*acontecer ao acontecer a*”. Para Simões (2012, p.93), que tem como base diversos textos de Quéré (1995, 2000, 2005), o acontecimento se caracteriza por uma individualidade intrínseca que passa por um processo de individuação. Esse

processo se realiza a partir de um percurso interpretativo, no qual o sujeito convoca um conjunto de referências, de crenças, de valores, para embasar seu posicionamento, em relação a experiência sofrida. Sob essa abordagem pragmatista, o atravessamento de um acontecimento na vida social promove uma experimentação coletiva de um fenômeno, bem como uma ação em conjunto como resposta, constituindo *públicos*.

Portanto, é com base nessa abordagem praxiológica, alicerçada em contribuições do pragmatismo, que pretendemos elucidar como essa cena afetou e constituiu públicos e as diferentes *formas de afetação* desses sujeitos. De forma complementar, evidenciaremos *o que esse acontecimento revelou da sociedade*. Ao abordamos a cena do beijo a partir desse viés, ela passa a ser vista como constituidora de públicos, no plural, uma vez que a cena despertou diversos enquadramentos e polarizações que a pesquisa procura evidenciar e discutir. Acreditamos que esses acionamentos diversos de enquadramento se deram a partir de sentidos compartilhados, que trazem em si uma hierarquia e um sistema de relevância que tem por base *valores, práticas e instituições* construídos ao longo da vida dos sujeitos (SCHUTZ, 1962; JOAS, 2012; GOFFMAN, 1991)

## 4.2 O recorte empírico

O recorte empírico da pesquisa é constituído pelo último episódio da telenovela *Amor à Vida*, exibido no dia 31 de janeiro de 2014, quando a Rede Globo de Televisão exibiu pela primeira vez um beijo entre pessoas do mesmo sexo – os personagens Félix (Mateus Solano) e Niko (Thiago Fragoso) – o chamado *beijo gay*, o qual foi apresentado no segundo capítulo dessa pesquisa. O ponto de partida para a análise é a expectativa da audiência em torno da exibição ou não do beijo, no dia 31 de janeiro de 2014, a qual fomentou um espaço de debate público. Sabia-se que o beijo havia sido gravado, mas a expectativa ainda se sustentava, uma vez que, em outros momentos, cenas similares foram gravadas e não foram exibidas. Quando a cena vai ao ar, esse cenário, então, se maximiza e há um acirramento do debate nas ruas, nos diversos sites de redes sociais e outros meios de comunicação.

Olhar para a representação social da homossexualidade a partir do gênero televisivo telenovela, particularmente na cena do primeiro *beijo gay* e de sua repercussão, nos permite analisar e problematizar como os sujeitos se posicionam em relação não apenas à cena, mas em relação à homossexualidade, às famílias

homoafetivas e à homofobia. Essa abordagem permite, ainda, verificar quais *valores, práticas e instituições* são acionados nos diferentes posicionamentos, bem como as hierarquias de relevância neles construídas – como será evidenciado na grade analítica construída para a investigação.

### 4.3 Os procedimentos metodológicos

Nossa investigação consistiu em *três dinâmicas* a serem pormenorizadas nesta seção:

*4.3.1 Pesquisa bibliográfica:* essa dinâmica consiste no aprofundamento em conceitos que dêem conta de orientar a construção da problemática. Assim, em nossa pesquisa bibliográfica, discutimos os seguintes conceitos e eixos temáticos: a homossexualidade, em relação à sua contextualização na sociedade contemporânea; a telenovela, em relação à sua dinâmica de interação com a sociedade e suas representações da homossexualidade; os conceitos de experiência e acontecimento, nos quais alicerçamos a cena do *beijo gay*; o conceito de públicos, por meio do qual problematizamos sua constituição, sua afetação e seu processo interpretativo. A articulação entre esses conceitos, realizada nos três capítulos anteriores, edificou a fundamentação teórica para esta pesquisa e concedeu as bases para a operacionalização de uma grade analítica, como será apresentada neste capítulo. Antes disso, contudo, é preciso apresentar o modo como a pesquisa empírica foi realizada.

*4.3.2 Pesquisa empírica:* esse procedimento consiste na construção do *corpus* da pesquisa. Abarcou a coleta e a seleção de diferentes fragmentos de discursos midiáticos, onde foi possível apreender o posicionamento dos públicos (espaço de comentários aberto sem mediação) sobre o acontecimento; detalharemos seu conteúdo no último item desse capítulo.

*4.3.3 Análise de dados:* compreende a aplicação do método escolhido para analisar os dados coletados. Nessa pesquisa, nossa grade analítica foi construída com base em teorias que se fundamentam na constituição de vínculos entre os sujeitos, a partir de processos de significação e acionamentos de referências.

Partimos, então, para a empreitada de construir nossos operadores analíticos. Consideramos que um dos grandes desafios dessa pesquisa foi construir, à luz dos conceitos elencados na pesquisa bibliográfica, os operadores analíticos que conseguissem realizar nossos objetivos, a saber: a) *apreender os públicos constituídos*

pelo *beijo gay*, procurando *compreender diferentes formas de afetação* deles por este acontecimento; b) *discutir o poder hermenêutico* desse acontecimento: evidenciando não apenas o que ele nos diz da telenovela brasileira, mas da própria sociedade brasileira contemporânea. Nesse sentido, construímos nossa grade em dois eixos centrais, que se dividem em duas categorias de análise cada:

**1) O primeiro eixo:** consiste na apreensão da afetação e constituição dos públicos, bem como do universo simbólico que atravessou e/ou foi convocado pelos sujeitos, a partir da emergência do acontecimento. Acreditamos que essa apreensão seja possível pela identificação dos enquadramentos disponíveis nos fragmentos discursivos. Para tanto contamos com duas categorias de análise:

a) *Descrição do acontecimento:* implica a verificação de como esse acontecimento foi nomeado e identificado pelos veículos de comunicação (nas matérias) e pelos sujeitos. Possibilita que identifiquemos os quadros de sentido em que esse acontecimento pode ser enquadrado, procurando responder à pergunta: “o que está acontecendo aqui?” (GOFFMAN, 2012). Ou seja, a partir dos fragmentos discursivos coletados, será possível delinear as esferas de sentido (religiosa, política, familiar, outras) que os sujeitos convocaram e nas quais inscreveram esse fragmento da narrativa ficcional.

b) *Descrição dos públicos:* consiste na identificação, por meio da autonegação ou de indícios deixados nos textos, do papel social (ativista, eleitor, político, religioso, espectador, outros) que o sujeito está desempenhando ao comentar a cena do *beijo gay*. Essa categoria possibilita a identificação dos públicos em dois níveis: a primeira é a do posicionamento do próprio sujeito que permite apreender os *sistemas de relevância* que aí se manifestam. A segunda é a identificação de como alguns sentidos são tão enraizados e relevantes que são partilhados por vários sujeitos, resultando em aglutinações e polarizações de posicionamentos em relação não somente à cena, mas à temática da homossexualidade na própria vida social.

**2) O segundo eixo** consiste na apreensão de alguns dos desdobramentos do acontecimento. A partir dos públicos e seus posicionamentos identificados no primeiro eixo, procuramos apreender o poder hermenêutico desse acontecimento atentando para duas dimensões:

a) *Pública:* implica a verificação dos *campos problemáticos* em que os sujeitos inscrevem o acontecimento. Possibilita identificar nuances da temática da vida social



abordada no campo ficcional, como a homossexualidade, a família homoparental e a homofobia.

*b) Privada:* implica a identificação de como o sujeito aciona o acontecimento para tematizar a própria vida. Possibilita identificar a interação entre o universo ficcional e as questões privadas.

Assim, nossos operadores analíticos foram construídos em duas instâncias: a) *apreender os públicos constituídos pelo beijo gay*, procurando *compreender diferentes formas de afetação* deles por este acontecimento; b) *discutir o poder hermenêutico* desse acontecimento: evidenciando não apenas o que ele nos diz da telenovela brasileira, mas da própria sociedade brasileira contemporânea. O objetivo de constituição desses operadores foi facilitar ao leitor o entendimento da articulação dos conceitos apresentados na pesquisa bibliográfica e delinear um caminho a partir do qual a análise será conduzida.

#### **4.4 O corpus**

Nas semanas anteriores e posteriores ao acontecimento, foram coletadas diversas matérias, entrevistas, reportagens e posts (das redes sociais *twitter* e *facebook*) sobre a cena. No entanto, para selecionar o que entraria no corpus, utilizamos alguns critérios:

- 1- No mesmo espaço onde a matéria/nota/post foi divulgada, deveria haver espaço destinado aos comentários do público, mesmo que não houvesse qualquer comentário.
- 2- O espaço para os comentários poderia ser mediado, desde que não houvesse edição dos comentários. Por exemplo, uma reportagem gravada e editada não estaria apta, mas um programa ao vivo em que o público pudesse comentar, sim.
- 3- Espaços midiáticos de grande relevância, abrangência e popularidade, garantindo, assim, a possibilidade de que tenhamos acesso aos comentários mais diversificados possíveis (quanto à crença, classe social, regionalização etc).

Nesse sentido, selecionamos dentre os cinco maiores portais de notícias do Brasil (em visitantes únicos), de acordo com o Ibope Nielsen<sup>81</sup>, os dois que se

---

<sup>81</sup> Disponível em: < <http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/noticias/2013/03/11/R7-passa-terra-no-ranking-dos-portais.html#ixzz3EXgvRuKh> > Acesso em: 27 de setembro de 2015.

encaixavam nos critérios propostos: a) UOL; b) Terra. As palavras-chave de busca foram: *Beijo gay*; Félix e Niko.

As matérias selecionadas são dos dias: 31 de janeiro a 02 de fevereiro de 2014. Optamos por esse recorte temporal específico, por duas motivações: 31/01 e 01/02 foram os dias do acontecimento e sua reprise. O dia seguinte (domingo) é um dia neutro, não há exibição de telenovelas na Rede Globo. No dia 03, segunda-feira, já começava uma nova trama com rumores de um próximo *beijo gay*, agora entre duas mulheres, o que acrescentou novos elementos à conversação pública. O segundo motivo foi a quantidade extensa de comentários em cada publicação, o que poderia interferir na qualidade da análise. Assim, optamos por um recorte temporal concentrado e reduzido.

Nessa busca em torno dos acontecimentos definidos para análise nessa pesquisa, foram encontradas: a) Matérias dos portais: UOL: 36; Terra: 04; Totalizando: 41. b) Comentários nas mesmas matérias: UOL: 1205; Terra: 1707; Totalizando: 2912. Dessa forma, o *corpus* será composto por 2953 unidades de análise.

## 5. A constituição dos públicos: afetação e revelação

*Parece que os acontecimentos são mais vastos do que o momento em que ocorrem e não podem caber neles por inteiro*

*Marcel Proust*

Nos capítulos anteriores, mostramos que “o verdadeiro acontecimento não é unicamente da ordem do que ocorre, do que se passa ou se produz, mas também do que acontece a alguém” (QUÉRÉ, 2005, p.61). E todo o percurso teórico apresentado até aqui aborda a cena como um acontecimento que trouxe rupturas e descontinuidades para a vida social. Podemos dizer que ela emergiu se desvelando por seus dois poderes, isso é, seu poder de afetação e seu poder hermenêutico, convocando reflexão e posicionamento por parte dos públicos. À medida que os sujeitos se posicionaram, foram transformados e se instaurou um processo comunicativo que se tornou “palco de encontro, interação, confrontação e determinação recíproca” (QUÉRÉ, 2005, P.70).

Esse processo reuniu aqueles que se submeteram e foram submetidos ao acontecimento, em um espaço comum. Não necessariamente unidos pela concordância dos pontos de reflexão que se apresentaram sobre o tema, mas pelo processo de interpretação de um mesmo fenômeno. Sendo assim, podemos dizer que o processo de interpretação constitui foco, ou objeto, do nosso olhar, por meio do qual analisaremos nosso objeto. Acionando um dos possíveis processos interpretativos, o enquadramento, a pergunta “o que está acontecendo aqui? ” (GOFFMAN, 2012, p.30), poderia ser respondida, em relação ao nosso objeto, apenas com: “uma cena de um beijo entre um casal homossexual em uma telenovela”. No entanto, ao observarmos a forma como o público se refere à cena, verificamos que as respostas expõem uma série de nuances: “Fim dos Tempos”, referência cristã à segunda vinda de Jesus Cristo; “Decreto do futuro incerto da família como base da sociedade”, referência à instituição família, em seu modo tradicional, formada a partir de um homem e de uma mulher; “Ditadura gay”, referência a uma suposta opressão normativa que visaria impor a orientação homossexual como estilo de vida da sociedade.

Esses e outros nomes e adjetivos atribuídos ao acontecimento *beijo gay* possibilitam muito mais do que uma verificação da opinião do público em relação à cena. São fragmentos que mostram a identificação de quais quadros de sentidos foram acionados por esses públicos. Permite-nos, ainda, tomar ciência de quais são as esferas

de sentido - ou referências - que os sujeitos convocam ao se depararem com a temática da homossexualidade. No momento em que o sujeito aciona seu repertório, também se torna possível identificar qual campo de sua vida é afetado, uma vez que, o “acontecimento adquire sentido e definição por meio das interpretações daqueles que são por ele afetados, os quais buscam elementos em um quadro de sentidos que configura um mundo comum” (MARQUES, 2012, p.146). É também nesse processo que os sujeitos assumem um papel simbólico, nem sempre por meio de autonegação, por vezes esse papel aparece apenas em indícios, mas sempre a escolha de um posicionamento implica em assumir um papel simbólico. A nosso ver, esse seria o primeiro passo na busca por entender a constituição dos públicos. Em um primeiro eixo, nossa empreitada buscará mostrar esse processo em que um sujeito evidencia seus sistemas de relevância, ou seja, suas referências, os aspectos subjetivos que o constituem tornando-o quem é.

Assim, nessa seção, operacionalizando nosso referencial teórico apresentado durante toda a pesquisa e lançando mão dos nossos operadores analíticos, procuraremos apreender esse momento. Tentaremos mostrar também que, a partir dessa exposição, os sujeitos se reconhecem como grupos que não necessariamente apresentam afinidade de opinião em relação à cena (ou ao tema), mas que se submetem ao processo de interpretação do mesmo fenômeno. Como destaca Marques (2012), “o acontecimento produz, organiza e atualiza o ‘comum’ de uma comunidade definindo assim, essa própria comunidade”. (MARQUES, 2012, p. 145). Ou seja, o acontecimento constitui públicos.

A reação à exibição da cena permite-nos, ainda, uma segunda verificação, que constituirá a segunda parte desta seção: ao se posicionarem, os sujeitos expõem um universo simbólico que não é individual, apenas, mas compõe o universo de sentidos compartilhados pela sociedade. Observar essa dinâmica permite-nos, então, apreender o poder hermenêutico desse acontecimento, ou seja, sua capacidade de iluminar as dinâmicas do mundo no qual emergem. É “em função dessa dinâmica, que novas narrativas individuais são tecidas, assim como os acontecimentos são enredados em tramas causais, em disputas de sentido sobre, afinal, quais são os seus significados” (CARVALHO, 2015, p.255). Nesse viés, os acontecimentos fluem entre as dinâmicas das esferas pessoais, institucionais ou outras dinâmicas da vida social e os sujeitos se utilizam desses acontecimentos para tematizar a própria vida, um processo de resignificação que permite um fluxo contínuo entre o público e privado.

Assim, acreditamos que os discursos em relação ao acontecimento, não parecem findar-se no dito. A escolha das palavras, a forma de nomear a cena e os adjetivos utilizados podem expor uma série de normas e valores atuantes na sociedade<sup>82</sup>. Portanto, nessa secção, o ponto central da nossa empreitada serão os fragmentos discursivos dos sujeitos. No primeiro momento, nos deteremos, mais especificamente, na forma como nomearam ou adjetivaram a cena e, a partir daí, identificaremos os papéis assumidos no processo de interpretação da cena. Já na segunda secção, tentaremos mostrar o fluxo da resignificação dessa cena, por meio do qual os sujeitos tematizam a própria vida e inscrevem-na em um campo problemático.

### 5.1 O poder de afetação: descrição do acontecimento e dos públicos

Dia 31 janeiro de 2014 vai ao ar o *happy end* de *Amor à Vida*. O episódio apresenta: a reconciliação de Félix com seu pai, o vilão César (Antonio Fagundes); pedidos e cerimônias de casamento com casais não tradicionais como Eron (Marcello Antony), que é pedido em casamento por André (Eriberto Leão); Rebeca (Paula Braun) e Pérsio (Mohamed Harfouch), que recebem autorização da família para se casarem, mesmo tendo crenças diferentes; e, por fim, Rafael (Rainer Cadete) e Linda (Bruna Linzmeyer), que se casam, mesmo Linda sendo autista. Perséfone (Fabiana Karla), uma personagem com características fora dos padrões de beleza considerados ideais, tem a possibilidade de escolher, dentre alguns pretendentes, com quem ficará. O episódio trouxe como mensagem principal o amor, em seus diversos formatos. Essa mensagem, no entanto, embora seja agregadora em termos valorativos, é, de certa forma, usual em finais desse tipo de narrativa. A grande novidade desse final está na representação da consumação do amor entre os personagens Félix e Niko, representado pelo *beijo gay*, ou ainda, como definido por muitos: “O dia que o amor venceu!”<sup>83</sup>

A cena de uma carícia explícita entre um casal homossexual entrou em várias casas do Brasil ao mesmo tempo, em muitos casos, pela primeira vez. Em diversos locais, a cena foi ovacionada, “em bares de São Paulo, comemoração de *beijo gay* teve clima de Copa do Mundo”, como estampou a Folha de São Paulo, no dia 01 de

---

<sup>82</sup> Exatamente por esse motivo, optaremos por não alterar a escrita dos comentários. Transcrevermos tal qual ela foi grafada.

<sup>83</sup> Disponível em: < <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/01/31/internautas-comemoram-beijo-gay-entre-Felix-e-niko-em-amor-a-vida.htm> >. Acesso em: 6 de março de 2016.

Fevereiro de 2014<sup>84</sup>. Essa semelhança com o campeonato esportivo não se finda na comemoração, ela começou com a torcida que se manifestou online, por meio de uma campanha nos sites de redes sociais, iniciada pelo deputado Jean Wyllys, que teve como objetivo incitar a emissora para que a cena fosse exibida durante a narrativa. As principais marcas simbólicas dessa campanha de mobilização online foram as *hashtags*: #BeijoGay, #FélixeNiko e #BeijaFélixNiko.

Segundos após a exibição, internautas famosos manifestaram-se: “Chupa reacionários! Félix e Nico se beijaram! Estamos evoluindo!” (Jean Wyllys); “CARACAAAA E NAO FOI UM BEIJINHO, FOI M BEIAOOOOOOOOOOOOOOOO VARIOSSSSS” (Hugo Gloss); “Foi lindo!!! Parabéns Mateus e Thiago pela excelente , doce e amorosa cena, o beijo foi tão natural” (Preta Gil); “Gente! To até agora sem ar! Kkkkkk parabéns @WalcyrCarrasco e @MauroMendonca” (Fernanda Souza ); “O beijo do Nico e do Félix foi meio que um marco na tv aberta. Galera que tem mente pequena: CHUPEM ESSA!” (Diane); “Walcyr quebrou tabu na Globo #beijogay #AmoràVida” (João Vítor Zanato); “Amor!Um real outro de novela.Que a vida siga assim cheia de amor e encha nosso coração de esperança” (Daniela Mercury)<sup>85</sup>. Mas a onda de comemoração não se restringiu ao meio artístico, anônimos se manifestaram em suas contas de redes sociais e trocaram suas fotos de perfis, por fotos do beijo.

Em alguns veículos, a cena chegou a ser nomeada como um ousado passo da “ditadura *gay*” e ainda “doutrinação *gay*”<sup>86</sup>. Independente da nomeação atribuída, a exibição permitiu ainda que, em algumas casas, o beijo entre pessoas do mesmo sexo estivesse presente na sala de estar pela primeira vez, sem comemoração, mas também sem qualquer outro comentário. Um universo simbólico atravessou os sujeitos, convocando-os a instantaneamente se posicionar, a enquadrar o que estava sendo exposto naquele momento, a convocar seu repertório e atribuir um quadro de sentidos (dentre todos disponíveis) à cena.

Um primeiro quadro de sentido, recorrente nos discursos e que nos salta aos olhos ao mapearmos nosso material de análise, diz de uma esfera que chamaremos de

<sup>84</sup> Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/02/1406245-em-bares-de-sp-comemoracao-de-beijo-gay-tem-clima-de-copa-do-mundo.shtml> >. Acesso em: 6 de março de 2016.

<sup>85</sup> Disponível em: < <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/01/31/internautas-comemoram-beijo-gay-entre-Félix-e-niko-em-amor-a-vida.htm> > . Acesso em: 28 de Janeiro de 2016.

<sup>86</sup> Disponível em: < <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/02/01/walcyr-carrasco-diz-que-beijo-gay-foi-quebra-de-paradigma.htm> > . Acesso em: 28 de Janeiro de 2016.

cultural. Nessa esfera, o enquadramento que parece ser convocado pelos sujeitos é a sua importância para o meio dramático, uma dimensão estética e crítica. Nessa dimensão, os sujeitos se vinculam por se apresentarem frequentemente como especialistas de narrativas ficcionais e convocam a necessidade da existência de uma cena como essa, em comparação a outros países, que já lançaram mão de cenas semelhantes. Os fragmentos discursivos observados evidenciam vínculos firmados a partir do modo como esse público experimenta o mundo sensível, uma experiência estética.

Este mesmo quadro de sentido, no entanto, não se revela homogêneo, mas há tensões e disputas simbólicas em torno do que ele representa para a sociedade e na cultura brasileira. Assim, nesse espaço comum, encontramos tanto aqueles que contestam a relevância da cena, como os que reconhecem o destaque e a importância, por ter sido exibida na Rede Globo. Dissenso que pode ser exemplificado pelos dois comentários a seguir:

Que preguiça... a gente cansou de ver adolescentes *gays* se beijando na MTV em pleno domingo a tarde. O Sbt já tinha exibido o beijo de duas mulheres. Nos canais por assinatura isso não é mais novidade faz tempo. Por que raios essa expectativa em ver *beijo gay* na Globo??? *(sic)*<sup>87</sup>.

A resposta vem de outro usuário do portal:

Por uma simples razão: se somar a audiência de todos os outros programas que você citou não dá a audiência da novela das nove da Rede Globo. Seja por audiência bruta ou share, a rede globo tem um poder muito maior de ditar tendências, de quebrar preconceitos e de fazer as pessoas pensarem e tudo isso é indiscutível. E justamente por isso a expectativa de isso acontecer na globo é muito maior. Isso significa dizer que o alcance desse momento é muito maior e a repercussão na sociedade é infinitamente mais relevante *(sic)*<sup>88</sup>.

Este discurso aparece diversas vezes e enfoca a qualidade e o potencial simbólico da emissora. Corroboramos com esses argumentos, pois como tratamos ao longo dos capítulos, o potencial simbólico da emissora se traduz em seu poder de abrangência como agente interlocutor. Isto é, os discursos veiculados pela Rede Globo possuem probabilidade de alcance muito maior que a do cidadão ordinário.

Nesse enquadramento, os sujeitos assumem o *papel de espectador* e as referências utilizadas são os outros produtos televisivos, como: “o Brasil anda muito

<sup>87</sup> Disponível em: < <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/02/01/feliz-de-fazer-parte-desse-momento-diz-jean-wyllys-sobre-beijo-gay.htm>>. Acesso em: 15 de novembro de 2015.

<sup>88</sup> Idem

atrasado com isso. Vejo tanto *beijo gay* nas séries americanas. Por lá, isso é tratado com naturalidade, em todos os capítulos, não o usam como um evento de capítulo final. Outro *beijo gay* agora, só no final de qualquer outra novela”<sup>89</sup>. Há sim uma manifestação de discordância ou concordância e alguns argumentos que sinalizam um discurso que tangencia algo ativista ou político, mas o foco de interesse, que constitui um espaço comum de debate desse público, aparece voltado para a exibição de cenas semelhantes em outros produtos em comparação com a telenovela da Rede Globo de Televisão. Trata-se de uma comparação muito mais qualitativa do que um questionamento político. Esse público entende e reconhece a abrangência e poder nas dinâmicas de interlocução, inclusive, que dentre as emissoras de TV aberta, a Rede Globo é líder de audiência (detém 42% de participação em relação às suas concorrentes)<sup>90</sup>.

A base de referência desse público está em elementos da esfera cultural, mais especificamente na dramaturgia, a tal ponto que em alguns momentos se apresentam como especialistas e acionam referências estéticas, como: “uma obra de arte”, “uma cena perfeita”, “cena delicada e impecável”, “que sensibilidade que o Walcyr Carrasco demonstrou ao compor uma cena na medida certa, suave”, “como sempre a globo nos surpreendendo, foi um final perfeito, não só por causa do beijo, mas por todo o elenco, toda a história, o autor e todos os envolvidos estão de parabéns”,<sup>91</sup> “FOI ÉPICO! Um grande passo para a sociedade!”.<sup>92</sup> Nessa mesma camada, também surgem avaliações negativas:

Não vai aqui nenhuma crítica ou censura ao tal ‘*beijo-gay*’. Nota-se no desenvolvimento da trama que os dois personagens gays, têm características femininas, e é público e notório que os homossexuais desse tipo, procuram se unir a homens (machos), e não a outros afeminados. Eles podem até serem grandes ‘amiguinhas’, mas NUNCA, iriam se relacionar como ‘um casal’. Creio que o bom Walcyr Carrasco não atentou para esse importante detalhe (*sic*)<sup>93</sup>.

<sup>89</sup> Disponível em: < <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/beijo-de-Félix-e-niko-reflete-momento-da-sociedade-diz-globo-2113>>. Acesso em: 15 de novembro de 2015.

<sup>90</sup> LOPES, Maria Immacolata. Vassallo de et al. Observatório Ibero Americano da Ficção Televisiva – OBITEL 2014: estratégias de produção transmídia na ficção televisiva. Porto Alegre: Editora Sulina, 2014.

<sup>91</sup> Disponível em: < <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/01/31/com-beijo-gay-amor-a-vida-registra-44-pontos-de-audiencia.htm>> . Acesso em: 13 de novembro de 2015.

<sup>92</sup> Disponível em: < <http://televisao.uol.com.br/enquetes/2014/01/31/o-que-voce-achou-do-beijo-entre-Félix-e-niko.htm#comentarios>> . Acesso em: 13 de novembro de 2015.

<sup>93</sup> Disponível em: < <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/01/31/com-beijo-gay-amor-a-vida-registra-44-pontos-de-audiencia.htm>> . Acesso em: 13 de novembro de 2015.



Há, ainda, o apontamento desse acontecimento como inaugural de um *campo de possíveis* no próprio espaço teledramatúrgico: “Creio que agora o beijo *gay* seja algo gradativo nas novelas da Globo. Talvez tenhamos muito selinhos, mas já será um avanço” (*sic*).<sup>94</sup> “ainda não foi aquele beijo molhado! Mas, foi sim, o beijo do casal *gay* protagonista! Estamos evoluindo!”<sup>95</sup>. Destacamos também a fala da atriz Paula Braum, esposa de um dos protagonistas da cena, Mateus Solano: “Que venham muitos beijos de amor! E na vida! E na rua!”.<sup>96</sup> O que se concretiza, uma vez que o beijo entre pessoas do mesmo sexo, a partir de então, passa a integrar as tramas da Rede Globo de Televisão.

A própria emissora, em sua nota, reconhece a existência desse público *espectador-especialista* e conversa diretamente com eles ao afirmar que “a pertinência desse desfecho foi construída com muita sensibilidade pelo autor, diretor e atores e, assim, foi percebida pelo público”,<sup>97</sup> justificando a sequência como “uma necessidade dramaturgica”.

Outra camada desse mesmo quadro de sentidos que emerge nos fragmentos discursivos é o que atribui certo grau de poder e controle social atribuídos à Rede Globo, remontando às crenças de uma sociedade massificada e manipulável pelos meios: “eles querem manipular a sociedade, a política, e agora até o pensamento das pessoas”.<sup>98</sup> E ainda,

Que direito a REDE GLOBO tem de invadir a minha Casa pra colocar dois Homens se beijando, assim pros meus filhos verem essa pouca vergonha, ainda bem que estava com o controle na mão e troquei o canal...” (*sic*)<sup>99</sup>.

Esse público possui uma visão, de certa forma, paradoxal, pois atribuem à Rede Globo poder de manipulação social, ao mesmo tempo em que atribuem a si certo grau de heroísmo, por sua autonomia em não se submeter a tal poder da emissora. Os sujeitos desse enquadramento, que se vinculam pela crença de um poder e um controle por parte

---

<sup>94</sup> *Idem*

<sup>95</sup> Disponível em: < <http://f5.folha.uol.com.br/televisao/2014/01/1406106-estou-em-prantos-diz-jean-wyllys-sobre-beijo-gay-em-amor-a-vida.shtml>>. Acesso em: 22 de Janeiro de 2015.

<sup>96</sup> Disponível em: < <http://diversao.terra.com.br/tv/novelas/amor-a-vida/mulher-de-mateus-solano-posta-foto-com-marido-e-fragoso-beijaFelixeniko,0f31be0c4fce3410VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>> . Acesso em: 30 de maio de 2015.

<sup>97</sup> Disponível em: < <http://f5.folha.uol.com.br/televisao/2014/01/1405920-atendendo-ao-apelo-de-publico-globo-encerra-amor-a-vida-com-beijo-gay-entre-Felix-e-niko.shtml>> . Acesso em: 16 de novembro de 2015,

<sup>98</sup> Disponível em: < <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/beijo-de-Felix-e-niko-reflete-momento-da-sociedade-diz-globo-2113>>. Acesso em: 15 de novembro de 2015.

<sup>99</sup> Disponível em: < <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/beijo-de-Felix-e-niko-reflete-momento-da-sociedade-diz-globo-2113>>. Acesso em: 15 de novembro de 2015.

dos meios, conduzem nosso olhar a outra subcamada que emerge dessa: os vínculos criados na crença de que o controle social é tão real e profundo que a emissora também pode influenciar na orientação sexual dos indivíduos:

Libertinagem na TV, me polpe. Não quero que meu filho veja isso, pois ele ainda é criança e jamais irei querer que ele seja *gay*, se ele quiser, eu aceito, mas deixa-lo influenciar pela Tv Globo, ou qualquer outro meio de comunicação, jamais” (*sic*)<sup>100</sup>.

Interessante notar que toda camada e/ou subcamada de cada quadro de sentidos é marcada por vínculos que se firmam também pelo dissenso. Nesse caso, por exemplo, nessa mesma subcamada, o argumento de influência é contestado:

ninguém vira *gay*, as pessoas apenas um dia param de fingir que não eram e assumem pra um grupo ou para todas as pessoas. Além disso a novela é classificada para mais de 12 anos no mínimo, ou seja, as crianças não deviam nem estar assistindo. Se vocês pais não sabem ensinar seus filhos a ler bons livros e deixarem a TV desligada um pouco nem deviam ter sido pais” (*sic*).<sup>101</sup>

Assim, identificamos que nesse enquadramento, no qual a importância da cena para o meio dramático se destaca, diferentes sentidos foram manifestos pelos públicos: de concordância, de discordância e em relação ao papel e influência da Rede Globo, bem como o de autonomia e resistência dos sujeitos. Assim: “A Globo, principal emissora de TV do país, vive um momento histórico, um exemplo a exibição do primeiro beijo entre dois homens em seu principal produto, a novela das 9” (*sic*)<sup>102</sup>, “Amor à Vida já entrou para a história ao discutir aberta e livremente as relações homossexuais. O beijo, para mim, seria apenas um detalhe. Um grande e histórico detalhe”.<sup>103</sup> E, de forma contrária: “Na minha casa, eu assisto o que é melhor... esse bj, NÃO ERA A MELHOR COISA À ASSISTIR..., é agora que a coisa vai virar CASA DA MÃE JOANA, agora vai ser um deus nus acuda”(*sic*).<sup>104</sup>

Embora não corroboremos com essa visada de uma dominação e uma força total da mídia, entendemos que este é sim um espaço onde se “travam batalhas pelo controle”

<sup>100</sup> Disponível em: < <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/amor-a-vida-globo-regrava-cena-de-beijo-entre-Félix-e-niko-2100> > . Acesso em: 13 de novembro de 2015.

<sup>101</sup> Disponível em: < <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/amor-a-vida-globo-regrava-cena-de-beijo-entre-Félix-e-niko-2100>> . Acesso em: 13 de novembro de 2015.

<sup>102</sup> Disponível em: < <http://diversao.terra.com.br/tv/bbb/espiao-bbb14/blog/2014/02/01/alheio-ao-beijo-de-Félix-e-niko-cassio-ganha-fama-de-homofobico/>> Acesso em: 30 de maio de 15.

<sup>103</sup> Disponível em: < <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/amor-a-vida-globo-regrava-cena-de-beijo-entre-Félix-e-niko-2100>> . Acesso em: 13 de novembro de 2015.

<sup>104</sup> Disponível em: < <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/beijo-de-Félix-e-niko-reflete-momento-da-sociedade-diz-globo-2113> > . Acesso em: 15 de novembro de 2015.

(KELLNER, 2001, p. 54). Esse controle, no entanto, relaciona-se a disputas associadas ao poder histórico exercido por grupos dominantes e resultam em um tensionamento por parte dos grupos marginalizados por maior visibilidade dentro deste espaço de poder. Nesta arena de disputa, a mídia passa a ter um papel paradoxal, serve tanto para reproduzir interesses e promover a dominação, quanto para dar aos indivíduos força para a resistência (KELLNER, 2001, p. 64), como mostraremos de forma mais clara em nosso segundo eixo de análise.

O segundo quadro de sentidos que identificamos nesses fragmentos é o que nomearemos de *político social*. Nesse enquadramento, o sujeito possui um discurso com argumentos políticos institucionais, que englobam também as práticas de sociabilidade cotidianas. Cabe, aqui, ressaltar: entendemos que todo o público que se dispôs a participar da esfera pública de discussão sobre o tema, isto é, que se dispôs em um vínculo e em um engajamento cujo uso racional da linguagem é feito para definir, individualizar e associar um acontecimento em um campo problemático, é um público político (MARQUES, 2012, p.144). No entanto, nesse quadro, tratamos do sujeito que, em seu discurso, convoca elementos diretos ou indiretos do sistema político institucional. Nesses casos, foram recorrentes, por exemplo, os seguintes comentários: “Enquanto isto em Brasília...”<sup>105</sup>, “O PETE DEVE ESTAR POR TRAZ DESSE *BEIJO GAY!*” (*sic*)<sup>106</sup>. Esses indicam, ainda, sua insatisfação com tamanha repercussão, enquanto há problemas e decisões políticas mais importantes para se preocupar.

Vejo nos telejornais todos dias cenas de mortes, assaltos, atropelamento, o pt reciclando dinheiro sujo para pagar as contas dos mensaleiros e todos acham isso normal. Uma cena apenas uma cena e nada mais deixemos de hipocrisia. Há coisas mais importantes para se preocupar (*sic*)<sup>107</sup>

Já o termo social que adicionamos a esse quadro diz respeito ao momento atual dessa discussão generalizada e efervescente sobre o tema. Isto é, o termo se refere ao processo de sociabilidade específico do momento atual que aparecem nesses discursos. E, inclusive, em um dos comentários, até mesmo esse momento de discussão é questionado: “Momento da sociedade? Qual sociedade? A que não nos sentimos

<sup>105</sup>Disponível em: < <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/globo-adota-marketing-do-beijo-gay-e-grava-cena-secreta-hoje-2085> > .Acesso em: 13 de novembro de 2015.

<sup>106</sup>Disponível em: < <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/amor-a-vida-termina-com-beijo-gay-mas-sem-recorde-de-audiencia-2113> > .Acesso em: 13 de novembro de 2015.

<sup>107</sup>Disponível em: < <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/01/31/com-beijo-gay-amor-a-vida-registra-44-pontos-de-audiencia.htm> > . Acesso em: 13 de novembro de 2015.

seguros para criar nossos filhos em ambientes seguros e com princípios éticos, morais e cristãos?”(sic)<sup>108</sup>.

Acreditamos que o inquestionável sobre a atualidade, é que a sociedade está podendo falar sobre a homossexualidade e, sendo a comunicação parte do processo de constituição de sentidos sobre qualquer tema e, portanto, sobre a constituição do *self* dos próprios sujeitos, essa ruptura é imensamente importante e agregadora à vida social. Isso porque, retomando nosso primeiro capítulo, é nesse processo que a *single story* deixa de ser uma realidade. Quando se fala em qualquer processo comunicacional, fala-se, nos sujeitos envolvidos nesse processo: os sujeitos *da comunicação* ou sujeitos em *comunicação*. Para França (2006),

O sujeito da comunicação é um sujeito social; ele é também, indubitavelmente, um enunciador de discursos ou um leitor de textos. Mas ser sujeito da comunicação ou em comunicação significa algo mais específico, e nomeia um sujeito enredado numa teia de relações. São as relações que constituem esse sujeito - a relação com o outro, a relação com a linguagem e o simbólico. (FRANÇA, 2006, p.77)

Ou seja, o que constitui os sujeitos da comunicação é a ação de afetar e ser afetado pelo outro através de materiais significantes; de produzir e consumir discursos, representações, sentidos para e em decorrência do outro (FRANÇA, 2006, p.86). A relação é, portanto, aquilo que funda a comunicação e os seus sujeitos. O sujeito *em ou da* comunicação, carrega em si algo extremamente importante, que também foi exposto por Adichie em sua palestra (abordada no primeiro capítulo dessa pesquisa): o verdadeiro poder, “que se traduz na habilidade de conceber não apenas a própria história, mas a do outro e de fazer dessa história a definitiva” (ADICHIE, 2009, 10m11s, *tradução nossa*)<sup>109</sup>.

A cena é, portanto, uma importante expressão dessa abertura, do *poder falar*. E assim, representa uma “quebra de tabu” no “amor, um real e outro na novela”.<sup>110</sup> Tornando-se uma “expressão da realidade”<sup>111</sup>, uma vez que a novela apenas reproduziu

<sup>108</sup> Disponível em: < <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/beijo-de-Félix-e-niko-reflete-momento-da-sociedade-diz-globo-2113> >. Acesso em :15 de novembro de 2015.

<sup>109</sup> Trecho original em inglês: “power is the ability not just to tell the story of another person, but to make it the definitive story of that person” (10m11s).

<sup>110</sup> Fala do Deputado Jean Wyllys. Disponível em: < <http://diversao.terra.com.br/tv/novelas/amor-a-vida/famosos-comemoram-beijo-gay-em-amor-a-vida-muito-feliz-diz-fragoso,25e9bd0443de3410VgnVCM4000009bceeb0aRCRD.html> > .Acesso em: 30 de maior de 2015.

<sup>111</sup> Disponível em: < <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/amor-a-vida-globo-regrava-cena-de-beijo-entre-Félix-e-niko-2100> > .Acesso em: 13 de novembro de 2015.

a existência desse tipo de casal, “a arte imita a vida, nada mais que isso”.<sup>112</sup> A insegurança citada em um fragmento anterior não decorre, então, da impossibilidade “criar filhos em ambientes seguros e com princípios éticos, morais e cristãos”<sup>113</sup>, decorre do universo de possibilidades que agora são iluminados. Se antes ser moral, ético e cristão tinha uma única *single story*, agora existem diversas formas de ser e agir de forma ética e moral.

Esse reconhecimento de que o ficcional espelhou-se no real convocou, ainda, alguns sujeitos contrários à exibição da cena a referenciar a Constituição, dizendo-se possuidores do “direito constitucional de discordar, alicerçado no direito da liberdade de expressão”<sup>114</sup>

O que me causa ojeriza é observar a forma como eles massacraram visivelmente o direito das pessoas de se expressarem, de forma que dar-se a entender que não apenas o Art 5º, mas toda a Constituição não passa apenas de um simples pedaço de papel, que deve ser respeitada e seguida quando melhor convir a terceiros ou a uma classe isolada.<sup>115</sup>

A precisão do uso de um argumento constitucional não equivale dizer que está sendo feita uma interpretação correta da lei. Se o debate sobre a cena estivesse alicerçado na liberdade de expressão, essa não deveria então abarcar ambos os lados?

O argumento da liberdade de expressão foi usado inúmeras vezes e em quase todos os casos gerou respostas diretas a quem os proferiu, inaugurando um debate secundário, que englobava outros temas constitucionais como o discurso de ódio, o direito de resposta e a própria subjetividade da liberdade de expressão: “venhamos e convenhamos, se vc tbem é boiola, ate pode querer ter ilho gay, eu não sou macho, e meu filho idem, não sou obrigado a ser a favor dessa palhaçada, tenho direito de pensar o que quiser e falar idem” (*sic*)<sup>116</sup>, seguido da resposta:

claro que tem direito de dizer o que pensa, desde que você exponha o que pensa sem ofensas nem grosserias Você escreveu acima "se liga

<sup>112</sup>Disponível em: < <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/amor-a-vida-globo-regrava-cena-de-beijo-entre-Félix-e-niko-2100> > .Acesso em: 13 de novembro de 2015.

<sup>113</sup> Disponível em: < <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/beijo-de-Félix-e-niko-reflete-momento-da-sociedade-diz-globo-2113> > . Acesso em: 15 de novembro de 2015.

<sup>114</sup> Disponível em: < <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/amor-a-vida-globo-regrava-cena-de-beijo-entre-Félix-e-niko-2100> > .Acesso em: 13 de novembro de 2015.

<sup>115</sup> Disponível em:< <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/02/1406245-em-bares-de-sp-comemoracao-de-beijo-gay-tem-clima-de-copa-do-mundo.shtml>> . Acesso em: 13 de novembro de 2015

<sup>116</sup>Disponível em: < <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/amor-a-vida-globo-regrava-cena-de-beijo-entre-Félix-e-niko-2100> > .Acesso em: 13 de novembro de 2015.

sues boiolas"Isso é uma ofensa e uma grosseria. Já dá pra ver em que nível você está (*sic*)<sup>117</sup>

Nessa linha, de certa forma legislativa, questionou-se, ainda, sobre o significado do que seria uma prática homofóbica: “a população brasileira vibrou com essa novela, que colaborou com certeza para desconstruir parte dessa homofobia nacional” (*sic*)<sup>118</sup>. Em outra ponta, grafada em caixa alta: “SE NÃO QUERER VER DOIS HOMENS SE BEIJANDO É HOMOFOBIA ENTÃO, EU SOU HOMOFÓBICA!!!” (*sic*)<sup>119</sup>. A resposta veio de outro usuário do mesmo portal, em menos de 20 minutos: “Mude de canal na hora. Eu também não quero ver cenas de gente esfaqueando gente. Por isso, nem ligo a TV”<sup>120</sup>. A partir desses contra-argumentos, percebemos que o debate secundário surge inserindo fragmentos discursivos que relativizam os direitos e as liberdades individuais de expressar-se. Nós acreditamos que essa seja uma questão de disputa de poder, sobre a manutenção de uma história única e, assim, deter o poder de contar (ou não) a história do outro, gerenciando sua (in)visibilidade. Ora, uma abertura para que diversos sujeitos narrem múltiplas histórias e suas próprias histórias, equivale a conceder um espaço com grande possibilidade de desconstruir estigmas e representações errôneas.

Os sujeitos também lançam mão de seus repertórios e conhecimentos políticos, em maior ou menor grau, para justificar o posicionamento assumido e, assim, em alguns momentos parecem reproduzir algo do senso comum, como é o caso, por exemplo, dos que nomearam a cena como “mais um passo da Ditadura *Gay*”. Ora, uma ditadura é um regime político exercido por um governo autoritário com supremacia do poder executivo, no qual se suprimem ou restringem os direitos individuais. O termo ainda pressupõe que a orientação (homos)sexual é imposta aos demais membros da sociedade. Como trabalhado no primeiro capítulo dessa pesquisa, ao contrário deste comentário, a sociedade brasileira não se encaixa em uma sociedade que sofra uma ação de um regime político opressor e autoritário, no qual os homossexuais impõem sua orientação sexual aos outros cidadãos, pelo contrário, nossa sociedade se encaixa em um padrão heteronormativo.

Ainda sob esse quadro de sentido, sujeitos públicos políticos emergem com seus discursos e são citados de formas recorrentes nos fragmentos discursivos de outros

---

<sup>117</sup> Idem

<sup>118</sup> Idem

<sup>119</sup> Idem

<sup>120</sup> Idem

sujeitos anônimos. Isso porque essas pessoas – públicas – utilizam do seu *status* para conferir visibilidade às causas e se apropriam de momentos como esses para reforçar seus argumentos. Em depoimento à revista *Veja*, Walcyr Carrasco chegou a citar algumas dessas figuras e avisou que: “todos têm que aprender a conviver e têm o direito de ser quem são. Estamos em uma democracia” .<sup>121</sup>

A pessoa pública política que mais aparece nos comentários e matérias é o deputado Jean Wyllys. Sua aparição é tão recorrente quanto os comentários que indicam desaprovação por seu foco de atuação política ser em prol dos direitos da chamada comunidade LGBT. A discussão chega ao deputado por sua defesa ativa em relação à temática e por sua manifestação pública após a cena do beijo, que foi reproduzida em diversas matérias:

Foi um passo adiante e positivo na representação dos modos de vida homossexuais e da homoafetividade. Tem um efeito pedagógico para as próximas gerações e obriga as atuais a ao menos repensarem seus preconceitos. Foi um acréscimo de autoestima na vida dos *gays* e lésbicas, na medida em que valorizou nossa forma de amar e nossos arranjos familiares. O *beijo gay* exibido na novela do horário nobre redimiu a trama no que ela tinha de ruim e colocou a Globo numa posição de prestígio entre quem defende as liberdades individuais e enfrenta. Estou feliz de ter contribuído de alguma forma pra tudo isso! Estou feliz de fazer parte desse momento da história. Parabênizo Carrasco, Solano, Fragoso e todo elenco envolvido no conflito do casal.<sup>122</sup>

Uma das matérias cita o “teor pedagógico”<sup>123</sup> dito por Jean Wyllys como uma projeção benéfica para as próximas representações. A partir dessa fala, essa nomeação – teor pedagógico – se tornou foco dos comentários.

O sentido de pedagógico nessa fala do Jean está em não enxergar a homossexualidade com esse preconceito todo. Como um exemplo de que o amor entre iguais pode existir. Infelizmente muita gente não enxerga isso. Se a questão está na moral e os bons costumes, por que ninguém se pronunciou em relação a outros assuntos retratados na novela quanto a violência, traição ou groca de casais? Por que é tão difícil aceitar a afeição e demonstrações de carinho sinceros entre pessoas do mesmo sexo? (*sic*)<sup>124</sup>

<sup>121</sup> Disponível em: < [http://www.brasilpost.com.br/2014/02/01/Félix-niko-beijo-gay\\_n\\_4709816.html](http://www.brasilpost.com.br/2014/02/01/Félix-niko-beijo-gay_n_4709816.html)> . Acesso em: 13 de novembro de 2015.

<sup>122</sup> Disponível em: < <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/02/01/feliz-de-fazer-parte-desse-momento-diz-jean-wyllys-sobre-beijo-gay.htm>> . Acesso em: 13 de novembro de 2015.

<sup>123</sup> Disponível em: < <http://f5.folha.uol.com.br/televisao/2014/01/1406106-estou-em-prantos-diz-jean-wyllys-sobre-beijo-gay-em-amor-a-vida.shtml>> . Acesso em: 22 de Janeiro de 2015.

<sup>124</sup> Disponível em: < <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/02/01/feliz-de-fazer-parte-desse-momento-diz-jean-wyllys-sobre-beijo-gay.htm>> Acesso em: 22 de Janeiro de 2015.

Como dissemos anteriormente, todos os quadros de sentidos convocados atuam na formação de um espaço comum de discussão, mas não necessariamente homogêneo. Assim, o comentário do deputado em relação à cena suscitou aprovações: “Senhores, efeito pedagógico, pois ‘ensina’ o povo a ver de forma tranquila e sem esse exagero um simples beijo ou até mesmo uma relação homoafetiva, não como coisa de outro mundo” (*sic*).<sup>125</sup> Ao mesmo tempo, porém, também criou um grupo no qual o vínculo se firmou pela discordância do posicionamento do Jean:

Pedagógico....Meu Deus....ao invés de você brigar por isso sr. Jean, porque você não defende um pouco mais de Educação as Pessoas...mais Escolas para que as pessoas tenham mais conhecimento e mais discernimento....tenham mais cultura....assim muitos dos preconceitos com certeza acabariam.. (*sic*)<sup>126</sup>

Sobre o papel social que esse sujeito desempenha, parece-nos ser *político institucional*. Tanto as figuras públicas quanto os sujeitos anônimos. Esses convocam esse quadro de sentidos para manifestarem posicionamentos que dizem do nosso formato de legislação, da relativização das nossas leis e das possibilidades futuras de manutenção ou alterações dessa legislação, em prol da comunidade LGBT. Essas alterações implicariam, assim, uma conquista de visibilidades e de direitos por um lado, mas também em aparecimento de deveres que podem, em um dado momento, se sobrepor aos valores pessoais de alguns indivíduos.

O terceiro quadro de sentido que identificamos está relacionado ao grande impacto que a demonstração pública desse afeto evidenciou em relação a normas e valores sociais, que nomeamos de quadro ético-moral. A nosso ver, as manifestações apresentaram a existência de certo acordo social tácito, por meio do qual invisibiliza-se essa forma de carícia, a saber: homossexuais não devem trocar afeto em público. No entanto, essa norma social de uma *não exposição* revela uma sociedade – falsamente – tradicionalista, pois

se a questão está na moral e nos bons costumes, por que ninguém se pronunciou em relação a outros assuntos retratados na novela quanto a violência, traição ou groca de casais? Por que é tão difícil aceitar a afeição e demonstrações de carinho sinceros entre pessoas do mesmo sexo? (*sic*)<sup>127</sup>

<sup>125</sup> Disponível em: < <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/02/01/feliz-de-fazer-parte-desse-momento-diz-jean-wyllys-sobre-beijo-gay.htm>> Acesso em: 22 de Janeiro de 2015.

<sup>126</sup> Disponível em: < <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/02/01/feliz-de-fazer-parte-desse-momento-diz-jean-wyllys-sobre-beijo-gay.htm>>. Acesso em: 22 de Janeiro de 2015.

<sup>127</sup> Disponível em: < <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/02/01/feliz-de-fazer-parte-desse-momento-diz-jean-wyllys-sobre-beijo-gay.htm>>. Acesso em: 20 de novembro de 2014.



A pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)<sup>128</sup>, citada no início deste trabalho, que divulgou que 59% dos entrevistados disseram se *sentir desconfortáveis ao ver um beijo entre dois homens ou entre duas mulheres* e que metade dos entrevistados *concorda com a afirmação de que casais homossexuais devem ter os mesmos direitos de casais heterossexuais*, evidencia algo implícito nas matérias e em seus comentários, a hierarquização dos valores. O valor do amor é evidente, mas ele não ultrapassa o valor da moral, dos bons costumes. E, é nesse ponto que o casal arrebatou e criou um grupo de fãs, mas o beijo dividiu opiniões:

Final lindíssimo. Chorei muito com o reconhecimento do pai ao amor do filho. Emocionante. O autor se superou. Nunca vi um final tão lindo(cena do pai com o filho). Só achei desnecessária a cena do beijo, pois tive que fechar os olhos da minha filha no momento. Sou careta sim. E prezo pela família tradicional, como a minha. E é o que eu quero para minha filha. Parabéns a todo o elenco, mais em especial ao Félix, ele foi maravilhoso (*sic*)<sup>129</sup>

De todo o *corpus*, esse comentário foi um dos que mais gerou respostas diretas, os quais retomaremos, mais atentamente, na segunda seção dessa análise. Nesse momento destacamos:

Respeito você, Sirlei. Mas vai fechar os olhos da sua filha para tudo com o que não concorda? E na escola? Com os amigos?... Não seria mais prudente ensinar que existe essa realidade? Além disso, sua filha é um ser livre. Quem decide a vida dela é ela, não você. Assim como você escolheu a sua. Pelo visto, ela recebe uma ótima base; então, confie na educação que você dá. Só para constar: ninguém se torna *gay* ou *lésbica* por ver. Agir assim, desculpe-me, mas é ignorância. O que você está ensinando, na verdade, é ter repugnância e desrespeitar a liberdade alheia. E isso é falta de amor. Isso, sim, é contra o Evangelho. Deus é AMOR. Deus não exclui (*sic*)<sup>130</sup>

E, ainda, “Ninguém é contra as uniões de homossexuais, mas fazer disso uma plataforma é excrescência!” (*sic*).<sup>131</sup> A análise dos comentários revela a mesma

<sup>128</sup> Disponível em:

<[http://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327\\_sips\\_violencia\\_mulheres.pdf](http://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres.pdf)>. Acesso em: 20 de novembro de 2014.

<sup>129</sup> Disponível em: <<http://televisao.uol.com.br/enquetes/2014/01/31/o-que-voce-achou-do-beijo-entre-Felix-e-niko.htm#comentarios>>. Acesso em: 13 de novembro de 2015.

<sup>130</sup> Disponível em: <<http://televisao.uol.com.br/enquetes/2014/01/31/o-que-voce-achou-do-beijo-entre-Felix-e-niko.htm#comentarios>>. Acesso em: 13 de novembro de 2015.

<sup>131</sup> Disponível em: <<http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/02/01/feliz-de-fazer-parte-desse-momento-diz-jean-wyllys-sobre-beijo-gay.htm>>. Acesso em: 13 de novembro de 2015.

dualidade presente na pesquisa do IPEA, que vai muito além de uma classificação como homofóbico ou não homofóbico. A nosso ver, a cena não dividiu os públicos entre favoráveis e contrários ao *beijo*, como sendo sinônimos de pessoas favoráveis e contrárias à homossexualidade. Evidenciou, na verdade, pessoas que se agrupam em torno de determinados valores hierarquizados. Explicitaremos melhor essa divisão em nosso segundo eixo de análise.

A questão é tão nuançada que encontramos casos em que o ser contra a cena estaria mais ligado a ser contra a demonstração pública de afeto, seja entre casais formados por homossexuais, seja entre heterossexuais:

Nada contra os *gays*, mas o que isso tem de pedagógico? Não só *beijo gay*, mas qualquer exposição sexual (relacionamento hétero ou homo) em uma novela não é pra educar ninguém! Esse é o nível de cultura do nosso país! LAMENTÁVEL!! Considero uma cena pra alavancar o Ibope, só isso! PS- Não vi a cena, não vi a novela<sup>132</sup>.

Identificamos, ainda, que, nesse quadro de sentido, a hierarquia de valores e normas está intimamente ligadas às instituições. Em fragmentos discursivos como: “Equivoco, Sodoma e Gomorra foram destruídas por causa dessa aberração, e já faz muito tempo. O cara tem um corpo de homem e uma mente de mulher e isso não é ser normal. Mídia podre dominada pelos *gays*”<sup>133</sup>, salta aos olhos o papel da igreja, por exemplo. Mas, ainda nessa camada, também é possível verificar o dissenso. Há sujeitos que também convocam a esfera religiosa em um posicionamento mais empático

Não sou bicha, creio em Deus e por isso acho sim que o amor entre duas pessoas não importa o sexo. Nem a bíblia é clara quanto a isso. Homossexualismo existe até no reino animal, inclusive com leões, portanto não é só safadeza como alegam os fanáticos religiosos. Então João marcelo enfie seu preconceito no rabo sua criatura do satanás travestido de religioso.(*sic*)<sup>134</sup>

Aqui, no entanto, conseguimos identificar certas diferenças nas referências e no papel social dos sujeitos. Embora ambos convoquem o discurso religioso, um se posiciona a partir do discurso institucional religioso da igreja, pois como mostramos no primeiro capítulo, na história de Sodoma e Gomorra não fica claro se o motivo da

<sup>132</sup> Disponível em: < <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/02/01/feliz-de-fazer-parte-desse-momento-diz-jean-wyllys-sobre-beijo-gay.htm>>. Acesso em: 13 de novembro de 2015.

<sup>133</sup> Disponível em: < <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/amor-a-vida-globo-regrava-cena-de-beijo-entre-Félix-e-niko-2100>>. Acesso em: 13 de novembro de 2015.

<sup>134</sup> Disponível em: < <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/amor-a-vida-globo-regrava-cena-de-beijo-entre-Félix-e-niko-2100>>. Acesso em: 13 de novembro de 2015.

destruição foi relacionado à homossexualidade, essa é uma das possíveis interpretações e a mais usual nas igrejas. O segundo sujeito também fala de uma esfera religiosa, mas assume um posicionamento ligado ao Cristianismo, de forma mais ampla e, assim, defende o princípio desse segmento religioso: o amor.

Contra o preconceito somente novos conceitos. O amor não tem sexo. O amor Cristico é Universal. Cristico não se refere aqui todo somente aquele que é Cristão, mas sim Aqueles que compreendem e utilizam o Amor sem fronteiras - o Amor Universal. Religião sem a razão e a ciência é de pouca valia. Amem mais, sejam Universais em doar e receber Amor. Paz a todos.<sup>135</sup>

Ainda nessa mesma linha, outro comentário começa com uma citação bíblica: “‘Quem é sujo suje-se ainda’ - Pra mim, atores são como prostitutas, tem que se submeter a todo tipo de situação, a final para essas pessoas o sucesso é o que importa” (sic)<sup>136</sup>, e é seguido também por uma resposta direta: “voltamos para a idade média” (sic).<sup>137</sup>

Outra instituição que aparece convocada de forma marcante nesse quadro ético-moral dos fragmentos discursivos é a família. Alguns afirmam que a constituição de uma família seja o fim da família brasileira, outros sujeitos demonstram não entender esse medo: “Eu não entendo essa história de que os *gays* são contra a família. Puro ‘surto’” (sic).<sup>138</sup> Dúvida compreensiva, pois se a comunidade LGBT fosse contra a instituição familiar, uma das vertentes de sua luta não seria pelo direito de constituir uma família, como discutimos anteriormente.

Foi emocionante. Félix e Niko têm uma família, se amam e têm direitos. Pensar diferente seria um retrocesso. Há muitos anos, foi tratado na TV o relacionamento entre um branco e uma negra, em que o pai dele era contrário ao namoro, por motivos raciais. É preciso aceitar as diversas formas de amor e de amar. Parabéns, Félix! Parabéns Mateus Solano! (sic)<sup>139</sup>

Nossa percepção destes discursos é, novamente, de um temor implícito: uma vez que a cena seja aceita como normal, automaticamente esse arranjo familiar também

<sup>135</sup> Disponível em: <http://www.olhardireto.com.br/conceito/noticias/exibir.asp?id=3873>>. Acesso em: 13 de novembro de 2015.

<sup>136</sup> Disponível em: < <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/amor-a-vida-globo-regrava-cena-de-beijo-entre-Felix-e-niko-2100>>. Acesso em: 13 de novembro de 2015.

<sup>137</sup> Disponível em: < <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/amor-a-vida-globo-regrava-cena-de-beijo-entre-Felix-e-niko-2100>>. Acesso em: 13 de novembro de 2015.

<sup>138</sup> Disponível em: < <http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/pais-vive-sob-ataque-de-gays-maconheiros-e-abortistas-diz-lider-do-pmdb/>>. Acesso em: 13 de novembro de 2015.

<sup>139</sup> Disponível em: < <http://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/entretenimento/2014/02/01/falamos-com-sinceridade-e-pureza-do-amor-entre-dois-homens-diz-wolf-maia.htm>>. Acesso em: 13 de novembro de 2015.

será. O sujeito assim assume um *papel de regulador, de mantenedor ou vigilante das normas sociais* – implícitas – *tradicionalistas*: “É um assunto para cada família discutir com seus filhos...cada um faça o que quer da sua vida, mas não impor isso como uma coisa normal...porque não é” (*sic*)<sup>140</sup>. Esses sujeitos lançam mão de elementos discursivos para legitimar-se no poder, no controle. Os discursos, no entanto, não se mostravam por meio de censura direta, mas aglutinados, de forma sutil, aos discursos religiosos, tradicionalistas e até mesmo político.

O poder de afetação do acontecimento apresentado até aqui não se afasta do seu caráter hermenêutico, da sua capacidade de iluminar as dinâmicas do mundo no qual emergem. Isso porque, ao se posicionarem e convocarem repertórios diversos para embasar esse posicionamento, os sujeitos mostram também os sentidos compartilhados pela sociedade sobre a temática. Isto é, se torna visível em quais campos de sentidos esse acontecimento se inscreve ou é inscrito pela sociedade, a ponto de convocá-la e provocá-la, conforme mostraremos na próxima seção.

## **5.2 O poder de revelação: o fluxo entre a resignificação privada e a pública**

Na seção anterior, mostramos como os sujeitos foram afetados e se posicionaram em relação ao *beijo gay*. Nossa empreitada nesta seção será a de mostrar como a reação à exibição da cena permite-nos também apreender o poder hermenêutico desse acontecimento, ou seja, apreender sua capacidade de iluminar questões diversas da sociedade. Esse processo se manifesta uma vez que os acontecimentos sofrem uma constante resignificação, na qual os sujeitos tematizam a própria vida e/ou inscrevem o fenômeno em um campo social. Assim, inicialmente, voltamos nosso olhar para as dinâmicas de interpretação e significação da esfera pessoal – privada –, por meio da qual os sujeitos enquadram os acontecimentos de forma propícia para tematizar a própria vida.

De partida, nos chamam atenção os depoimentos que enquadram a cena como *um momento catártico, facilitador do processo de autoaceitação do sujeito LGBT* e que fomenta também o sentimento de “não estar sozinho no mundo”. Esse enquadramento corrobora para a afirmação de Marques (2003, p. 5), na qual ela atribui ao melodrama das telenovelas brasileiras, outra função que se distingue do “fazer chorar”. Ele confere

---

<sup>140</sup> Disponível em: < <http://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/entretenimento/2014/02/01/falamos-com-sinceridade-e-pureza-do-amor-entre-dois-homens-diz-wolf-maia.htm>>. Acesso em: 13 de novembro de 2015.

visibilidade às experiências e situações de: sofrimento, desentendimentos, reencontros, contingências, alegrias, etc. Proporciona, assim, o encontro entre dramas íntimos e coletivos (MARQUES, 2003, p. 5). O que é revelado nesse quadro é a possibilidade de que os sujeitos utilizem da cena do beijo para autoaceitação, se não isso, pelo menos um autoentendimento e o reconhecimento da existência de pares - de iguais - na sociedade.

Quem dera se na minha infância eu tivesse tido a oportunidade de ver um *beijo gay*. Provavelmente não teria me reprimido dos 9 aos 14 anos, como fiz, porque não entendia a minha sexualidade, achava que o mundo não ia me aceitar e que eu não poderia constituir família. Cheguei ao ponto de fazer primeira eucaristia porque achava que um dia me casaria com uma mulher na igreja. HAHHAHA. Pura perda de tempo.<sup>141</sup>

Esse comentário recebeu um número elevado de curtidas, se destacando e desvelando a possibilidade de ser um sentimento partilhado, isto é, um ponto “comum” de reflexão dos sujeitos. Parece-nos, então, a emergência de um público que busca por representatividade, mais que isso, que precisa dela, para se entender e se adequar ao e no mundo. Um público que demanda uma memória alternativa sobre a homossexualidade, a fim de construir sua própria identidade emocional e/ou íntima. A cena, sob essa ótica, possibilitou esse fluxo de ressignificação entre o ficcional e a vida privada desses sujeitos, sedimentando um terreno para esse processo catártico do telespectador. Nesse sentido, a recepção da telenovela ultrapassa as satisfações sensoriais e emocionais e se entrelaça à vida cotidiana, aos dilemas reais dos seres humanos, suas relações sociais e suas demandas específicas (MARQUES, 2008, p.7).

Segundo o ator Tiago Fragoso, esse foi um dos objetivos da cena, como afirmou, ao site oficial da novela: “Tudo o que a gente busca como artista é conseguir se comunicar com as pessoas no nível mais profundo, provocar esse momento de catarse”.<sup>142</sup>

De forma complementar ao movimento catártico de autoaceitação, a análise dos fragmentos demonstrou a existência de um público que demanda a proliferação na sociedade do entendimento de que estar fora do padrão não quer dizer não ter direito ao afeto.

<sup>141</sup>Disponível em: < <http://televisao.uol.com.br/enquetes/2014/01/31/o-que-voce-achou-do-beijo-entre-Felix-e-niko.htm>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2016.

<sup>142</sup> Disponível em: < <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/02/01/estou-extasiado-diz-thiago-fragoso-sobre-repercussao-positiva-do-publico.htm#comentarios>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2016.

mostraram pro Brasil inteiro que TODOS têm o direito de amar e ser amado. Eu sou *gay* assumido e minha família aceita e, surpreendentemente, adora isso. No fim da novela o meu pai começo a chorar, me abraçou e disse que me amava. Eu me emocionei mais ainda, o abracei e nós dois choramos. Ele sempre aceitou e me apoiou sobre a minha sexualidade e sempre fomos melhores amigos. Acho que todos os pais deveriam ser assim. Todo ser humano deveria ser assim.<sup>143</sup>

Nada mais íntimo que o afeto, tanto a necessidade, quanto a troca. A cena possibilitou, ainda, mostrar que não existe apenas uma forma de se viver, de ser e de demonstrar afetos.

No entanto, nem todos os sujeitos foram simpatizantes a esse movimento: “enquanto as bichinhas estavam fazendo gracinhas tudo bem, mas beijo entre homens é o fim dos tempos...” (*sic*)<sup>144</sup>. Esta é uma lógica hierarquizadora que acaba criando sujeitos que não gozam de seus direitos como tal. Eles podem existir, desde que sua existência se conceba dentro de um limite. É o que Butler (2000) chama de “abjeto”. São indivíduos que se constituem como corpos abjetos e cuja identidade é excluída ou negada, designando um espaço de marginalidade no qual o domínio do sujeito se constitui por exclusão.

Outros, também contrários, se manifestaram tematizando a própria de vida de forma contrária à cena, expondo certo medo de que esse momento catártico aconteça a ele ou alguém próximo: “Só uma perguntinha não quer calar... Ao chegar num Shopping, por exemplo, e encontrar seu filho ou namorado, ou irmão dando um beijaço desse, será que seus conceitos seriam os mesmos?”<sup>145</sup> e ainda: “Na novela tudo bem, pode. Quero ver quando seu filho chegar em casa para dormir com amigo ... mas posta aqui a sua reação com toda sinceridade, porque de hipocrisia estamos bem cheios por aqui, é o que mais tem”<sup>146</sup>.

Esses últimos sujeitos são exemplo de quão nuançadas as temáticas da vida social abordada no campo ficcional podem ser. Aqui, o vínculo parece ser claro: o preconceito, por meio da hipotética não aceitação de um parente homossexual. A nosso

<sup>143</sup> Disponível em: < <http://televisao.uol.com.br/enquetes/2014/01/31/o-que-voce-achou-do-beijo-entre-Felix-e-niko.htm> >. Acesso em: 15 de janeiro de 2016.

<sup>144</sup> Disponível em: < <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/beijo-de-Felix-e-niko-reflete-momento-da-sociedade-diz-globo-2113> >. Acesso em: 15 de novembro de 2015.

<sup>145</sup> Disponível em: < <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/02/01/feliz-de-fazer-parte-desse-momento-diz-jean-wyllys-sobre-beijo-gay.htm> >. Acesso em: 15 de janeiro de 2016.

<sup>146</sup> Disponível em: < <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/02/01/estou-extasiado-diz-thiago-fragoso-sobre-repercussao-positiva-do-publico.htm#comentarios> >. Acesso em: 15 de janeiro de 2016.

ver, no entanto, há certa mistura com o medo de que a cena conceda autorização para que pessoas próximas a eles manifestem uma orientação sexual em desacordo com a norma. Para tanto, fazem uma diferenciação clara entre o “nós” e o “eles”.

O posicionamento, assim, parece-nos revelador de algo maior que o preconceito, aponta para o medo de que a cena cumpra o objetivo, descrito nos comentários iniciais, a saber: uma apropriação reflexiva que gere um movimento catártico de autoaceitação e identificação. E, assim, inicie um novo campo de possíveis que traz uma nova dinâmica nas relações sociais, estimulando a reconfiguração das identidades individuais e, por consequência, coletivas.

Embora seja uma cena ficcional e parte de um produto de entretenimento, ela também é enquadrada para alguns sujeitos como *fonte de informação necessária* no seio do ambiente familiar, mais do que isso, como uma oportunidade de adquirir conhecimento em casa sobre a diversidade existente no mundo.

Olha se fechar os olhos pra cenas assim fosse me impedir de ser lésbica eu estava cega já. Minha família é conservadora e preconceituosa e faziam muito isso comigo e isso não me impediu de nada. Abra a cabeça da sua criança pra não ter preconceito com ninguém, ou você vai ter que aguentar um dia sua filha se revoltando e brigando contra você por você ser preconceituosa. As crianças de hoje em dia e do futuro não vão tolerar preconceito com ninguém. E espero que você nunca deixe sua filha viajar também para outros países, porque lá andam milhares de *gays* e lésbicas nas ruas se beijando normalmente e andando de mãos dadas. E veja só, ela não vai sobreviver muito tempo longe das autoridades de lá se ela repudiar qualquer cena homossexual no exterior, uma vez que é crime. Pelo futuro dela, ainda há tempo de você mudar a cabeça dela pra ela se adaptar no mundo sem nada de ruim acontecer com ela, porque se você não ensinar, a vida vai ensinar.

E ainda: “O que vi foi que o autor procurou mostrar que na vida real existe muita diversidade: heterossexuais, homossexuais, gordos, magros, autistas, jovens, idosos, ricos, pobres, etc”.<sup>147</sup> Essas falas revelam a participação da experiência mediada na construção e experimentação do “eu”, do “nós” e do “eles”. Os sujeitos que manifestaram esses discursos *revelaram o papel de relevância informacional que a telenovela tem na sociedade e para esses sujeitos*. O vínculo que os une é alicerçado pela crença em um poder da telenovela em contribuir para enriquecer as relações intersubjetivas cotidianas, agregando novos códigos aos códigos morais existentes e novas possibilidades de ser, de se relacionar e de existir.

<sup>147</sup> Disponível em: < <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/02/01/walcyr-carrasco-diz-que-beijo-gay-foi-quebra-de-paradigma.htm> >. Acesso em: 10 de fevereiro de 2016.

Esta forma de vínculo e de compreensão da sexualidade possibilita fomento “à luta pelo reconhecimento das formações identitárias não hegemônicas — mulheres, jovens e não-heterossexuais — que passaram a contestar ‘as formas tradicionais’ (Igreja, família, comunidade) e ‘modernas’ (o Estado, a medicina e a psiquiatria) de regulação da sexualidade” (PRADO; MACHADO, 2008, p. 41).

Os enquadramentos apontados até aqui corroboram para afirmação de Marques (2002, p.3) de que mesmo que não haja uma identificação imediata com a experiência mostrada na telenovela, a movimentação de repertórios incitada pela história apresentada na tela, aponta para nossa dependência da aprovação alheia. E, assim, os discursos que tematizam a vida privada dos sujeitos, inevitavelmente, o fazem em relação à vida em sociedade, havendo um fluxo constante entre o sujeito *ser* em relação ao outro. Esse é um dos caminhos que nos mostram o fluxo hermenêutico constante do universo simbólico desencadeado pela cena, entre a vida íntima do sujeito e sua vida em sociedade.

Um segundo caminho, no entanto, emergiu em nossa análise. Embora esse acontecimento seja a representação de um ato privado (o beijo em si, a carícia entre duas pessoas), ele também flui para a esfera pública. Em primeiro lugar, por ser uma representação ficcional exibida no espaço de visibilidade ampliada da mídia. Em segundo, por se inscrever em um campo problemático público existente, campo esse que constitui foco de preocupações e discussões em arenas públicas e políticas. A homossexualidade, caracteriza-se como um tema de interesse geral e, portanto, constituidor de públicos.

Esse interesse tem por base a mobilização de movimentos sociais que lutam em prol da comunidade LGBT, da criminalização da homofobia e da busca pelo estabelecimento dos direitos civis que abarque as demandas específicas dessa comunidade (temas discutidos anteriormente nesta dissertação). A ascensão vertiginosa desse interesse se deu na segunda década dos anos de 2000, que trouxe consigo: a legalização do casamento homoafetivo, casos de pedido de adoção aprovados e, ainda, a submissão ao legislativo de diversos Projetos de Leis que abordavam as questões da homossexualidade, bem como o aumento da militância contrária a essas causas. A partir desse momento, diferentes vozes se articularam em torno da questão da homossexualidade, e a problemática passou a pertencer à agenda pública, dos media, das instituições, dos setores políticos, dos grupos e das associações dos cidadãos. Desde



então, as operações de enquadramento obedecem a essa lógica, de convocação de todo esse universo e, por consequência, de constituição de um público de interesse.

Como dito acima, então, considerar o tema da homossexualidade como parte de uma problemática não equivale a reforçar um peso negativo sobre o tema e sim afirmar que seu processo de existência e legitimação constitui foco de tensões e disputas simbólicas sociais, que demanda, inclusive, uma ação política. O que constitui um problema “varia historicamente em função da sensibilidade moral, dos valores ético-jurídicos, das regras sociais, das normas do direito, dos usos e costumes, da concepção que os cidadãos têm de si próprios e dos seus direitos fundamentais” (BABO-LANÇA, 2007, p.51), variações essas que fazem parte do universo simbólico da homossexualidade, como também apresentamos ao longo do primeiro capítulo. Os sujeitos que se vinculam, nesse caso, o fazem também por sofrem as consequências indiretas de atividades sociais conduzidas por outros e implicam-se ou empenham-se numa resolução (BABO-LANÇA, 2013, p.231). É desse vínculo firmado na busca de uma resolução que emergem os públicos. Cabe a ressalva de que cada problema pode apresentar diversas resoluções ideais, daí a tensão, a disputa e a emergência de públicos plurais.

Entendendo o que de fato consiste em dizer que a cena também se inscreveu em um campo problemático público, passemos então a essa verificação. Em nosso *corpus*, localizamos quatro enquadramentos que revelaram os seguintes problemas públicos: o desrespeito às minorias (na vida social e nas representações), a falta de regulamentação dos direitos civis, a invisibilização e o preconceito.

O primeiro enquadramento que localizamos foi o de que a cena consistiu no reconhecimento de um grupo dito de minoria e que, portanto, abarcou a diversidade: “primeiro foram os negros, depois as mulheres, depois os divorciados, finalmente no século 21 a humanidade se redimiou da aberração de ser intolerante com os *gays*”.<sup>148</sup> Mais do que uma aproximação, esse enquadramento passa a significar respeito com esse grupo. “Os homossexuais são cerca de 10% da população, a mídia não pode fingir que eles não existem... assim como não deveriam fingir que os negros não existem”.<sup>149</sup>

O reconhecimento, sob esse viés, está correlacionado ao segundo enquadramento que localizamos: o da visibilidade. Esse quadro revelou o problema da

<sup>148</sup> Disponível: < <http://televisao.uol.com.br/enquetes/2014/01/31/o-que-voce-achou-do-beijo-entre-Felix-e-niko.htm#comentarios>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2016.

<sup>149</sup> Disponível: < <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/02/01/feliz-de-fazer-parte-desse-momento-diz-jean-wyllys-sobre-beijo-gay.htm>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2016.

invisibilização ao sujeito homossexual e, principalmente, do relacionamento homoafetivo: “pra que *beijo gay* ou casamento *gay* se já houve aquela cena tão linda da conversa dos dois em casa? Valeu, não precisa nada disso mais”, resposta postada em seguida: “Quando encontrar alguém fique só conversando sobre coisas lindas em casa eternamente. Não precisa casar também, isso é bobagem”.<sup>150</sup>

Esse diálogo dá conta de demonstrar com exatidão o esforço de, por um lado, dizer que aceita o relacionamento, mas que não é necessária uma exposição de afeto. E, por outro, de mostrar que o relacionamento homoafetivo é como qualquer outro e, portanto, possui os mesmos elementos de outros relacionamentos: beijos, abraços, conversas. Assim, o segundo sujeito sugere que o primeiro se coloque no lugar do homossexual, numa tentativa de, por meio de ironia, fazer com que ele entenda que se trata de ato normal entre um casal. O diálogo entre esses dois internautas traz luz à tensão para o reconhecimento genuíno de uma relação, isto é, reivindicação de que o relacionamento homoafetivo tenha o direito de ser encarado de forma natural, como qualquer outro.

Amei o *beijo gay*. Já não era sem tempo. Depois de tantos comentários hipócritas, do tipo: " é o fim do mundo, o que será de nossas crianças" e outras aberrações, fica a pergunta: Crianças têm acesso à internet e já fazem suas escolhas antes mesmo de largarem suas chupetas. Na minha época existia censura; hoje em dia, os pais não impõem mais nada. E usam as crianças como artifícios para as coisas que a tv apresenta. Olhem suas crianças na internet, onde a sacanagem anda solta. Visitem mais as escolas onde as matriculam para saber se estão às voltas com drogas. Dominem seus horários, caso achem determinadas cenas pesadas. Ou, se for para serem conservadores, as proibam também de verem malhação, e cenas de triângulo amoroso, suruba e violência, que é o que mais se vê hoje em dia e a qualquer hora. Mas não me venham com seus argumentos medíocres por que dois personagens homossexuais se beijaram. Afinal, *gay beija, transa, come e dorme também, seus dinossauros*.<sup>151</sup>

Nesse viés, se o enquadramento da visibilidade na esfera privada tinha como foco o processo de autoaceitação, na esfera pública, a cena do beijo pode ser enquadrada como um ato político que tem como foco a subversão da invisibilidade social e o reconhecimento dos sujeitos pertencentes a grupos que compõem as chamadas minorias.

<sup>150</sup> Disponível: < <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/globo-adota-marketing-do-beijo-gay-e-grava-cena-secreta-hoje-2085>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2016.

<sup>151</sup> Disponível em: < <http://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/entretenimento/2014/01/31/internautas-comemoram-beijo-gay-entre-Felix-e-niko-em-amor-vida.htm>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2016.

Como é característico do problema público, esse quadro agencia também sujeitos não envolvidos diretamente no fenômeno, mas que compõem a temática de forma ampla, atuando nas arenas de debates. Um dos sujeitos que foi agenciado de forma indireta pela cena foi o deputado Marco Feliciano. Como apresentamos ao longo da pesquisa, o deputado, juntamente com a chamada bancada evangélica, é um militante contrário à causa, aos direitos e a visibilização da comunidade LGBT, de uma maneira mais ampla, mas não se envolveu diretamente com exibição da cena. Em sua conta no *twitter*, ele disse que estava sendo assediado por diversos jornalistas para falar a respeito da exibição, mas que ele não havia visto. Completou afirmando que não tinha nada a dizer sobre, pois não havia sido exibido em uma programação infantil, isso sim o incomodaria, mas que pelo horário da exibição, apenas adultos assistiram à cena.<sup>152</sup>

O quadro lançou luz, ainda, sobre a tensão existente entre o deputado e a comunidade LGBT, embates sérios que envolvem instituições políticas e religiosas que, como mostramos no primeiro capítulo, tem engavetado diversos projetos de lei e também causado a perda de diversas conquistas alcançadas pela comunidade LGBT.

Dessa forma, enquanto na esfera privada o que se mostrava proeminente era o movimento catártico íntimo, na esfera pública, o ponto de problematização é a necessidade de mostrar que o homossexual existe sim, com todas as características de qualquer outro sujeito que compõe a sociedade. E, portanto, que um relacionamento homoafetivo tem todas as características de qualquer outro relacionamento.

É dessa maneira que, nesse enquadramento, a cena flui de uma esfera social para uma esfera pública, pois tangencia a necessidade de ação política sobre a situação. Ela demanda que o poder público tome medidas que tornem em leis (e, portanto, irrevogáveis) as conquistas judiciais e, assim, se apliquem ações pedagógicas junto à população, visando ao esclarecimento sobre o que é a relação homoafetiva e também sobre o dever de se respeitar a diversidade de relacionamentos existentes na sociedade. Isto é, as decisões do Congresso, diferentemente das decisões do Judiciário, são antecedidas por um debate público que envolve o conjunto das forças políticas e promove, como consequência, um debate social que tem um valor pedagógico muito importante para combater os preconceitos e ajudar a construir uma sociedade mais justa.

---

<sup>152</sup> Disponível: < <http://f5.folha.uol.com.br/televisao/2014/02/1406200-ja-era-esperado-diz-marco-feliciano-sobre-beijo-gay-de-amor-a-vida.shtml> >. Acesso em: 15 de janeiro de 2016.

“Toda essa frescura pq mostraram um toque de lábios entre dois personagens cativantes que se apaixonaram e estão juntos como qualquer outro casal? É isso que eu denomino de inversão de valores”.<sup>153</sup>

Os vínculos que os sujeitos criam sob esse enquadramento, então, são firmados a partir da tentativa de ter o poder de decisão e controle, através do debate e da controvérsia, gerenciando o que pode e deve ser exposto e o que deve ser invisibilizado. Nesse caso, emerge, inclusive, outro público, o religioso, que tenta estabelecer o que é um amor válido e, portanto, detentor do direito à visibilização.

Outro enquadramento que identificamos, e que se desdobra dessa (in)visibilidade do relacionamento homoafetivo, diz da relação entre o homossexual e a unidade familiar. Ele revela-nos o campo problemático público da falta de regulação e direitos civis que concedam a esses indivíduos direitos e deveres nessa área específica. Em uma primeira camada, esse problema priva a sociedade de uma educação que corrobore para que o processo de “saída do armário” seja amparado, e a que assim o sujeito aceite a si próprio, receba aceitação da família e do restante da sociedade.

[A cena] foi um passo adiante e positivo na representação dos modos de vida homossexuais e da homoafetividade. Tem um efeito pedagógico para as próximas gerações e obriga as atuais a ao menos repensarem seus preconceitos. Foi um acréscimo de autoestima na vida dos *gays* e lésbicas, na medida que valorizou nossa forma de amar e nossos arranjos familiares<sup>154</sup>

Embora esse amparo pareça irrelevante, não é. Como apresentamos ao logo do primeiro capítulo, o fato de ser um sujeito que não se adequa à heteronormatividade atribui ao sujeito um status ou uma “identidade-social” (GOFFMAN, 1988, p.5) estigmatizados. Esse estigma é fonte de constante tensão para o sujeito homossexual, pois cabe a ele gerenciá-lo, em todos os seus contatos sociais, revelando ou encobrindo aquilo que lhe torna inabilitado para aceitação social plena (GOFFMAN, 1988, p. 51). Uma vez que se invista em novas representações dessa individualidade do sujeito LGBT, se torna possível que as representações ganhem uma nova existência na vida social, sejam ressignificadas, tornando-se um terreno comum mais amigável. E é justamente essa a importância de se problematizar a visibilidade conferida pelos meios de comunicação à multiplicidade de memórias e representações sobre a temática LGBT.

<sup>153</sup> Disponível: < <http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/pais-vive-sob-ataque-de-gays-maconheiros-e-abortistas-diz-lider-do-pmdb/> >. Acesso em: 15 de janeiro de 2016.

<sup>154</sup> Disponível em: < <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/02/01/feliz-de-fazer-parte-desse-momento-diz-jean-wyllys-sobre-beijo-gay.htm?abrefoto=1> >. Acesso em: 10 de fevereiro de 2016.

Em outra ponta há, na mesma camada, comentários não consensuais que fomentam a existência do problema, por achar que o estabelecimento desses direitos consiste em um “doutrinação *gay* enjoativo”<sup>155</sup> e, ainda, um “mal exemplo pra família brasileira”.<sup>156</sup>

Outra camada desse mesmo quadro é a do direito desse indivíduo de constituir sua própria família. Embora a maioria dos direitos já tenham sido conquistados no campo judiciário, não se pode dizer o mesmo do legislativo. É sobre a insegurança e a incerteza que os sujeitos LGBT constroem suas vidas e arranjos familiares, como foi mostrado na telenovela, não apenas na cena do beijo – que é uma composição familiar, na casa do casal, após se despedir dos filhos – como também, em toda a narrativa: na busca por uma “barriga de aluguel”, na dificuldade em adotar, na repreensão que outro personagem da trama sofre ao levar seu companheiro ao trabalho, mesmo que eles não tenham trocado qualquer carícia.

A persistência da existência desse problema fica perfeitamente clara quando analisamos o *corpus* e encontramos um número muito maior de fragmentos discursivos contrários a essa gama de direitos (adoção, homoparentalidade e casamento): “a decadência da família, como o deputado [Jean Wyllys] quer é uma escola para dar aval a corrupção de valores como está ocorrendo no país em toda a sua esfera política e social”, “Ninguém é contra as uniões em homossexuais, mas fazer disso uma plataforma é excrescência!”, “Você está sendo um Carrasco pra todas as famílias.”<sup>157</sup>

A existência de todos estes enquadramentos não exclui tantas outras possibilidades de (re)enquadramento. E, a nosso ver, todos os quadros acionados até aqui tangenciam o preconceito, a homofobia. Cada quadro possui sua relevância e importância, mas acreditamos que o preconceito mereça destaque por ser algo que se apresenta como pano de fundo de toda análise descrita até o momento.

Em todos os eventos acadêmicos aos quais essa pesquisa foi submetida, de forma prévia, houve sempre o questionamento se não haveria apenas dois enquadramentos possíveis, o dos sujeitos homofóbicos e o dos sujeitos não homofóbicos. De partida, já afirmamos que não. Ou não somente. Como apresentamos anteriormente, a homofobia consiste em um problema social e político dos mais graves,

---

<sup>155</sup> Disponível em: < <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/02/01/walcyr-carrasco-diz-que-beijo-gay-foi-quebra-de-paradigma.htm>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2016.

<sup>156</sup> Disponível em: < <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/02/01/walcyr-carrasco-diz-que-beijo-gay-foi-quebra-de-paradigma.htm>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2016.

<sup>157</sup> Disponível em: < <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/02/01/feliz-de-fazer-parte-desse-momento-diz-jean-wyllys-sobre-beijo-gay.htm#comentarios> > .Acesso em: 10 de fevereiro de 2016.

mas que varia de intensidade e frequência, de sociedade para sociedade. Como destacado anteriormente, Borrillo (2010, p.13) define a homofobia como a atitude de hostilidade contra as/os homossexuais. Essa hostilidade é mais que um medo de estar com uma pessoa homossexual ou que um ódio visceral por pessoas homossexuais. Para o autor, trata-se de um dispositivo ideológico que reúne crenças, preconceitos e convicções que se sobrepõem em atos, práticas e condutas. Esse comportamento avesso ao homossexual passa a ser um problema público quando sua existência se inscreve no campo da violência – física e psicológica – contra a pessoa. Quando se torna critério que exclui o homossexual de atividades ordinárias. Quando a orientação do sujeito passa a ser considerada como ponto central de sua identidade e isso é utilizado de forma negativa ou depreciativa. E esse problema demanda uma ação pública, a criminalização, o que ainda não aconteceu<sup>158</sup>.

Esse problema ganha as arenas de debate, por públicos que se vinculam na crença favorável ou contrária à criminalização. Sendo que os sujeitos contrários afirmam que não é necessária, pois a violência já é considerada crime. Os favoráveis à criminalização, no entanto, afirmam que esse argumento incorre em erro, pois a maioria dos crimes contra LGBTs são motivados por esses sujeitos serem LGBTs, há uma motivação específica, o ódio é direcionado. O homossexual possivelmente não seria uma vítima se sua orientação fosse diferente. Assim, o ato criminal também deveria ser tratado de forma específica, a exemplo dos crimes raciais.

Ao longo dessa análise foram expostas multiplicidades de formatos desse “ser contra a cena do beijo”. Há um espaço comum a todos esses posicionamentos que é o de que: *ser contrário diz de um repertório do sujeito que os doutrinou sobre as coisas da vida cotidiana, sobre o certo e o errado e enquadrou a homossexualidade como sendo errado*. O preconceito então estaria então ligado à “situação biográfica determinada” (Schutz, 1979, p.73), que corresponde à sedimentação de todas as experiências anteriores do sujeito, organizadas de acordo com o seu “estoque de conhecimento à mão”. É a situação biográfica de cada sujeito que resultará na eminente influência dos motivos, na direção, enfim, no modo como cada ator pensa e age no espaço social.

Assim, acreditamos que é preciso diferenciar os públicos emergentes desse fenômeno de forma muito mais profunda do que apenas como homofóbicos e não

---

<sup>158</sup> A proposta para a criminalização da conduta homofóbica se deu por meio da proposição do Projeto de Lei 122 (2001), pela então deputada Iara Bernardi (PT-SP). Em 2006, após cinco anos, foi aprovado pela Câmara dos Deputados, mas, ao chegar ao Senado Federal, o projeto foi estagnou.

homofóbicos. Um sujeito que vê a cena como a materialização de um pecado (no sentido cristão) não está necessariamente direcionando ódio ao indivíduo LGBT. Está apenas movimentando seu repertório à mão. Repertório esse que é fruto de uma instituição, a igreja. O sujeito supõe que quem procede de acordo com as indicações de uma determinada receita – nesse caso, a cristã – irá obter resultados correspondentes (SCHUTZ, 1979, p.80-81), nesse exemplo: a vida eterna ou o paraíso.

Da mesma forma ocorre com indivíduos que têm forte apego a normas e práticas tradicionalistas. Esses estilos de vida “são vistos como pressupostos porque se provaram eficientes até então e, sendo socialmente aprovados, são vistos como fatos que dispensam explicações ou justificativas” (SCHUTZ, 1979, p.80). Essa forma de pensar, segundo Schutz (1979), passa por uma compreensão enraizada no senso comum de que até segunda ordem o mundo vai continuar sendo, essencialmente, da mesma maneira como foi até aqui. A receita funciona, de um lado, como preceitos para as ações, e, de outro, também como forma de conservar as práticas tradicionais da vida social. Assim, é claramente perceptível que não se pode dividir todos os fragmentos coletados apenas como homofóbicos e não homofóbicos, mas que o posicionamento do sujeito é motivado por um repertório simbólico pré-existente.

Gostaríamos, então, de nos deter um pouco sobre esse repertório evidenciado nessa pesquisa, que afeta a sociedade e fomenta os processos de interpretação dos sujeitos. Abrimos essa pesquisa dizendo que a importância da comunicação em tratar da temática está no fato de que podemos contribuir para a desconstrução de cenários negativos que afetam os sujeitos LGBT. E, após mostrarmos como se deu a constituição de públicos, a afetação e o poder que essa cena teve de revelar problemas da sociedade, passaremos para nossa tentativa de reflexão sobre o problema por trás de todos os enquadramentos que identificamos e a real contribuição da comunicação.

### **5.3 A tríade que sedimenta o simbólico da sociedade: as práticas, os valores e as instituições**

Constatamos nas duas seções anteriores que o repertório acionado pelo sujeito no momento em que enquadra o acontecimento *beijo gay* tem como pano de fundo um universo simbólico permeado e sedimentado pela tríade: práticas, valores e instituições. Para chegarmos a essa identificação, passamos por um campo cujo conceito e as ações públicas a respeito se apresentam de forma um pouco acinzentada: o preconceito.

Identificamos que, embora esse seja um elemento presente de alguma forma em todos os enquadramentos ao longo da análise, ele não se apresenta no formato de crime de ódio em todo o tempo. Em alguns momentos, trata-se, claramente, de externalização de valores adquiridos de que a homossexualidade seja algo ruim ou errado. Essa classificação, no entanto, embora pareça simplista, não é. Explicaremos adiante.

Antes, no entanto, esclarecemos que não pretendemos aqui minimizar o impacto do preconceito sobre as sexualidades estigmatizadas, tampouco estamos menosprezando os sentimentos de quem sofre o preconceito diariamente. No entanto, com base em nossa análise, chamamos atenção para existência de um “algo a mais”. Nosso objetivo nessa pesquisa foi identificar como os sujeitos foram afetados pelo acontecimento *beijo gay* e o que esse acontecimento revelou da sociedade. Portanto, não podemos nos furtar de expor que o nível de afetação produzido, bem como o potencial de afetação de narrativas semelhantes, tem nuances mais profundas que simples divisões e nomenclaturas que definem alguém como homofóbico ou não homofóbico.

Em muitas dos discursos expressos por indivíduos que se apresentam, em primeira instância, como condenadores da comunidade LGBT, o que se verifica em suas falas, na verdade, são *valores* e não um sentimento de ódio para com o outro. O discurso aí não é algo que possamos entender a partir de uma análise que retoma os atos de fala, onde há apresentação de um argumento, seguido da possibilidade de contra argumentação, com objetivo se atingir um consenso. Estamos falando de asserções, concebidas a partir da articulação de experiências.

Ser adepto de um valor não é o mesmo que ter uma opinião, mas diz de uma ordem mais profunda, de uma certeza subjetiva, que desencadeia uma ligação intensa e afetiva com o que se acredita ou se sente. Portanto, não se trata de algo no campo da cognição, ou não apenas. Joas (2012, p. 252-255) acredita que a comunicação referente a valores possui três especificidades que as diferem de uma ação comunicativa concreta e que, portanto, merece uma apreciação diferenciada, são elas: primeiro, a intensidade afetiva de nossa adesão aos valores. Isto é, a adesão aos valores não acontece de forma puramente cognitiva ou racional, portanto, não é algo que possa ser explicado e que convença ou persuade a um interlocutor a ter o mesmo posicionamento do locutor. Há na adesão aos valores o fator da experiência e aquele que sofre essa experiência pode, no máximo, conseguir explicar de forma plausível ao outro seu posicionamento, mas como o outro não vivenciou a mesma experiência (e da mesma forma), não há



esperança – ou necessidade – de que tenham o mesmo grau de intensidade afetiva com tal valor.

O segundo fator dessa diferenciação é o *status de negação*. Isto é, a comunicação de valores possui uma forma própria de refutação. Sendo que essa frequentemente engloba a refutação do sujeito que questiona o valor, que é caro ao sujeito detentor desse valor, ao invés de refutar seus argumentos. A lógica que sustenta este *status* de negação é: “uma vez que, para nós, o bem possui a qualidade da evidência subjetiva, aquele que por si só não a compartilha, incorre por conta própria no âmbito do mal” (JOAS, 2012, p.254).

Já a terceira especificidade é o fato de que se deve levar em consideração que a constituição das adesões a valores e das especificidades de uma negação decorrerem de uma diferença adicional: a ligação do valor com outros considerados moralmente relevantes. Isto é, juízos de valor formam grupos e remetem a histórias, e se tornam plausíveis aos sujeitos, pois são passíveis de se construir discursos de como são necessários e as implicações de violá-los.

Assim, ao tratar de ações com bases em valores, entendemos que não estamos falando de um processo comunicacional no qual a contra-argumentação pode e tem a pretensão de fazer o interlocutor mudar de posicionamento, como acontece com as opiniões. Então, o que pode desconstruir certos valores e, em segunda instância, os preconceitos alicerçados nesses valores?

É nesse ponto que encontramos a relevância de narrativas como o *beijo gay* de *Amor à Vida*. Segundo as ideias de Joas (2012), apresentadas acima, o que faria esse posicionamento mudar seria a generalização de novos valores (positivos). Essa generalização se desenvolveria, então, por meio da produção de narrativas positivas. Nesse caso, a da produção de narrativas positivas sobre a dignidade da pessoa LGBT, assim como a trama se desenrolou.

A cena do chamado *beijo gay* proporcionou uma (nova) experiência e gerou reflexão por parte daqueles que a receberam. Ela se postou como uma narrativa de um ato normal entre um casal, a qual vai de encontro, por exemplo, com o valor moral de alguns sujeitos que atribuem ao relacionamento homossexual apenas atos promíscuos. E esse é o real sentido de uma “narrativa positiva”, não é necessariamente o “falar bem sobre”, mas o ato de introduzir uma narrativa que corte ou desconstrua uma imagem estigmatizada. Em nosso caso, a cena mostra que: *beijo gay* nada mais é que um beijo entre um casal, uma carícia que demonstra afeto. Nada a mais, nada a menos.

Voltando às proposições de Joas (2012), há a necessidade de atuação da tríade, tratada no início da seção, na exposição, criação e proliferação dessas narrativas. Para o autor, esses três elementos – as práticas, os valores e as instituições – são diferentes dimensões de um triângulo que pode garantir as conquistas e a estabilização das conquistas dos Direitos Humanos (grupo de direitos aos quais nosso tema se filia).

Assim, no primeiro ângulo, as práticas da vida cotidiana é que tornariam possível a experiência vivencial de um valor na vida cotidiana de cidadãos e cidadãs. Seria nesse ângulo que ocorreria a sensibilização para as experiências de injustiça, de violência e de sua articulação. Esse processo abre uma porta para adesão e generalização de determinados valores, na medida em que as experiências desempenham um papel motivador, ao encherem os agentes de entusiasmo e ou que os marcam com seus horrores. O segundo ângulo diz respeito à fundamentação argumentativa e das narrativas que fazem referência a determinado valor. Seria nessa dimensão que ocorreria a pretensão de validade universal, permeada pela narração. Já no terceiro ângulo, encontra-se o trabalho das instituições e a elaboração de normas. O trabalho realizado nesse ângulo permite que sejam concebidas codificações globais para que os sujeitos das mais diversas culturas se reportem aos mesmos direitos (JOAS, 2012, p. 275).

O autor define essas dimensões com um triângulo que permite o processo de sacralização da pessoa e seus direitos, os direitos humanos.

nos termos do triângulo composto de práticas, valores e instituições, a estabilização das conquistas alcançadas no processo de sacralização da pessoa só poderá ser bem-sucedida se acontecerem três coisas. No campo das práticas, trata-se da sensibilização para as experiências de injustiça e violência e de sua articulação. No âmbito dos valores, trata-se da fundamentação argumentativa da pretensão da validade universal, que, no entanto – como se pretendeu mostrar aqui –, não será possível sem que seja permeado com narração. E, no plano das instituições, trata-se de codificações nacionais bem como globais permitindo que pessoas de culturas bem diferentes se reportem aos mesmos direitos (JOAS, 2012, p. 275)

Ora, é da ordem dos sujeitos em foco em nosso objeto, os LGBT, a luta pela conquista e manutenção dos seus direitos. Sendo que, como abordamos no primeiro capítulo - de forma mais pontual e ao longo da pesquisa, de forma diluída -, são exatamente esses três ângulos que constituem pontos de tensão em relação à cena e à problemática como um todo, que engloba: a homossexualidade, a família homoafetiva e a homofobia. Também é da ordem da sociedade convocar exatamente essas dimensões e

suas nuances em seus discursos de legitimação ou deslegitimação, de concordância ou negativa tanto dos direitos quanto da visibilidade às lutas LGBT. E em nossa análise, foi possível perceber, de forma clara, a presença desses três elementos atuando exatamente como (des)estabilizadores do conceito de homossexualidade, nos discursos dos sujeitos que se viram incumbidos de significar a cena.

Isso ocorre porque, como afirma o autor, a

longo prazo, os direitos humanos, a sacralização da pessoa, só terão alguma chance se todos os três [práticas, valores e instituições] atuarem em conjunto. [Ou seja] se os direitos humanos tiverem suporte das instituições, e da sociedade civil, forem defendidos argumentativamente e se encarnarem nas práticas da vida cotidiana. (JOAS, 2012, p. 275)

Isto posto, entendemos que o poder das práticas e das instituições está no fato de que a experiência de encontro com uma narrativa alternativa demanda do sujeito uma busca por repertórios que o ajudem a entender o que está se passando ali. Essa busca, como foi possível verificar em toda análise, ocorre principalmente no campo das instituições – famílias, igrejas, partidos – e das práticas diárias. E, portanto, se esses elementos oferecerem subsídio ao sujeito, ele poderá se abrir para o novo, um novo valor.

Destacamos, ainda, que essas constatações que emergiram de nossa análise evidenciaram a importância de se pensar a cena do beijo como uma experiência acidental, como tratamos em nossa pesquisa, e não apenas como estudo de recepção. Pois, foi a emergência (inesperada) desta cena, em uma telenovela, que propiciou o encontro dessa nova narrativa sobre o relacionamento homossexual com sujeitos que, por seus valores, possivelmente jamais se disponibilizariam a presenciar algo semelhante em suas casas. Foi também sob esse viés acidental que a cena fez a sociedade falar a respeito e, por meio desse processo de conversação, localizamos, de forma surpreendente, instituições inusitadas que se apresentam como autoridades no assunto, como as torcidas organizadas. E, ainda, como efeito da afetação do devir da cena é que os sujeitos buscaram seus repertórios para embasar seus posicionamentos e isto nos possibilitou identificar que os discursos, em sua maioria, se assentavam em um sentido valorativo. O beijo foi um acontecimento, uma experiência e, como característica inerente a uma experiência, foi algo que transformou os sujeitos, na medida em que proporcionou uma lacuna na qual eles precisaram convocar narrativas passadas para compreender o que estava se passando ali .

Como um internauta relatou:

Percebo que muita gente não vê – ou não quer ver – o momento histórico de ontem à noite. E até entendo. Mas a verdade é que não importam os motivos da Globo, não importa que foi atrasado, e nem se foi mal feito, se a novela era ruim, ou qualquer outra coisa. O que importa é que um *beijo gay* – como consequência de uma história de amor construída ao longo de vários capítulos (e não para “causar”) – no horário nobre do mais visto canal de tv do Brasil é sim motivo de comemoração. Pois se meus avós viram, outros avós também viram. E outras pessoas que não tiveram a sorte que eu tive. E se elas aprovam ou não, a verdade é que este beijo, dentro da casa delas, é um sinal claro de que aquilo que antes ficava oculto, agora pode ser visto. Deve ser visto<sup>159</sup>.

Portanto, acreditamos que esse tipo de representação seja relevante, pois tem uma dimensão de afetação dos sujeitos e revela fatos sobre a sociedade, em uma esfera muito mais profunda que é a cultural. Ela proporciona um espaço de produção e ressignificação das narrativas que, por sua vez, possibilitam a proliferação e generalização de valores que podem desconstruir preconceitos, alicerçar e estabilizar o valor da dignidade da pessoa, em nosso caso, da pessoa LGBT.

---

<sup>159</sup> Disponível em < [https://www.facebook.com/renne.franca/posts/705734839449839?\\_\\_mref=message](https://www.facebook.com/renne.franca/posts/705734839449839?__mref=message)>. Acesso em: 31 de janeiro de 2016. Este depoimento faz parte de nossa coleta inicial e foi descartado como parte do corpus por não corresponder a todos os critérios estabelecidos por nós. No entanto, o retomamos nesse momento por sua qualidade de exemplificar com perfeição nossas considerações.

## Considerações Finais

A dissertação de mestrado aqui desenvolvida buscou analisar a experiência de interação entre a mídia e a sociedade a partir da emergência do acontecimento *beijo gay*, exibido no último capítulo da telenovela *Amor à Vida*. A proposta foi apreender como esse acontecimento constituiu e afetou os públicos e, de forma complementar, o que ele revelou da sociedade brasileira contemporânea. Ou seja, nosso interesse aqui consistiu em entender como esse acontecimento proporcionou um espaço comum de interesse e debate, e assim, constituiu públicos. E, de forma complementar, também buscamos apreender como esses públicos foram afetados por essa ocorrência e enquadraram esse acontecimento de formas distintas, tematizando a própria vida – particular –, e a vida social – pública.

Nosso percurso foi iniciado com a contextualização da homossexualidade, tanto em um breve recuo histórico, como por meio da exposição dos atuais embates sobre a temática, nas arenas midiáticas. Julgamos extremamente necessário essa exposição, ainda que tenha sido extensa, pois vivenciando todo este contexto efervescente estava o público de *Amor à Vida*, sobre o qual enfocamos nosso olhar.

Essa exposição foi seguida pela construção do referencial teórico e metodológico da pesquisa, apresentados nos três capítulos seguintes. Neles, discutimos a natureza acontecimental da cena do *beijo gay*, bem como o significado de agenciarmos este conceito. Isto é, indicamos que nessa empreitada cabia-nos a apreensão desse acontecimento, por sua dupla dimensão de poder: seu poder de afetação e seu poder hermenêutico.

Nessa linha, nossa explanação apresentou que uma das características do acontecimento é o fato de *acontecer a* e não apenas *acontecer*. Isso implica dizer que o acontecimento é constituidor de públicos. Assim, apresentamos diferentes tipos de abordagens e de estudos realizados no âmbito comunicacional, para refletir sobre o que são e como se unem os públicos. Em seguida, mostramos que, dentre todas essas perspectivas, nosso trabalho se filiou à vertente pragmatista, pois pensamos o público de *Amor à Vida* não como um agrupamento inerte, manipulável e que irá aceitar sem resistência o conteúdo que lhe foi exposto, mas sim como um público que elabora o que recebe e, a partir daí, se engaja no debate e na ação.

Essa abordagem nos despertou para as polarizações que ocorriam dentro desse terreno de interesse comum e, dessa forma, apresentamos algumas teorias sobre os processos de enquadramentos e interpretação.

A partir dessa discussão, construímos a grade analítica utilizada na pesquisa, embasada em teorias que enfocam o processo interpretativo, de individuação e significação de fenômenos de natureza acontecimental. Sendo composta por dois eixos centrais, que se dividiram em duas categorias de análise cada: no primeiro eixo, procuramos apreender a constituição dos públicos, bem como do universo simbólico que atravessa e convoca os sujeitos, a partir da emergência do acontecimento.

Para tanto, contamos com duas categorias de análise: *a) Descrição do acontecimento*: que implicou a verificação de como esse acontecimento foi nomeado e identificado pelos veículos de comunicação (nas matérias) e pelos sujeitos; *b) Descrição dos públicos*: que consistiu na identificação, por meio da autonegação ou de indícios deixados nos textos, do papel social (ativista, eleitor, político, religioso, espectador, outros) que o sujeito desempenhou ao comentar a cena do *beijo gay*. O segundo eixo consistiu na apreensão do *poder hermenêutico desse acontecimento*, no qual atentamos para duas dimensões: *a) Pública*: que implicou a verificação dos *campos problemáticos* em que os sujeitos inscreveram o acontecimento; *b) Privada*: que implicou a identificação de como sujeito acionou o acontecimento para tematizar a própria vida. Esta foi a grade que orientou nossa análise das dinâmicas de interpretação, afetação e formação de públicos. Esses dois eixos possibilitaram, ainda, apreender traços e valores que fundamentam uma sociedade e atuam na polarização dos públicos.

Nesta última seção da nossa pesquisa, além dessa retomada do percurso aqui realizado, gostaríamos de resgatar os principais achados da investigação e apontar algumas questões colocadas pelo objeto analisado. Isso será feito a partir de 5 eixos: **1)** Os poderes de afetação e revelação do acontecimento *beijo gay*; **2)** O que este acontecimento revelou dos valores sociais brasileiros, bem como do papel da experiência na adesão a esses valores; **3)** Importância da atuação da comunicação na constituição da multiplicidade de memórias alternativas; **4)** O potencial heurístico do conceito de acontecimento, a partir da observação de agenciamento do público; **5)** Apontamentos para futuras pesquisas

**1)** Como uma parte das repostas ao problema de pesquisa proposto, nosso primeiro tópico emerge evidenciando os dois poderes do acontecimento *beijo gay*: seu poder de afetação e seu poder hermenêutico. Em nosso primeiro eixo de análise

buscamos apreender como se deu essa afetação. Para tanto, localizamos as nomeações atribuídas pelos sujeitos ao *beijo gay* e assim foi possível entender quais esferas de sentido eles convocaram ao interpretarem esse fragmento da narrativa ficcional. Concedendo-nos, assim, a resposta sobre qual campo de sentido da vida desse sujeito foi afetado por essa cena.

De forma complementar, nesse mesmo eixo, evidenciamos, ainda, como esses sujeitos se automearam ao entrar no debate sobre a cena e, assim, identificamos qual papel social eles assumiram no processo de interpretação da cena. Esse papel se tornou uma evidência importante para entender o sistema de relevância destes sujeitos, ou seja, a hierarquia e o grau de adesão desse sujeito aos valores que subsidiam seus argumentos.

Assim, nossa análise revelou que a cena afetou os públicos (em esferas diferentes, variando de acordo com cada sujeito) e, assim, convocou os sujeitos a um espaço de debate, sendo, portanto constituidora de público. Esse público manteve vínculos em dois níveis: o primeiro se desenrolou de forma não homogênea, consistiu no interesse primário dos sujeitos pela cena. Mas, não necessariamente, mantinham uma mesma linha de reflexão e concordância. O segundo nível consistiu na polarização dos públicos já agenciados pela cena. Uma vez estabelecido o interesse de todos que foram convocados e se apresentaram para o debate, foi perceptível que os discursos se polarizaram em torno de algumas representações sociais (estigmatizada ou positiva) e valores. Neste segundo nível, não houve, necessariamente, uma aproximação física dos sujeitos (semelhante ao primeiro nível), mas a convocação de conteúdo simbólico semelhante.

E assim, para fins analíticos, quando um tipo de enquadramento da cena era evidenciado de forma recorrente em diversos discursos (mesmo que proferidos por sujeitos desconhecidos entre si), entendíamos que ali estava um ponto polarizante. Localizamos, então, os seguintes quadros de sentidos, que serviam como aglutinadores dos públicos: o *quadro cultural*, que agregou sujeitos que nutriram avaliações críticas (positivas e negativas) sobre a cena, abordando uma dimensão qualitativa e estética. As críticas se dirigiam ao produto.

O segundo quadro localizado foi o *político social*, no qual os sujeitos se agruparam pela emissão de opiniões que tangenciavam práticas políticas institucionais, bem como a legislação brasileira. Esse público se formou a partir da relativização das leis e das possibilidades futuras de manutenção ou alterações dessas, em prol da (ou

contra a) comunidade LGBT e, também, da (in)visibilização da comunidade LGBT como estratégia de manutenção de valores pessoais.

O terceiro quadro que emergiu em nossa análise foi o *ético-moral*. Neste quadro, os sujeitos apresentavam discursos que os posicionavam como reguladores, vigilantes e mantenedores dos valores da sociedade brasileira. Por meio de seus discursos, os sujeitos se polarizaram pela reivindicação da (não) exposição do relacionamento homossexual. A tensão dentro do grupo pareceu-nos evidenciar a exigência pela manutenção do acordo tácito da não exposição de carícias entre os homossexuais, por medo de igualá-los ao relacionamento hétero e, assim, aqueles teriam o mesmo sentido destes.

Assim, filiando-nos à perspectiva pragmatista, acreditamos que nosso primeiro eixo de análise permitiu que evidenciássemos como o acontecimento estabeleceu públicos (no plural) como uma modalidade de experiência, a partir da afetação destes públicos.

Observando mais de perto essas polarizações, foi que emergiu nosso segundo eixo de análise: o poder de revelação desse acontecimento. Nesse eixo, nossa empreitada foi a de mostrar como a reação dos sujeitos evidenciava questões diversas da sociedade. Ainda que nosso recorte seja limitado a alguns portais e determinados fragmentos discursivos, entendemos que esse material foi capaz de elucidar questões configuradoras do contexto social em que vivemos. Conforme tratamos anteriormente, a reflexão sobre o processo de interpretação desse acontecimento elucidou que os sujeitos se colocam em um ambiente comum de debate, embasado pelo acontecimento que os agenciou. No entanto, os posicionamentos dos sujeitos não foram homogêneos e, ao apresentarem seus argumentos, eles indicavam em seus discursos os repertórios que estavam sendo movimentados e se polarizavam a partir desse repertório simbólico. Nessa constante ressignificação do acontecimento, os sujeitos o utilizavam para tematizarem a própria vida e/ou inscrevem o fenômeno em um campo social.

As (re)significações que ocorreram em um âmbito privado atribuíram à cena o sentido de: *um momento catártico, facilitador do processo de autoaceitação do sujeito LGBT* e como *fonte de informação necessária* no seio do ambiente familiar. Os sujeitos que se vincularam nessas atribuições evidenciaram a necessidade de representatividade e de constituições de memórias alternativas que dialoguem com a realidade. Ao continuarem o processo de res(significação), a cena foi inscrita também em um campo problemático público, onde não apenas os interesses dos diretamente envolvidos em seu



desenrolar foram revelados, mas da sociedade. Assim, em nosso *corpus*, localizamos quatro enquadramentos que revelaram os seguintes problemas públicos: *o desrespeito às minorias* (na vida social e nas representações), *a falta de regulamentação dos direitos civis LGBT*, *a invisibilização* e *o preconceito*.

Foi a partir da observação dessa dinâmica que ora inscrevia a ocorrência em uma esfera pessoal, ora em uma esfera pública, que nos foi possível constatar que as dinâmicas dos públicos promoviam um encontro entre dramas íntimos e coletivos, revelando questões pessoais e sociais. Chamou-nos atenção, ainda, o fato de que todos esses eixos, apareceram subsidiados pelos mesmos fatores, os quais trataremos em nosso próximo tópico.

2) A dinâmica de polarização dos públicos revelou-nos que havia uma tríade sustentando todos os posicionamentos, a saber: instituições, práticas e valores. A partir dessa identificação, ficou claro para nós que nosso público não se resumia a homofóbicos e não homofóbicos, mas que havia algo mais profundo em seus vínculos.

A partir da discussão realizada por Joas (2012), conseguimos apreender a profundidade desses vínculos e, mais que isso, a sua natureza. Segundo o autor, essa tríade sustenta o repertório simbólico da sociedade a tal ponto que podem proporcionar manutenção, estabilização ou desconstrução dos Direitos Humanos. De forma mais detalhada, verificamos que, ao contrário das opiniões, a adesão aos valores é fruto de experiências. Isso é, os valores que conduzem os sujeitos não serão mudados apenas com uma contra argumentação, mas necessitarão de uma experiência. Ainda que esse valor seja claramente prejudicial ou preconceituoso em relação aos demais sujeitos.

Temos aí duas descobertas: a primeira é que esse é o motivo pelo qual não é possível dividir os públicos de *Amor à Vida* apenas como homofóbicos ou não. Por exemplo, um sujeito que possui valores cristãos ortodoxos, quando desaprova a cena, pode apenas estar exprimindo uma das características de um dos seus valores, subsidiado, inclusive, por uma instituição – nesse caso, a igreja – que possui discursos de ligação transcendente com seus seguidores. A outra descoberta é que esse sujeito tem sua própria experiência de adesão a esse valor, não se pode alterar isso apenas com uma argumentação contrária. Aqui há uma ligação pessoal. No entanto, pode-se submeter o sujeito a uma nova experiência, que proporcione a ele a possibilidade de aderir a novos valores. Nesse sentido, experiências como as proporcionadas pela exibição da cena são extremamente positivas, pois possibilitam afetação dos sujeitos.

3) Indubitavelmente, outro achado de pesquisa diz da atuação da comunicação na multiplicidade de memórias e a necessidade dessas. Ainda no início da nossa pesquisa, ao começarmos a verificar o porquê dessa cena ter tido uma repercussão tão intensa, fomos convocados à verificação comparativa das representações que já haviam acontecido. Nos dois sentidos da palavra representação: a do papel do personagem e a da carga simbólica que está sendo apresentada. Assim, foi possível perceber de forma clara que os personagens se enquadravam em estereótipos específicos e apresentavam uma carga simbólica que pouco variava. Sendo a telenovela um importante produto cultural e com forte influência na vida social, essas eram as representações que ganhavam fôlego no imaginário coletivo partilhado.

Embora esse achado não tenha emergido de forma intencional, ele se entrecruzou com toda a nossa discussão e evidenciou algumas outras questões. A primeira é o poder que o narrador tem de não apenas contar uma história, mas defini-la como a *única história*. Assim, quando observamos os enquadramentos negativos e pejorativos aos quais a maioria das representações estava submetida de forma repetida ao longo dos anos e das tramas, fica a sensação de uma exposição que reforça um entendimento errôneo sobre o que vem a ser um relacionamento homoafetivo.

Em outra ponta, sabemos que por se tratar de um programa televisivo, há implicações e interesses econômicos que emergem da exibição da novela, assim, a vontade do público passa a ser um termômetro. Isso fica extremamente visível quando comparamos as duas notas que a Globo soltou, uma após o cancelamento do *beijo gay* da minissérie *Clandestinos*, a outra, após a exibição do *beijo gay* de *Amor à Vida*, citadas no capítulo dois dessa pesquisa. Ambas atendem à agenda pública midiática. Em outras palavras, a emissora opta por exibir ou não cena, de acordo com o desejo do seu telespectador. Evidenciando, assim, as (complexas) dinâmicas de sociabilidade onde ocorrem a produção e a reprodução de sentidos.

Assim, o terceiro ponto é que, a produção de narrativas pode ser uma ferramenta de reafirmação de representações. E, as produções de (novas) narrativas também podem ser instrumentos de generalização de valores que alterem a realidade social contemporânea.

4) A quarta contribuição dessa pesquisa é para o campo da comunicação, ao trabalharmos uma cena ficcional como um acontecimento. Essa contribuição se consolida por meio da escolha da abordagem teórica que subsidiou nossa pesquisa. Segundo Dewey (2010), a experiência é uma transação entre criatura viva e ambiente,

ambos sofrem e constituem igualmente o processo. Apreendemos a cena como esse momento de interação entre a telenovela e seu espectador, uma experiência na qual ambos participam igualmente na (re)configuração de sentidos.

A cena do beijo, nosso objeto, teve grande repercussão e destaque ao apresentar sentidos diferentes dos recorrentes/tradicionais, tornando-se uma experiência que se destacou das experiências cotidianas. Procurando analisar essa ocorrência, através desse destaque, dessa ruptura com a continuidade, foi que agenciamos o conceito de acontecimento. A abordagem não jornalística deste conceito é recente, embora não seja um conceito novo. Assim, ressalta-se a importância para o campo comunicacional de pesquisas com esse conceito que tem se apresentado com um grande potencial heurístico (FRANÇA, 2012; SIMÕES, 2012a, 2014) para a análise de fenômenos que movimentam e constroem a vida social.

5) Para além das contribuições apresentadas nos itens anteriores, gostaríamos de finalizar nossa pesquisa apontando para o campo de possíveis que ela inaugurou. Embora nosso recorte seja limitado, acreditamos que nossa pesquisa aponta para a possibilidade de que, em produções acadêmicas, se façam abordagens das produções midiáticas para além do momento de interação com seu público, mas englobando também o campo de possíveis que se abre nessa interação, em especial, a possibilidade de (des)construção de valores prejudiciais à sociedade. Em outras palavras, parece-nos que esta pesquisa abre caminho para observação da *generalização de valores* (JOAS, 2012) que ocorre como reverberação da experiência acontecimental de interação entre a mídia e a sociedade. Em especial de pautas que tratam de minorias e movimentos sociais. Conhecer e difundir esse potencial das produções midiáticas pode incentivar produções com essa responsabilidade social.

## Referências

- ACSELRAD, Marcio; MOTA, Savio Félix. **Algumas considerações sobre a história e a atualidade do conceito de 'massa' para a teoria da comunicação**. Intexto, n. 24, p. 5-17, 2011
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Filosofia da Nova Música**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Teoria da cultura de massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Minima Moralia**. São Paulo: Ática, 1992.
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- ALBUQUERQUE, José A.G. **Gênero, Sexualidade e Sexo: três dimensões da diferenciação sexual**. Rio de Janeiro: Taurus, 1987.
- ALMEIDA, Roberto Edson. **A performance dos públicos midiáticos e a constituição social de valores: o caso Alberto Cowboy**. 2009, 169f, Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- ARENDT, H. **Compréhension et politique**. *Espirit*, 6, pp. 66-79. 1980.
- ARIÈS, Philippe, BÉJIN, André (orgs.). **Sexualidades ocidentais**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 198
- BABO-LANÇA, Isabel. **A configuração dos acontecimentos públicos: o " caso República" e as manifestações nos Açores em 1975**. Minerva Coimbra, 2006.
- BABO-LANÇA, Isabel. **Problema Público Processos de Enquadramento: o caso Madeleine McCann**. *Revista Trajectos*, n. 11, p. 47-66, 2007.
- BABO-LANÇA, Isabel. **O acontecimento e os seus públicos**. *Comunicação e Sociedade*, v. 23, p. 218-234, 2013.
- BARBOSA, Marialva. **História da Comunicação no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- BATESON, Gregory. (2002), "Uma teoria sobre brincadeira e fantasia", in B. T. Ribeiro e P. M. Garcez (orgs.), **Sociolinguística interacional**, 2. ed., São Paulo, Loyola.
- BENTO, Berenice. **O que pode uma teoria?** Estudos transviados e a despatologização das identidades trans. *Revista Florestan*, n. 2, 2014a, p. 46-66.
- BENTO, Berenice. **Nome social para pessoas trans: cidadania precária e gambiarra legal**. *Revista Contemporânea*, v. 4, n. 1, 2014b, p. 165-182.
- BENTO, Berenice. **Queer o quê?** Ativismo e estudos transviados. *Revista Cult*, edição 193, 2014c.

BERGANZA CONDE, Maria. Hacia una recuperación del pensamiento de los pioneros: el concepto de comunicación en la teoría sociológica de Robert E. Park. In: **Comunicación y Sociedad**, v. 12, n. 1, 1999, p.49-76.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**. Espanha: Bellaterra, 2001.

BRANDÃO, Ana Maria. **E se tu fosses um rapaz? Homo-erotismo feminino e construção social da identidade**. Cap. 4 – (Re)construindo uma identidade. Edições Afrontamento, 2010, p. 145-178.

BUTLER, Judith. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. New York: Routledge, 1990.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira. **O corpo educado – Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

BREMMER, Jan. Pederastia grega e homossexualismo moderno. In: BREMER, J. (Org.). **De Safo a Sade: momentos da história da sexualidade**. Campinas: Papyrus, 1991.

CARVALHO, Carlos Alberto de. **Jornalismo, homofobia e relações de gênero**. Curitiba: Appris, 2012.

CHARAUDEAU, Patrick. **O Discurso das Mídias**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

COHN, Gabriel. Escola de Frankfurt, in Citelli, Adilson; Berger, Christa; Baccega, Maria Aparecida; Vassalo de Lopes, Maria Immacolata; França, Vera Veiga. (orgs.) **Dicionário de comunicação: escolas, teorias e autores**. São Paulo, Editora Contexto, 2014, p. 147-163.

COLLING, Leandro. 2007. **Personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo: criminosos, afetados e heterossexualizados**. *Revista Gênero*, 8:207-222

COSTA, Jurandir Freire. **A construção cultural da diferença dos sexos**. Sexualidade, Gênero e Sociedade, Rio de Janeiro, ano 2, n. 3, jun. 1995a.

\_\_\_\_\_. **A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II**. São Paulo: Escuta, 1995b.

\_\_\_\_\_. O referente da identidade homossexual. In: PARKER, R.; BARBOSA, R. (Org.). **Sexualidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Abia: IMS/UERJ, 1996.

\_\_\_\_\_. **A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

DARDE, Vicente. "A construção de sentidos sobre a homossexualidade na mídia brasileira". **Revista Em Questão**, Porto Alegre. Jul.-dez. 2008. Vol. 14, n. 2, p. 223-234. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/3109>>.

DEFLEUR, Melvin, BALL-ROKEACH, Sandra. **Teorias da Comunicação de Massa**. 5. edição, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993

DEWEY, John. **The public and its problems**. Chicago: Swallow Press, 1954.

DEWEY, John. Tendo uma experiência. In: LEME, Murilo O. R. P. **Os Pensadores**. São Paulo: *Abril Cultural*, 1980. p. 89-105.

DEWEY, John. L'acte d'expression. In: \_\_\_\_\_. **L'art comme expérience**. Pau: Farrago, 2005. p. 85-110.

DEWEY, John. **A arte como experiência**. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Editora Martins, 2010.

DRESCHER, Jack. **A History of Homosexuality and Organized Psychoanalysis**. Journal of American Academy of Psychoanalysis, Bloomfield, CT, v. 36, n. 3, p. 443-460, Fall 2008.

DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo. Companhia das letras, 1999.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-americana**. Distribuidora Autentica LTDA, 2013.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. "Estudos Culturais Ingleses". in Citelli, Adilson; Berger, Christa; Baccega, Maria Aparecida; Vassalo de Lopes, Maria Immacolata; França, Vera Veiga. (orgs.) **Dicionário de comunicação: escolas, teorias e autores**. São Paulo, Editora Contexto, 2014, p. 249-255

FERNANDES, Cíntia San Marin. Ação comunicativa e comunidade reflexiva: uma nova abordagem para se pensar a dinâmica entre meios de comunicação de massa, espaço público e diversidade cultural no Brasil. In: INTERCOM-SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO. XXIV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2011. *Anais...* Disponível em: [www.intercom.org.br/papers/xxiv-ci/np01/NP1FERNANDES.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/xxiv-ci/np01/NP1FERNANDES.pdf). Acesso em. 2016.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. **Jornalismo e vida social**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1998.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. QUÉRÉ, Louis. Dos modelos da comunicação. **Revista Fronteiras**, São Leopoldo: UNISINOS, v. V, n. 2, p. 37-51, dez. 2003.

\_\_\_\_\_. Sujeitos da comunicação, sujeitos em comunicação. In: GUIMARÃES, C.; FRANÇA, V. **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 60-88.

\_\_\_\_\_. Interações comunicativas: a matriz conceitual de G.H.Mead. In: PRIMO, A. et al (Org.) **Comunicação e Interação**. Porto Alegre: Sulina, 2008a. p. 71-92.

FRANÇA, Vera Regina Veiga; ALMEIDA, Roberto. O acontecimento e seus públicos: um estudo de caso. Contemporanea: **Revista de Comunicação e Cultura**, Salvador, v. 6, n. 2, dez. 2008b.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. A TV e a dança dos valores: roteiro analítico para tratar da relação entre televisão e sociedade. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga; CORRÊA, Laura Guimarães. (Org.). **Mídia, instituições e valores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012 a.p. 37-51.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. O acontecimento para além do acontecimento: uma ferramenta heurística. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga; OLIVEIRA, Luciana de (Org.). **Acontecimento: reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012b. p. 39-51.

FRY, P. **Para inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.

FONSECA, Rodrigo et al. O LUGAR DA AUDIÊNCIA NOS ESTUDOS DA COMUNICAÇÃO. **Revista Mediação**, v. 4, n. 3, 2003.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade III**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

GOFFMAN, Ervin. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

GOMES, Carla Reis. "Origens do conceito de opinião pública: um diálogo com Hannah Arendt e Jürgen Habermas. v28,n46,p43-56. **Comunicação & Sociedade** 28.46 (2013): 43-56.

GRIJÓ, Wesley Pereira; SOUSA, Adam Henrique Freire S. 2011. Homossexuais nas telenovelas: a representação nas produções da TV Globo na década de 2000. In: SEMINÁRIO DOS ALUNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL DA PUC-RIO, 8, Rio de Janeiro, 2011. **Anais...** Rio de Janeiro, p. 1-12

GUIMARÃES, César. O campo da comunicação e a experiência estética. In: WEBER, M. et alii (org.). **Tensões e objetos da comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

HABERMAS, J. (1980). **A crise de legitimação do capitalismo tardio**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.

HABERMAS, J. (1984). *The theory of communicative action. Vol 1. Reason and the rationalization of society*. Boston, Beacon Press.

HABERMAS, J. (1987a). *The theory of communicative action. Vol 2. Lifeworld and system: A critique of functionalist reason*. Boston, Beacon Press.

HABERMAS, J. (1987b). A nova intransparência. A crise do Estado de bem-estar social e o esgotamento das energias utópicas. In: **Novos Estudos. Cebrap**. São Paulo, 18: 103-114, Setembro.

HABERMAS, J. (1987c). **Técnica e ciência como "ideologia"**. Lisboa, Edições 70.

HALL, Stuart. Da diáspora: **Identidades e mediações culturais**. Trad. Adelaine La Guardia Resende...[et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 20

HARAWAY, Donna. A cyborg manifesto. In: BELL, D.; KENNEDY, B.(Orgs.). *The cybercultures reader*. London: Routledge, 2000.

HOUAISS, A; VILLAR, M.S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HEILBORN, Maria Luiza. Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade social. In: PARKER, R.; BARBOSA, R. (Orgs.). **Sexualidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; ABIA: IMS/UERJ, 1996.

JACKS, Nilda Aparecida; ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Comunicação e recepção**. Hacker, 2005.

JOAS, Hans. **A Sacralidade da Pessoa: Nova Genealogia dos Direitos Humanos**. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

JODELET, Denise. **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2001.

LAGE, Leandro Rodrigues; SALGADO, Tiago Barcelos Pereira. 2011. Por uma abordagem pragmatista dos acontecimentos. Entrevista com Louis Quéré. **Revista Eco Pós**, 14 : 176- 183. Disponível em: <http://www.pos.eco.ufrj.br/ojs-2.2.2/index.php?journal=revista&page=article&op=viewFile&path%5B%5D=449&path%5B%5D=467> . Acesso em: 01 de junho de 2015.

LANE, Sílvia. Processo Grupal. In: LANE, Sílvia et al. **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 78-98.

LARDINOIS, André. Safo lésbica e Safo de Lesbos In: **De Safo a Sade – Momentos na história da sexualidade**, Bremmer, J. (org.) - Editora Papirus, Campinas-SP, 1995.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo; BORELLI, Sílvia Helena Simões; DA ROCHA RESENDE, Vera. **Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade**. Summus Editorial, 2002.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo. A telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. **Revista Comunicação & Educação**, 25. São Paulo, jan/abr de 2003.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org.). **Telenovela: internacionalização e interculturalidade**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria *queer*: uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas** [on-line], v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.

MCQUAIL, D. **Teoria da Comunicação de Massas**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

MAAR, Wolfgang Leo. “Ação Comunicativa”, in Citelli, Adilson; Berger, Christa; Baccega, Maria Aparecida; Vassallo de Lopes, Maria Immacolata; França, Vera Veiga. (orgs.) **Dicionário de comunicação: escolas, teorias e autores**. São Paulo, Editora Contexto, 2014, p. 12-25.

**Manual de Comunicação LGBT**, produzido pela Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, 2010.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. Da Esfera Cultural à Esfera Política: a representação da homossexualidade nas telenovelas e a busca por reconhecimento. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – *Anais...* Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. **Da esfera cultural à esfera pública : representações de grupos de sexualidade estigmatizada nas telenovelas e a busca**



**por reconhecimento.** 2003. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social)-Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

MARQUES, Darciele Paula; LISBÔA FILHO, Flavi Ferreira. A telenovela brasileira: percursos e história de um subgênero ficcional. **Revista Brasileira de História da Mídia.** V.1. n.2. juldez/2012. Porto Alegre / São Paulo: ALCAR / Socicom, 2011

MARQUES, A. C. S. **Acontecimento e criação de comunidades de partilha:** o papel das ações comunicativas, estéticas e políticas. In: FRANÇA, Vera Veiga; OLIVEIRA, Luciana de (Orgs.). **Acontecimento: reverberações.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012, v. , p. 143-156.

MARTÍN-BARBERO, Jesus e REY, Germán. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva.** São Paulo: Ed. Do SENAC, 2000.

MEAD, George Hebert. 1932. **The philosophy of the present.** . La Salle (Illinois): Open Court

MEAD, George Hebert. (1973). **Espiritu, persona y sociedad: desde el punto de vista del conductismo social.** Buenos Aires: Paidós

MENDONÇA, Ricardo Fabrino. **Movimentos Sociais como acontecimentos: linguagem e espaço público.** Lua Nova, v. 72, p. 115-142, 2007.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino. “**Reconhecimento e Deliberação: as lutas das pessoas atingidas pela hanseníase em diferentes âmbitos interacionais**”. Tese (Doutorado em Comunicação Social) — FAFICH, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

MOREIRA FILHO, Francisco Carlos; MADRID, Daniela Martins. **A homossexualidade e a sua história.** 2008. Disponível em:  
[www.intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/viewFile/1646/1569](http://www.intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/viewFile/1646/1569).

MORIGI, Valdir Jose. Teoria Social, Comunicação: Representações Sociais, Produção de Sentidos e Construção dos Imaginários Midiáticos. **Revista Eletrônica E-compos.** n.01. Dezembro. 2004. Disponível em:  
<http://www.compos.org.br/seer/index.php/ecompos/article/view/9/10>. Acesso em: setembro de 2014.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, Serge. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In: JODELET, Denise. (org.). **As Representações Sociais.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

\_\_\_\_\_. **Representações sociais: investigações em Psicologia Social.** Petrópolis: Vozes, 2003.

MOUILLAUD, Maurice (org.). **O jornal: da forma ao sentido.** 2.<sup>a</sup> ed. Brasília: UnB, 2002.

MOTTER, Maria Lourdes. A telenovela: documento histórico e lugar de memória. In: **Revista USP/Coordenadoria de Comunicação Social, Universidade de São Paulo.** n. 48. São Paulo: USP, dez/fev. 2000-2001. p. 74-87.

NUNAN, Adriana. **Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo.** Rio de Janeiro; Caravansarai, 2003.

NUNAN, Adriana. **Homossexualidade e Discriminação: o Preconceito Sexual Internalizado**. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2007. Disponível em: <[http://www2.dbd.pucRio.br/pergamum/tesesabertas/0311039\\_07\\_pretextual.pdf](http://www2.dbd.pucRio.br/pergamum/tesesabertas/0311039_07_pretextual.pdf)>. Acesso em 6 nov. 2011

PARK, Robert E. **The Crowd and the Public and Other Essays**. Chicago: Chicago University Press. 1972. 1a ed, Berna, 1903.

PARK, Robert E. **The Collected Papers Robert E. Park I**, Glencoe. The Free Press, 1950.

\_\_\_\_\_. **The Collected Papers Robert E. Park II**, Glencoe. The Free Press, 1953.

\_\_\_\_\_. **The Collected Papers Robert E. Park III**, Glencoe. The Free Press, 1955.

\_\_\_\_\_ and BURGUESS, Ernest W. **The City**. Chicago: Chicago University Press, 1925.

\_\_\_\_\_. **The immigrant Press and its Problem**. New York, 1921.

\_\_\_\_\_. News a form of knowledge. A Chapter of knowledge. In: **On control and collective behavior**. Selected Papers. TURNER, Ralph H. (Ed.), Chicago: Phoenix Books and University of Chicago Press, 2a ed, 1969.

\_\_\_\_\_. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo da sociologia do conhecimento. In: STEINBERG, Charles (Org.) **Meios de Comunicação de Massa**. São Paulo: Cultrix,s/d. p.168

PASSOS, Maria Consuelo (2005). **Homoparentalidade: uma entre outras formas de ser família**. *Psicol. clin.*, 17, (2), 31-40.

PERET, Luiz Eduardo Neves. **Do armário à tela global: a representação social da homossexualidade na telenovela brasileira**. 2005. Dissertação de Mestrado em Comunicação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

POLLAK, Michael. A Homossexualidade Masculina, ou: a felicidade do gueto? In: AIRES, P & BEJIN, A. (Orgs.) **Sexualidades Ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. **Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade**. São Paulo: Cortez, 2008

POGREBINSCHI, Thamy. **Pragmatismo: teoria social e política**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005

QUÉRÉ, Louis. 1991. **De um modelo epistemológico da comunicação a um modelo praxiológico**. Tradução de Vera Lúcia Westin e Lúcia Lamounier. [Original: D'un modèle épistemologique de la communication à un modèle praxéologique. *Réseaux*, 46/47, Paris, Tekhné, mar-abril 1991

QUÉRÉ, Louis. **D'un modèle épistemologique de la communication à un modèle praxéologique**. *Réseaux*, Paris: Tekhné, 46/47, p. 69-90, mar-abril 1991.

QUÉRÉ, Louis. L'événement. Introduction. In: BEAUD, Paul et al. (orgs.). **Sociologie de la communication**. Paris: Réseaux / CNET, 1997.

QUÉRÉ, Louis. L'individualisation des événements dans le cadre de l'expérience publique. In: BOURDON, P. et al (Org.). **Processus du sens**. Paris, L'Harmattan, 2000. p. 1-23.

QUÉRÉ, Louis. Le public comme forme et comme modalité d'expérience. In : CEFAÏ, Daniel ; PASQUIER, Dominique. (Orgs.). **Les sens du public. Publics politiques, publics médiatiques**. Paris: Presses universitaires de France, 2003. p. 113-134.

QUÉRÉ, Louis. Entre o facto e o sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação**, Lisboa, n. 6, p. 59-75 , 2005.

QUÉRÉ, Louis. O caráter impessoal da experiência. In: LEAL, Bruno S.; GUIMARÃES, César G.; MENDONÇA, Carlos M. C. (Orgs.) **Entre o sensível e o comunicacional**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 19-38.

QUÉRÉ, Louis. Les formes de l'événement. Pour un réalisme pragmatiste. In: II CIS: **Acontecimento: reverberações**, 2011, Belo Horizonte, MG. p. 1-24

QUÉRÉ, Louis. A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmatista. In: FRANÇA, Vera R. V.; OLIVEIRA, Luciana de. (orgs.). **Acontecimento: reverberações**. B. Hte: Autêntica, 2012, p. 21-38.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: WMF; Martins Fontes, 2012.

ROBERT E. PARK e ERNEST W. BURGESS, **Introduction to the Science of Sociology**, University of Chicago. Press, Chicago, 1921, pág. 832.

ROCHA, Simone Maria. **Análise de conteúdo articulada à análise de gênero televisivo: proposta metodológica para interpretação das representações nas narrativas mediáticas**. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/b3jpx/pdf/gomes-9788523208806-14.pdf>> . Acessado pela última vez em: 17 set 2013

RODRIGUEZ, Brunella Carla e PAIVA, Maria Lucia de Souza Campos. **C. Um estudo sobre o exercício da parentalidade em contexto homoparental**. **Vínculo** [online]. 2009, vol.6, n.1, pp. 13-25.

ROUDINESCO, Elizabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SALGADO, Tiago Barcelos Pereira. A constante experiência do self: aproximações conceituais entre Dewey e Mead. **Verso e Reverso**, v. 26, n. 62, p. 83-91, 2012.

SCHUTZ, Alfred. **El problema de la realidad social**. Escritos I. Buenos Aires (Argentina): Amorrortu, 2003.

SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SCHRÖDER, Ulrike. Do uni-verso ao multi-verso: a relevância de Alfred Schütz para pesquisas no campo da Comunicação. **Contracampo**, vol. 14, p. 201-214, 2006.

SEMIN, G. Protótipos e representações sociais. In: JODELET, D. (org.). **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

SIMÕES, Paula Guimarães. A produção discursiva de "Porto dos Milagres", diálogo com a realidade social e construção da identidade nacional. **Anais... XXVI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO**, Belo Horizonte-MG, setembro de 2003. São Paulo: Intercom, 2003

SIMÕES, Paula Guimarães. A mídia e a construção das celebridades: uma abordagem praxiológica. **Revista Comunicação e Filosofia**, v. 17, 2009.

SIMÕES, Paula Guimarães. **O acontecimento Ronaldo: a imagem pública de uma celebridade no contexto social contemporâneo**. 2012, 282f. 2012. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Comunicação Social)-Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012a.

SIMÕES, Paula Guimarães. Acontecimento e trajetória de vida: a construção de uma celebridade carismática. **Contemporânea -Revista de Comunicação e Cultura**, v. 10, n. 2, p. 410-428, 2012b.

SIMÕES, Paula Guimarães. Acontecimento, mídia e experiência: uma perspectiva para a análise das celebridades. **Revista Teoria & Sociedade**, 2012c.

SIMÕES, Paula Guimarães. O privado em público: reflexões sobre a construção das celebridades na contemporaneidade. **Revista Interin**, v. 13, n. 1, 2012d.

SIMÕES, Paula Guimarães. O acontecimento e o campo da Comunicação. In: FRAÇA, Vera. ALDÉ, Alessandra. RAMOS, Murilo (org.) **Teorias da Comunicação no Brasil – reflexões contemporâneas**. Salvador. Compôs, 2014

SODRÉ, Muniz. Eticidad y campo comunicacional sobre la construcción del objeto. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo; NAVARRO, Raúl Fuentes (Orgs.). **Comunicación: campo y objeto de estudio. Perspectivas reflexivas latinoamericanas**. México: Universidad de Guadalajara, 2001. p. 149- 150.

SPENCER. Colin (1999). **Homossexualidade: uma história**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

TERTO JUNIOR, Veriano de Souza . Homossexualidade e saúde: desafios para a terceira década de epidemia do HIV/AIDS. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 8, n. 17, p. 147-158, jun. 2002.

TONDATO, Marcia Perencim. Gêneros televisivos–do melodrama à complexidade virtual: retomada dos formatos ficcionais. **Tríade: Revista de Comunicação, Cultura e Mídia** -ISSN 2318-5694, v. 2, n. 4, p. 77-91, 2014.

TONIETTE, Marcelo. **Significados e sentidos de uma construção social a partir da trajetória de um militante**. Dissertação de mestrado. Programa de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano. São Paulo: USP, 2003.

THOMPSON, John. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

VILALBA, R. **Teoria da Comunicação: conceitos básicos**. São Paulo: Ática, 2006.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão**. São Paulo: Ática, 1996.

## Legislação

CLASSIFICAÇÃO Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde – CID 10. Disponível em: < <http://www.datasus.gov.br/cid10/V2008/cid10.htm> >. Acesso em: 10 de fevereiro de 2016

PROJETO de Lei 6583/13. Disponível em: < <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=597005> >. Acesso em: 10 de fevereiro de 2016

RESOLUÇÃO CFP nº 001/99 - Conselho Federal de Psicologia. Disponível em: [http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999\\_1.pdf](http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf) >. Acesso em: 10 de fevereiro de 2016

RESOLUÇÃO nº 175, de 14 de maio de 2013. Disponível em: < <http://www.cnj.jus.br/busca-atos-adm?documento=2504> > Acesso em: 10 de fevereiro de 2016

LEI nº 10.406 de 10 de janeiro de 2002. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/L10406.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10406.htm) >. Acesso em: 10 de fevereiro de 2016

## Sites

Agência Brasil: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2015-03/levy-fidelix-e-condenado-pagar-r-1-milhao-por-declaracoes-homofobicas>

BBC: [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/09/140929\\_salasocial\\_eleicoes2014\\_fidelix\\_gays\\_rs](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/09/140929_salasocial_eleicoes2014_fidelix_gays_rs)

Câmara dos Deputados: <http://www2.camara.leg.br>

EBC: <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2012-10-17/ibge-identifica-60-mil-casais-gays-no-pais> >

Globo TV: <http://globo.com/rede-globo/amor-a-vida/v/Felix-afirma-que-niko-mudou-a-sua-vida/3117924/>

Gshow: <http://gshow.globo.com/programas/webseries/historias-de-amor-a-vida/episodio/24-01-2014/>

Grupo Gay da Bahia: <http://www.ggb.org.br/ggb.html>

Interagentes: <http://interagentes.net/>

IPEA: [http://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327\\_sips\\_violencia\\_mulheres.pdf](http://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres.pdf)

Raquel Recuero < <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/2014/02/final-de-amoravida-e-beijaFelixeniko.html> >

Revista Super Interessante: <http://super.abril.com.br/ciencia/homossexualidade-e-doenca>

Secretária de Direitos Humanos: <http://www.sdh.gov.br/>

Supremo Tribunal Federal (STF): <http://stf.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/20627236/acao-direta-de-inconstitucionalidade-adi-4277-df-stf>

Supremo Tribunal Justiça (STJ):  
[http://www.stj.jus.br/sites/STJ/default/pt\\_BR/noticias/noticias/Destaques/STJ-reconhece-possibilidade-de-parceiro-homossexual-pedir-pens%C3%A3o-aliment%C3%ADcia](http://www.stj.jus.br/sites/STJ/default/pt_BR/noticias/noticias/Destaques/STJ-reconhece-possibilidade-de-parceiro-homossexual-pedir-pens%C3%A3o-aliment%C3%ADcia)

O GLOBO: <http://oglobo.globo.com/brasil/campanha-nossafamiliaexiste-reune-fotos-de-casais-homoafetivos-se-preparando-para-natal-14770714>

TedX- Palestra: O perigo de uma história única – Chimamanda Adiche  
[http://www.ted.com/talks/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story?language=pt-br](http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br)

<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/levy-fidelix-e-a-suposta-homofobia-na-democracia-dizer-besteira-e-diferente-de-praticar-crime-ou-uma-oab-covarde-vai-a-justica-contra-fidelix-uma-oab-corajosa-iria-a-justica-contra-dilma-rousseff/>

## Referências do corpus

### Internet

#### Portal Terra

Alheio ao beijo de Félix e Niko, Cássio ganha fama de homofóbico. Disponível em: <  
<http://diversao.terra.com.br/tv/bbb/espiao-bbb14/blog/2014/02/01/alheio-ao-beijo-de-Félix-e-niko-cassio-ganha-fama-de-homofobico/>> Acesso em: 10 de fevereiro de 2016

Em nota, TV Globo diz que *beijo gay* entre Félix e Niko é fruto de “sensibilidade do autor”. Disponível em: <  
<http://terramagazine.terra.com.br/blogterramagazine/blog//2014/02/01/em-nota-tv-globo-diz-que-beijos-gay-entre-Félix-e-niko-e-fruto-de-sensibilidade-do-autor/>> Acesso em: 10 de fevereiro de 2016

Famosos comemoram *beijo gay* em 'Amor à Vida'; "muito feliz", diz Fragoso. Disponível em: <  
<http://diversao.terra.com.br/tv/novelas/amor-a-vida/famosos-comemoram-beijo-gay-em-amor-a-vida-muito-feliz-diz-fragoso,25e9bd0443de3410VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>> Acesso em: 10 de fevereiro de 2016

Mulher de Mateus Solano posta foto com marido e Fragoso: #BeijaFélixENiko. Disponível em: <  
<http://diversao.terra.com.br/tv/novelas/amor-a-vida/mulher-de-mateus-solano-posta-foto-com-marido-e-fragoso-beijaFélixeniko,0f31be0c4fce3410VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>> Acesso em: 10 de fevereiro de 2016

#### Portal UOL

Atendendo apelo do público Globo encerra Amor à Vida com *beijo gay*. Disponível em: < <http://f5.folha.uol.com.br/televisao/2014/01/1405920-atendendo-ao-apelo-de-publico-globo-encerra-amor-a-vida-com-beijo-gay-entre-Felix-e-niko.shtml> > Acesso em: 10 de fevereiro de 2016

Amor à Vida: Globo regrava cena de beijo entre Félix e Niko. Disponível em: < <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/amor-a-vida-globo-regrava-cena-de-beijo-entre-Felix-e-niko-2100> > Acesso em: 10 de fevereiro de 2016

“Amor à Vida” entra para a história com o *beijo gay*. Disponível em: < <http://nilsonxavier.blogosfera.uol.com.br/2014/01/31/amor-a-vida-entra-para-a-historia-com-o-beijo-gay/> > Acesso em: 10 de fevereiro de 2016

A Copa do Mundo já começou, diz Daniela Mercury sobre *beijo gay* ... Disponível em: < <http://f5.folha.uol.com.br/televisao/2014/02/1406278-a-copa-do-mundo-ja-comecou-diz-daniela-mercury-sobre-beijo-gay-de-amor-a-vida.shtml> > Acesso em: 10 de fevereiro de 2016

Amor à Vida discutiu homofobia com 'profundidade', diz autor. Disponível em: < <http://f5.folha.uol.com.br/televisao/2014/02/1406210-o-amor-na-nossa-epoca-e-multiplo-afirma-diretor-de-amor-a-vida.shtml> > Acesso em: 10 de fevereiro de 2016

Beijo de Félix e Niko é cena histórica em novela e quebra tabu na Globo. Disponível em: < <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/01/31/beijo-de-Felix-e-niko-e-assunto-mais-comentado-no-ultimo-capitulo.htm> > Acesso em: 10 de fevereiro de 2016

Beijo de Félix e Niko reflete 'momento da sociedade', diz Globo. Disponível em: < <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/amor-a-vida-termina-com-beijo-gay-mas-sem-recorde-de-audiencia-2113> > Acesso em: 10 de fevereiro de 2016

Beijo de Niko e Félix marca história; relembre outros casais gays da TV brasileira. Disponível em: < <http://virgula.uol.com.br/diversao/televisao/beijo-de-niko-e-Felix-marca-historia-relembre-outros-casais-gays-da-tv-brasileira> > Acesso em: 10 de fevereiro de 2016

*Beijo gay*: relembre as bitocas que rolaram nas superproduções e entraram para a história. Disponível em: < <http://virgula.uol.com.br/lifestyle/gay/relembre-os-beijos-gay-das-superproducoes-que-entraram-para-historia> > Acesso em: 10 de fevereiro de 2016

BEIJOS POLÊMICOS: AS RELAÇÕES HOMOAFETIVAS NAS SÉRIES DE TV. Disponível em: < <http://teleseries.uol.com.br/beijos-polemicos-as-relacoes-homoafetivas-nas-series-de-tv/> > Acesso em: 10 de fevereiro de 2016

Confirmado: Amor à Vida terminará com *beijo gay* entre Félix e Niko. Disponível em: < <http://caras.uol.com.br/tv/famosos-comentam-o-beijo-de-niko-e-Felix-na-novela-amor-vida#.VCcy2GddWNY> > Acesso em: 10 de fevereiro de 2016

Com *beijo gay*, "Amor à Vida" registra 44 pontos de audiência. Disponível em: < <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/01/31/com-beijo-gay-amor-a-vida-registra-44-pontos-de-audiencia.htm> > Acesso em: 10 de fevereiro de 2016

Dentro da Globo falam em *beijo gay*, Félix e Niko, no capítulo de hoje. Disponível em: < <http://televisao.uol.com.br/colunas/flavio-ricco/2014/01/31/dentro-da-globo-falam-em-beijo-gay-Felix-e-niko-no-capitulo-de-hoje.htm> > Acesso em: 10 de fevereiro de 2016

Internautas comemoram *beijo gay* entre Félix e Niko em "Amor à Vida". Disponível em:< <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/01/31/internautas-comemoram-beijo-gay-entre-Felix-e-niko-em-amor-a-vida.htm> > Acesso em: 10 de fevereiro de 2016

"Estou em prantos!", diz Jean Wyllys sobre *beijo gay* em "Amor à Vida". Disponível em: < <http://f5.folha.uol.com.br/televisao/2014/01/1406106-estou-em-prantos-diz-jean-wyllys-sobre-beijo-gay-em-amor-a-vida.shtml> > Acesso em: 10 de fevereiro de 2016

"Estou extasiado", diz Thiago Fragoso sobre repercussão positiva do público. Disponível em: < <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/02/01/estou-extasiado-diz-thiago-fragoso-sobre-repercussao-positiva-do-publico.htm> > Acesso em: 10 de fevereiro de 2016

"Feliz de fazer parte desse momento", diz Jean Wyllys sobre *beijo gay*. Disponível em: < <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/02/01/feliz-de-fazer-parte-desse-momento-diz-jean-wyllys-sobre-beijo-gay.htm> > Acesso em: 10 de fevereiro de 2016

"Falamos com sinceridade e pureza do amor entre dois homens", diz Wolf Maia. Disponível em: < <http://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/entretenimento/2014/02/01/falamos-com-sinceridade-e-pureza-do-amor-entre-dois-homens-diz-wolf-maia.htm> > Acesso em: 10 de fevereiro de 2016

Fernanda Machado diz que noivo ficou amigo de Mateus Solano. Disponível em: < <http://celebridades.uol.com.br/noticias/redacao/2014/02/01/fernanda-machado-diz-que-noivo-ficou-amigo-de-mateus-solano.htm>

Globo adota 'marketing do *beijo gay*' e grava cena 'secreta' hoje. Disponível em: < <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/globo-adota-marketing-do-beijo-gay-e-grava-cena-secreta-hoje-2085> > Acesso em: 10 de fevereiro de 2016

Já era esperado', diz Marco Feliciano sobre *beijo gay* de 'Amor à Vida'. Disponível em: < <http://f5.folha.uol.com.br/televisao/2014/02/1406200-ja-era-esperado-diz-marco-feliciano-sobre-beijo-gay-de-amor-a-vida.shtml> > Acesso em: 10 de fevereiro de 2016

'Já era esperado', diz Marco Feliciano sobre *beijo gay* de 'Amor à Vida'. Disponível em: < <http://atarde.uol.com.br/cultura/televisao/noticias/1565626-internautas-aprovam-beijo-gay-em-amor-a-vida> > Acesso em: 10 de fevereiro de 2016

Marcello Antony diz que teria dado *beijo gay* se fosse preciso. Disponível em: < <http://virgula.uol.com.br/diversao/televisao/marcello-antony-diz-que-teria-dado-beijo-gay-se-fofosse-preciso> > Acesso em: 10 de fevereiro de 2016

"Não tem importância se tiver *beijo gay* ou não", diz Rosamaria Murtinho . Disponível em: < <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/02/01/nao-tem-importancia-se-tiver-beijo-gay-ou-nao-diz-rosamaria-murtinho.htm> > Acesso em: 10 de fevereiro de 2016

Nada de *beijo gay* nas minhas novelas', desdenha Aguinaldo Silva. Disponível em: < <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/nada-de-beijo-gay-nas-minhas-novelas-desdenha-aguinaldo-silva-2118> > Acesso em: 10 de fevereiro de 2016

"Não sei se fiz história; é tudo tão efêmero", diz Mateus Solano. Disponível em: < <http://f5.folha.uol.com.br/colunistas/vivianmasutti/2014/02/1406365-nao-sei-se-fiz-historia-e>



[tudo-tao-efemero-diz-mateus-solano-sobre-beijo-gay-de-amor-a-vida.shtml](#) > Acesso em: 10 de fevereiro de 2016

Os famosos comentam o beijo de Niko e Félix na novela Amor à Vida. Disponível em: < <http://caras.uol.com.br/tv/famosos-comentam-o-beijo-de-niko-e-Félix-na-novela-amor-vida> > > Acesso em: 10 de fevereiro de 2016

O que você achou do beijo entre Félix e Niko? Disponível em: < <http://televisao.uol.com.br/enquetes/2014/01/31/o-que-voce-achou-do-beijo-entre-Félix-e-niko.htm> > Acesso em: 10 de fevereiro de 2016

O amor na nossa época é múltiplo, afirma diretor de 'Amor à Vida'. Disponível em: < <http://f5.folha.uol.com.br/televisao/2014/02/1406210-o-amor-na-nossa-epoca-e-multiplo-afirma-diretor-de-amor-a-vida.shtml> > Acesso em: 10 de fevereiro de 2016

Parabéns Globo! Público comemora *beijo gay* entre Félix e Niko em "Amor à Vida"; reveja a cena! . Disponível em: < <http://acapa.virgula.uol.com.br/cultura/parabens-globo!-publico-comemora-beijo-gay-entre-Félix-e-niko-em-amor-a-vida-reveja-a-cena!/3/4/23685> > Acesso em: 10 de fevereiro de 2016

Público de "Amor à Vida" pede beijo de Félix e Niko nas redes sociais. Disponível em: < <http://natelinha.ne10.uol.com.br/novelas/2014/01/31/publico-de-amor-a-vida-pede-beijo-de-Félix-e-niko-nas-redes-sociais-70801.php> > Acesso em: 10 de fevereiro de 2016

País vive sob ataque de gays, maconheiros e abortistas, diz líder do PMDB. Disponível em: < <http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/pais-vive-sob-ataque-de-gays-maconheiros-e-abortistas-diz-lider-do-pmdb/> > Acesso em: 10 de fevereiro de 2016

Solano ganha "status de Carminha" e grava entrevista para o "Fantástico". Disponível em: < <http://televisao.uol.com.br/colunas/flavio-ricco/2014/02/01/solano-ganha-status-de-carminha-e-grava-entrevista-para-o-fantastico.htm> > Acesso em: 10 de fevereiro de 2016

"Todos têm de aprender a conviver", diz Walcyr Carrasco sobre críticas a *beijo gay*. Disponível em: < <http://virgula.uol.com.br/diversao/televisao/todos-tem-de-aprender-conviver-diz-walcyr-carrasco-sobre-criticas-beijo-gay> > Acesso em: 10 de fevereiro de 2016

“Vannucci Responde”: Vai ser comum na Globo *beijo gay*?. Disponível em: < <http://blog.jovempan.uol.com.br/parabolica/vannucci-responde-vai-ser-comum-na-globo-beijo-gay/> > Acesso em: 10 de fevereiro de 2016

Walcyr Carrasco diz que *beijo gay* foi "quebra de paradigma". Disponível em: < <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/02/01/walcyr-carrasco-diz-que-beijo-gay-foi-quebra-de-paradigma.htm> > Acesso em: 10 de fevereiro de 2016